Contos de Natal Portugueses
Coletânea de Histórias, Textos, Lendas e Poemas

CONTOS DE NATAL PORTUGUESES

Coletânea de Histórias, Textos, Lendas e Poemas

de vários autores clássicos portugueses

Esta obra respeita as regras

do Novo Acordo Ortográfico

O SUAVE MILAGRE

De Eça de Queirós

Nesse tempo Jesus ainda se não afastara da Galileia e das doces, luminosas margens do lago de Tiberíade — mas a notícia dos seus milagres penetrara já até Enganim, cidade rica, de muralhas fortes, entre olivais e vinhedos, no país de Issacar.

Uma tarde um homem de olhos ardentes e deslumbrados passou no fresco vale, e anunciou que um novo profeta, um rabi formoso, percorria os campos e as aldeias da Galileia, predizendo a chegada do Reino de Deus, curando todos os males humanos. E, enquanto descansava, sentado à beira da Fonte dos Vergéis, contou ainda que esse rabi, na estrada de Magdala, sarara da lepra o servo de um decurião romano, só com estender sobre ele a sombra das suas mãos; e que noutra manhã, atravessando numa barca para a terra dos Gerasenos, onde começava a colheita do bálsamo, ressuscitara a filha de Jairo, homem considerável

e douto que comentava os livros na sinagoga. E como em redor, assombrados, seareiros, pastores, e as mulheres trigueiras com a bilha no ombro, lhe perguntassem se esse era, em verdade, o Messias da Judeia, e se diante dele refulgia a espada de fogo, e se o ladeavam, caminhando como as sombras de duas torres, as sombras de Gog e de Magog — o homem, sem mesmo beber daquela água tão fria de que bebera Josué, apanhou o cajado, sacudiu os cabelos, e meteu pensativamente por sob o aqueduto, logo sumido na espessura das amendoeiras em flor. Mas uma esperança, deliciosa como o orvalho nos meses em que canta a cigarra, refrescou as almas simples: logo, por toda a campina que verdeja até Áscalon, o arado pareceu mais brando de enterrar, mais leve de mover a pedra do lagar: as crianças, colhendo ramos de anémonas, espreitavam pelos caminhos se além da esquina do muro, ou de sob o sicômoro, não surgiria uma claridade, e nos bancos de pedra, às portas da cidade, os velhos, correndo os dedos pelos fios das barbas, já não desenrolavam, com tão sapiente certeza, os ditames antigos.

Ora então vivia em Enganim um velho, por nome Obed, de uma família pontifical de Samaria, que sacrificara nas aras do monte Ebal, senhor de fartos rebanhos e de fartas vinhas — e com o coração tão cheio de orgulho como seu celeiro de trigo. Mas um vento árido e abrasado, esse vento de desolação que ao mando do Senhor sopra das torvas terras de Assur, matara as reses mais gordas das suas manadas, e pelas encostas onde as suas vinhas se enroscavam ao olmo, e se estiravam na latada airosa, só deixara, em torno dos olmos e pilares despidos, sarmentos de cepas mirradas, e a parra roída de crespa ferrugem. E Obed, agachado à soleira da sua porta, com a ponta do manto sobre a face, palpava a poeira, lamentava a velhice, ruminava queixumes contra Deus cruel.

Apenas ouvira porém desse novo rabi da Galileia que alimentava as multidões, amedrontava os demónios, emendava todas as desventuras — Obed, homem lido, que viajara na Fenícia, logo pensou que Jesus seria um desses feiticeiros, tão costumados na Palestina, como Apolónio, ou rabi Ben-Dossa, ou Simão, «o Subtil». Esses, mesmo nas noites tenebrosas, conversam com as estrelas, para eles

sempre claras e fáceis nos seus segredos; com uma vara afugentam de sobre as searas os moscardos gerados nos lodos do Egipto; e agarram entre os dedos as sombras das árvores, que conduzem, como toldos benéficos, para cima das eiras, à hora da sesta. Jesus da Galileia, mais novo, com magias mais viçosas decerto, se ele largamente o pagasse, sustaria a mortandade dos seus gados, reverdeceria os seus vinhedos. Então Obed ordenou aos seus servos que partissem, procurassem por toda a Galileia o rabi novo, e com promessa de dinheiros ou alfaias o trouxessem a Enganim, no país de Issacar.

Os servos apertaram os cinturões de couro — e largaram pela estrada das caravanas, que, costeando o lago, se estende até Damasco. Uma tarde, avistaram sobre o poente, vermelho como uma romã muito madura, as neves finas do monte Hérmon. Depois, na frescura de uma manhã macia, o lago de Tiberíade resplandeceu diante deles, transparente, coberto de silêncio, mais azul que o céu, todo orlado de prados floridos, de densos vergéis, de rochas de pórfiro, e de alvos terraços por entre os palmares, sob o voo das rolas. Um pescador que desamarrava

preguiçosamente a sua barca de uma ponta de relva, assombreada de aloendros, escutou, sorrindo, os servos. O rabi de Nazaré? Oh! Desde o mês de Ijar, o rabi descera, com os seus discípulos, para os lados para onde o Jordão leva as águas. Os servos correndo, seguiram pelas margens do rio, até adiante do vau, onde ele se estira num largo remanso, e descansa, e um instante dorme, imóvel e verde, à sombra dos tamarindos. Um homem da tribo dos Essénios, todo vestido de linho branco, apanhava lentamente ervas salutares, nela beira da água, com um cordeirinho branco ao colo. Os servos humildemente saudaram-no, porque o povo ama aqueles homens de coração tão limpo, e claro, e cândido como as suas vestes cada manhã levadas em tanques purificados. E sabia ele da passagem do novo rabi da Galileia que, como os Essénios, ensinava a doçura, e curava as gentes e os gados? O Essénio murmurou que o rabi atravessara o oásis de Engaddi, depois se adiantara para além... — Mas onde, além? — Movendo um ramo de flores roxas que colhera, o Essénio mostrou as terras de além-Jordão, a planície de Moab. Os servos vadearam o rio — e debalde procuravam Jesus, arquejando pelos rudes trilhos, até às fragas onde se

ergue a cidadela sinistra de Makaur... No Poço de Jacob repousava uma larga caravana, que conduzia para o Egipto mirra, especiarias e bálsamos de Gilead, e os cameleiros, tirando a água com os baldes de couro, contaram aos servos de Obed que em Gadara, pela lua nova, um rabi maravilhoso, maior que David ou Isaías, arrancara sete demónios do peito de uma tecedeira, e que, à sua voz, um homem degolado pelo salteador Barrabás se erguera da sua sepultura e recolhera ao seu horto. Os servos, esperançados, subiram logo açodadamente pelo caminho dos peregrinos até Gadara, cidade de altas torres, e ainda mais longe até às nascentes de Amalha... Mas Jesus, nessa madrugada, seguido por um povo que cantava e sacudia ramos de mimosa, embarcara no lago, num batel de pesca, e à vela navegara para Magdala. E os servos de Obed, descoroçoados, de novo passavam o Jordão na Ponte das Filhas de Jacob. Um dia, já com as sandálias rotas dos longos caminhos, pisando já as terras da Judeia Romana, cruzaram um fariseu sombrio, que recolhia a Efraim, montado na sua mula. Com devota reverência detiveram o homem da Lei. Encontrara ele, por acaso, esse profeta novo da Galileia que, como um deus passeando na Terra,

semeava milagres? A adunca face do fariseu escureceu enrugada — e a sua cólera retumbou como um tambor orgulhoso:

— Oh escravos pagãos! Oh blasfemos! Onde ouvistes que existissem profetas ou milagres fora de Jerusalém? Só Jeová tem força no seu Templo.

De Galileia surdem os parvos e os impostores...

E como os servos recuavam perante o seu punho erguido, todo enrodilhado de dísticos sagrados — o furioso doutor saltou da mula e, com as pedras da estrada, apedrejou os servos de Obed, uivando: « Racca! Racca!» e todos os anátemas rituais. Os servos fugiram para Enganim. E grande foi a desconsolação de Obed, porque os seus gados morriam, as suas vinhas secavam — e todavia, radiantemente, como uma alvorada por detrás de serras, crescia, consoladora e cheia de promessas divinas, a fama de Jesus da Galileia. Por esse tempo, um centurião romano, Públio Sétimo, comandava o forte que domina o vale de Cesareia, até à cidade e ao mar. Públio, homem áspero, veterano da campanha de Tibério contra os Partos, enriquecera durante a revolta de Samaria com presas e

saques, possuía minas na Ática e gozava, como favor supremo dos deuses, a amizade de Flaco, legado imperial da Síria.

Mas uma dor roía a sua prosperidade muito poderosa como um verme rói um fruto muito suculento. A sua filha única, para ele mais amada que vida ou bens, definhava com um mal subtil e lento, estranho mesmo ao saber dos esculápios e mágicos que ele mandara consultar a Sídon e a Tiro. Branca e triste como a lua num cemitério, sem um queixume, sorrindo palidamente ao seu pai definhava, sentada na alta esplanada do forte, sob um velário, alongando saudosamente os negros olhos tristes pelo azul do mar de Tiro, por onde ela navegara de Itália, numa galera enfestoada. Ao seu lado, por vezes, um legionário, entre as ameias, apontava vagarosamente ao alto a flecha, e varava uma grande águia, voando de asa serena, no céu rutilante. A filha de Sétimo seguia um momento a ave torneando até bater morta sobre as rochas — depois, mais triste, com um suspiro, e mais pálida, recomeçava a olhar para o mar.

Então Sétimo, ouvindo contar, á mercadores de Chorazim, deste rabi admirável, tão potente sobre os espíritos, que sarava os males tenebrosos da alma, destacou três decúrias de soldados para que o procurassem por Galileia, e por todas as cidades da Decápole, até à costa e até Áscalon. Os soldados enfiaram os escudos nos sacos de lona, espetaram nos elmos ramos de oliveira — e as suas sandálias ferradas apressadamente se afastaram, ressoando sobre as lajes de basalto da estrada romana que desde Cesareia até ao lago com toda a tetrarquia de Herodes. As suas armas de noite, brilhavam no topo das colinas, por entre a chama ondeante dos archotes erguidos. De dia invadiam os casais, rebuscavam a espessura dos pomares, esfuracavam com a ponta das lanças a palha das medas: e as mulheres, assustadas, para os amansar, logo acudiam com bolos de mel, figos novos, e malgas cheias de vinho, que eles bebiam de um trago, sentados à sombra dos sicômoros. Assim correram a Baixa Galileia — e, do rabi, só encontraram o sulco luminoso nos corações.

Enfastiados com as inúteis marchas, desconfiando que os Judeus sonegassem o seu feiticeiro para que os Romanos

não aproveitassem do superior feitiço, derramavam com tumulto a sua cólera, através da piedosa terra submissa. À entrada das aldeias pobres detinham os peregrinos, gritando o nome do rabi, rasgando os véus às virgens: e, à hora em que os cântaros se enchem nas cisternas, invadiam as ruas estreitas dos burgos, penetravam nas sinagogas, e batiam sacrilegamente com os punhos das espadas nas Thebahs, os santos armários de cedro que continham os Livros Sagrados. Nas cercanias de Hébron arrastaram os solitários pelas barbas para fora das grutas, para lhes arrancar o nome do deserto ou do palmar em que se ocultava o rabi — e dois mercadores fenícios que vinham de Jope com uma carga de malóbatro, e a quem nunca chegara o nome de Jesus, pagaram por esse delito cem dracmas a cada decurião. Já a gente dos campos, mesmos os bravios pastores de Idumeia, que levam as reses brancas para o Templo, fugiam espavoridos para as serranias, apenas luziam, nalguma volta do caminho, as armas do bando violento. E da beira dos eirados, as velhas sacudiam como taleigos a ponta dos cabelos desgrenhados, e arrogavam sobre eles as Más Sortes, invocando a vingança de Elias. Assim tumultuosamente erraram até Áscalon: não

encontraram Jesus: e retrocederam ao longo da costa enterrando as sandálias nas areias ardentes.

Uma madrugada, perto de Cesareia, marchando num vale, avistaram sobre um outeiro um verde-negro bosque de loureiros, onde alvejava, recolhidamente, o fino e claro pórtico de um templo. Um velho, de compridas barbas brancas, coroado de folhas de louro, vestido com uma túnica cor de açafrão, segurando uma curta lira de três cordas, esperava gravemente, sobre os degraus de mármore, a aparição do Sol. Debaixo, agitando um ramo de oliveira, os soldados bradaram pelo sacerdote. Conhecia ele um novo profeta que surgira na Galileia, e tão destro em milagres que ressuscitava os mortos e mudava a água em vinho? Serenamente, alargando os braços, o sereno velho exclamou por sobre a rociada verdura do vale:

— Oh romanos! Pois acreditais que em Galileia ou Judeia apareçam profetas consumando milagres? Como pode um bárbaro alterar a ordem instituída por Zeus?... Mágicos e feiticeiros são vendilhões, que murmuram palavras ocas, para arrebatar a espórtula dos simples... Sem a permissão dos imortais nem um galho seco pode tombar da árvore,

nem seca folha pode ser sacudida na árvore. Não há profetas, não há milagres... Só Apolo Délfico conhece o segredo das coisas!

Então, devagar, com a cabeça derrubada, como numa tarde de derrota, os soldados recolheram à fortaleza de Cesareia. E grande foi o desespero de Sétimo, porque sua filha morria, sem um queixume, olhando o mar de Tiro — e todavia a fama de Jesus, curador dos lânguidos males, crescia, sempre mais consoladora e fresca, como a aragem da tarde que sopra do Hérmon e, através dos hortos reanima e levanta as açucenas pendidas.

Ora entre Enganim e Cesareia, num casebre desgarrado, sumido na prega de um cerro, vivia a esse tempo uma viúva, mais desgraçada mulher que todas mulheres de Israel. O seu filhinho único, todo aleijado, passara do magro peito a que ela o criara para os farrapos de enxerga apodrecida, onde jazera, sete anos passados, mirrando e gemendo. Também a ela a doença a engelhara dentro dos trapos nunca mudados, mais escura e torcida que uma cepa arrancada. E, sobre ambos espessamente a miséria cresceu como o bolor sobre cacos perdidos num ermo. Até na

lâmpada de barro vermelho secara há muito o azeite. Dentro da arca pintada não restava grão ou côdea. No Estio, sem pasto, a cabra morrera. Depois, no quinteiro, secara a figueira. Tão longe do povoado, nunca esmola de pão ou mel entrava o portal. E só ervas apanhadas nas fendas das rochas, cozidas sem sal, nutriam aquelas criaturas de Deus na Terra Escolhida, onde até às aves maléficas sobrava o sustento! Um dia um mendigo entrou no casebre, repartiu do seu farnel com a mãe amargurada, e um momento sentado na pedra da lareira, coçando as feridas das pernas, contou dessa grande esperança dos tristes, esse rabi que aparecera na Galileia, e de um pão no mesmo cesto fazia sete, e amava todas as criancinhas, e enxugava todas as lágrimas, e prometia aos pobres um grande e luminoso reino, de abundância maior que a corte de Salomão. A mulher escutava, com olhos famintos. E esse doce rabi, esperança dos tristes, onde se encontrava? O mendigo suspirou. Ah esse doce rabi! Quantos o desejavam, que se desesperançavam! A sua fama andava por sobre toda a Judeia, como o sol que até por qualquer velho muro se estende e se goza; mas para enxergar a claridade do seu rosto, só aqueles ditosos que o seu desejo escolhia. Obed,

tão rico, mandara os seus servos por toda a Galileia para que procurassem Jesus, o chamassem com promessas a Enganim; Sétimo, tão soberano, destacara os seus soldados até à costa do mar, para que buscassem Jesus o conduzissem, pelo seu mando a Cesareia. Errando esmolando por tantas estradas, ele topara os servos de Obed, depois os legionários de Sétimo. E todos voltavam, como derrotados, com as sandálias rotas sem ter descoberto em que mata ou cidade, em que toca ou palácio, se escondia Jesus.

A tarde caía. O mendigo apanhou o seu bordão, desceu pelo duro trilho, entre a urze e a rocha. A mãe retomou o seu canto mais vergada, mais abandonada.

E então o filhinho, num murmúrio mais débil que o roçar de uma asa, pediu à mãe que lhe trouxesse esse rabi que amava as criancinhas, ainda as mais pobres, sarava os males ainda os mais antigos. A mãe apertou a cabeça esguedelhada:

— Oh filho e como queres que te deixe, e me meta aos caminhos à procura do rabi da Galileia? Obed é rico e tem servos, e debalde buscaram Jesus, por areais e colinas,

desde Corazim até ao país de Moab. Sétimo é forte e tem soldados, e debalde correram por Jesus, desde o Hébron até ao mar!

Como queres que te deixe! Jesus anda por muito longe e a nossa dor mora connosco, dentro destas paredes, e dentro delas nos prende. E mesmo que o encontrasse, como convenceria eu o rabi tão desejado, por quem ricos e fortes suspiram, a que descesse através das cidades até este ermo, para sarar um entrevadinho tão pobre, sobre enxerga tão rota?

A criança, com duas longas lágrimas na face magrinha, murmurou: — Oh mãe! Jesus ama todos os pequenos. E eu ainda tão pequeno, e com um mal tão pesado, e que tanto queria sarar!

E a mãe, em soluços: — Oh meu filho, como te posso deixar? Longas são as estradas da Galileia, e curta a piedade dos homens. Tão rota, tão trôpega, tão triste, até os cães me ladrariam da porta dos casais. Ninguém atenderia o meu recado, e me apontaria a morada do doce rabi. Oh filho! Talvez Jesus morresse... Nem mesmo os ricos e os fortes o encontram. O Céu o trouxe, o Céu o levou. E

com ele para sempre morreu a esperança dos tristes. De entre os negros trapos, erguendo as suas pobres mãozinhas que tremiam, a criança murmurou:

— Mãe, eu queria ver Jesus... E logo, abrindo devagar a porta e sorrindo, Jesus disse à criança: — Aqui estou.

NATAL

De Mário de Sá-Carneiro

Na noite de Natal

Alegram-se os pequenitos;

Pois sabem que o bom Jesus

Costuma dar-lhes bonitos.

Vão se deitar os lindinhos

Mas nem dormem de contentes

E somente às dez horas

Adormecem inocentes.

Perguntam logo à criada

Quando acorde de manhã

Se Jesus lhes não deu nada.

— Deu-lhes sim, muitos bonitos.

— Queremo-nos já levantar

Respondem os pequenitos.

O PRESÉPIO

De D. João da Câmara

Havia quase um ano que estava na loja, mercearia num bairro escuro, em que mal entrava de esguelha, como espreitando a medo, um raio de sol, entre as casarias muito altas da rua tortuosa.

Com doze anos, que saudades tinha da aldeia, da família, dos antigos companheiros de escola, dos cães amigos que ladravam de noite a vigiar a casa!

Tudo lá tão longe! Ah! Se ele soubesse!...

Pois nem uma lágrima lhe viera anuviar o último adeus, quando a diligência dera volta na estrada e ele vira sumirem-se os choupos da ribeira e o lenço que mão saudosa sacudia no alto do cabeço.

É que o deslumbrava a ideia de Lisboa, de que tantas maravilhas grandes lhe contavam. Ainda agora partia, e já se via de volta na aldeia, de relógio e cadeia de ouro, a falar de alto, a puxar o bigode, a dar enchente, como o Januário, que lhe arranjara o lugar.

Com o seu examezinho de instrução primária, marçano de uma tenda... Não, que os pais não o queriam para cavador.

Tinham sido consultados o mestre-escola, o prior, o senhor Freitas, lavrador muito importante que arrastava tudo nas eleições, o Custódio, velhote de muito bom conselho, e todos se tinham mostrado de acordo: não havia como Lisboa para fazer um homem. Era ver o Januário que tinha casado com a viúva do patrão. A loja era de um cunhado dele, bom homem, áspero mas bom homem. Os olhos baixos do Manuelzito, fitos no chão, viam no tijolo resplandecer auréolas, que giravam como o fogo de vistas pelas festas.

Ah estava, havia quase um ano; e no desvão da escada, onde às dez horas o mandavam deitar, a morrer de calor no Verão, no Inverno a morrer de frio, punha-se a rever os

campos e a casa deixados sem as lágrimas, que lhe corriam agora em grossos fios pelas faces.

Os primeiros dias tinham passado muito lentos.

A conselho do Januário, um biscoito ou outro da mão papuda e oleosa do merceeiro tinham-no ajudado na tarefa. Assim é que ele havia de ser homem, um dia. Mas o patrão mostrava maior pressa.

Pai, mãe e mestre-escola nunca lhe tinham batido. Atreveu-se uma vez a declará-lo. Foi pior. Chegou o Verão. As festas de São João e São Pedro aumentaram-lhe a tristeza. Reviu nesses dias mais intensamente a alegria da aldeia, os bailes à noite em volta da fogueira, a ida à fonte pela manhã, o sino a tocar à missa, e ele a pensar que, quando fosse crescido, havia de ter uma namorada por quem queimasse uma alcachofra, a quem cantasse umas quadras falando de estrelas e de flores.

A bulha nas ruas, nessas noites, não o deixara dormir. Cada bomba era uma pancada no coração. Um sol-e-dó que passou tocando arrancou-lhe lágrimas de imensa saudade.

Pelos Santos, com a melancolia do tempo, ainda foi pior.

Depois veio o Inverno, começaram os dias de chuva.

O mau tempo irritava o patrão, porque lhe afugentava fregueses. Na loja, com recantos muito negros, acendiam-se muito cedo os candeeiros, e o Manuelzito tinha pena da sombra em que se acolhia com maior amor. Pasmava os olhos, fugia com o pensamento para muito longe.

— Acorda, ralaço! — gritava-lhe o patrão.

Estava a chegar o Natal.

Que lindo era o Natal lá na aldeia!

Andavam na rua a abrir um cano; quase ninguém ali passava; os passeios eram cheios de lama. O patrão andava furioso.

Então o pequeno teve uma ideia.

* * *

Lembrou-se de fazer muito misteriosamente um presépio. O segredo em que havia de trabalhar mais o animava na

tarefa.

Todos os dias, muito a medo, enquanto o patrão almoçava ou saía da loja algum instante, vinha à porta, se não havia freguês a servir, espreitava, corria, apanhava um nadinha de barro nas escavações do cano. Escondia-o, e debaixo do balcão, quase às apalpadelas, ia fazendo as figurinhas.

Assim modelou o menino Jesus, que deitou num berço de caixa de fósforos, Nossa Senhora de mãos postas, São José de grandes barbas, os três Reis Magos a cavalo, e os pastores, um a tocar gaita de foles, outro com um cordeirinho às costas, e uma mulher com uma bilha. Não se pareceriam lá muito; mas ele deu provas de que sabia puxar pela imaginação.

Sempre lhe faltava alguma coisa. Havia problemas difíceis de resolver.

Um dia, engraxando as botas do patrão, lembrou-se de engraxar um dos reis, e pôs-lhe depois umas bolinhas brancas, de papel a fingir os olhos.

Aos anjos fez asas com as penas de uma galinha que depenou para um jantar de festa que não comeu. Moeu

vidro para fingir as águas do rio, e no papel de embrulho recortou um moinho que só havia de armar à última hora.

Levou nisso parte de Novembro e Dezembro todo, até ao Natal.

Escondia os materiais debaixo da enxerga e, de vez em quando, revia-se na obra.

O que mais o encantava era o menino Jesus, com a cabeça do tamanho de um grão de milho, com buraquinhos a fingirem olhos, ouvidos, nariz e boca. Tinha mãos com cinco dedos riscados a canivete e dois pezinhos que ele achava um encanto.

Com tiras de papel azul havia de fazer o céu e, como o não tinha dourado onde recortasse a estrela, fez em papel branco uma meia Lua; vinha quase a dar na mesma

Aquele mês passou correndo.

Era a véspera do Natal. As dez e meia, o patrão mandou-o deitar e saiu.

Que alegria estar só!

Não lhe deixavam luz; mas que importava? Às escuras armaria o presépio. E logo começou. Enrolou o moinho, pôs-lhe as velas; esticou o papel azul que fingia o céu e pregou nele com um alfinete a meia Lua; espalhou o vidro moído, num S em volta das palhas; dispôs as figurinhas, suspendeu os anjos. Depois fez uma carreira de fósforos de cera, que todos se tinham de acender ao mesmo tempo, num deslumbramento, quando desse meia noite.

Deram onze e três quartos.

Ajoelhou.

Batia-lhe o coração, que lhe parecia que deviam de ser milagrosas as figurinhas, que delas lhe viria algum bem, consolação da sua vida triste.

Que seria quando ele iluminasse o desvão da escada e os santinhos se pusessem todos a luzir quase tanto como os verdadeiros? Rezava-lhes... Rezava-lhes... Àquela hora, lá na aldeia, tocavam os sinos alegres e iam ranchos contentes a caminho da igreja. Lá dentro reluzia o trono, e o sacristão muito atarefado ia, vinha...

Meia noite!

Acendeu os fósforos e ficou embasbacado!

Nunca assim vira coisa tão perfeita. Os anjos voavam deveras, os cavalos dos reis galopavam, o rio corria, as velas giravam no moinho e os pontinhos do Menino Jesus sorriam-lhe no rosto a São José e a Nossa Senhora!

Pôs-se a cantar, como lá na aldeia:

Andava nessas campinas,

Esta noite, um querubim.

Tão enlevado cantava, que nem ouviu o patrão abrir a porta, entrar na loja, chegar ao desvão.

Acordou-o do êxtase um pontapé.

— Isso... Agora larga-me fogo à escada!... Varre-me já esse lixo!

E ele, a chorar, levantou-se, foi buscar a vassoura.

O bruto continuava aos pontapés.

— Vá?... Vá!

Mas quando se deitou, encontrou na enxerga uma figurinha. Apalpou-a, conheceu-a logo: era a do Menino Jesus. Beijou-a muito. Pior vida levara do que ele...

Sentiu de repente um dó muito grande do patrão, que não vira nada, nem que era tão bonito aquele Menino, com um olhar tão meigo nos seus olhinhos picados.

LENDA DO BOLO-REI

O Bolo-Rei é o bolo tradicional natalício português por excelência. A sua origem tem várias raízes. A ideia de um bolo misturado com fruta cristalizada terá surgido na corte do rei Luís XIV, em França, que com os tempos foi-se espalhando pelo resto da Europa. Chegada a Portugal a receita foi adaptada, adquiriu a forma de coroa com que é vendido atualmente e passou a ser associado à época natalícia. A introdução da fava vem no tempo dos Romanos, em que era costume durante as festividades eleger-se o “rei da festa” colocando-se uma fava num bolo. Já a introdução do brinde como recompensa (ficando o perdedor com a fava) é uma criação portuguesa, embora este costume tenha sido, à uns anos, passado a ser proibido por apresentar risco de sufoco, sobretudo para as crianças.

Apesar do nome “Bolo-Rei” não vir, como erroneamente se pensa, do dia de Reis – a nomenclatura “Rei” é apenas uma indicação da riqueza de ingredientes com que é feito,

tornando-o no bolo “maior” das festividades – isso não impediu a tradição oral de o associar aos Reis Magos, havendo inclusive uma lenda portuguesa que lhes atribui a origem do bolo e lhe dá simbologia. Segue-se a história:

Conta a lenda que num país distante viviam três homens sábios que analisavam e estudavam as estrelas e o céu. Estes homens sábios chamavam-se Gaspar, Melchior e Baltazar, a que a tradição deu a nomeação de “três Reis Magos”.

Numa noite, ao analisarem o céu, viram uma nova estrela, muito mais brilhante que as restantes, que se movia pelo céu, e interpretaram-na como um aviso de que o filho de Deus nascera. Resolvidos a segui-la, levaram consigo três presentes: incenso; ouro e mirra, para poder presentear o Messias recém-nascido.

Chegados à cidade de Belém, já perto da gruta onde estava o menino Jesus, os Reis Magos depararam-se com um dilema: Qual deles teria o privilégio de oferecer

primeiro o seu presente? Esta pergunta gerou a discussão entre os três.

Um artesão que por ali passava ouviu a conversa e propôs uma solução para o problema de maneira a ficarem todos satisfeitos. Pediu à sua mulher que fizesse um bolo e que na massa colocasse uma fava.

Mas a mulher não se limitou a fazer um simples bolos e arranjou forma de ali representar os presentes que os três homens levavam. Desta forma fez um bolo cuja côdea dourada simbolizava o ouro, as frutas cristalizadas simbolizavam a mirra e o açúcar de polvilhar simbolizava o incenso.

Depois de cozido o bolo foi repartido em três partes e aquele a quem saiu a fava foi efetivamente o primeiro a oferecer os presentes ao menino Jesus.

O NATAL MINHOTO

(Crónica Jornalística - 1882)

De Ramalho Ortigão

É dia de Natal.

A cidade amanheceu alegre no céu fresco e azul. Os carrilhões das igrejas repicam festivamente. As salsicharias, os restaurantes, as pastelarias, ostentam em exposição os seus produtos mais apetitosos: os grandes porcos, de couro nitidamente barbeado, suspensos do teto com a cabeça para baixo; as salsichas e os chouriços de sangue pendentes em bambolim; as cabeças de vitela, de uma palidez linfática, rodeadas de agriões; os perus gordos como ventres de cónegos, com o papo recheado pela respetiva cabidela; as galantines marmoreadas; as louras perdizes postas em pirâmide; as costeletas; as geleias de reflexos cor de topázio; as verduras de salsa picada; os grossos molhos opulentos dos espargos; os bolos do Natal:

os fartes, os sonhos, os morgados, as filhós, as queijadas, os christmas-kacks, os puddings, os bombons glacés.

E a profusão destas exposições dá às ruas o aspeto culinário da abundância, da plenitude.

Os ramalhetes de violetas, com o seu colarinho feito de duas malvas, estendem-se de todos os lados para as casas dos paletós, e perfumam o ambiente com uma frescura orvalhada. Os cabazes das camélias cintilam como grandes esmaltes. As lojas de bijutarias armaram o grande pinheiro do Natal, cujas hastes desabrocham em cartuchos de amêndoas, em cartonagens douradas, em animais de quase todas as espécies recolhidas na Arca, em cabriolets de lata, em cavalos de cartão, em palhaços vermelhos que tocam pratos, e em lindas bonecas vestidas de cetim com os seus piifs, os seus chignoiis e os seus regalos.

Lisboa inteira passeia na vasta alegria do sol. Os homens trazem os seus embrulhos, as mulheres levam os seus filhos pela mão.

As meninas, vestidas de novo, em grande toilette, frescas como lilases, com os seus narizinhos rosados pelo nordeste,

dirigem-se ao baile infantil, organizado no salão de um teatro por uma associação de senhoras, em favor de um estabelecimento de beneficência.

O piano, em alegres esfuziadas, chama à quadrilha as jovens damas de quatro anos e os pequenos cavalheiros seus pares. A árvore de Natal braceja as dádivas encantadoras sobre o grande baile em miniatura...

Ide, queridos amiguinhos, ide divertir-vos! Aquele que vos fala já foi em tempo — há bom tempo! — aquilo que vós hoje sois, e teve também a sua festa inteiramente desanuviada, absolutamente feliz como a vossa. A única diferença é que, nessa remota idade e no obscuro canto da província em que ele nasceu, a árvore do Natal era ainda uma instituição desconhecida. Era uma terra bárbara aquela em que este pai-avô veio à luz e que tantas vezes ele percorreu, já periclitante na imperial de trémulas e arrastadas diligências, já a cavalo debaixo de um amplo capote de cabeções, já a pé, só, com um bordão!

Ele conhecia-a nesse tempo como o seu próprio quarto, a essa terra; tinha de cor o número das covas no macadame das estradas, os buracos dos velhos muros por onde

rompiam os musgos e as madressilvas, os brancos campanários das igrejas situadas no fundo dos vales, entre as nogueiras e os carvalhos, ao cabo dos longos tapetes formados pela superfície variegada dos campos de trevo. Sabia em que casais se bebia o melhor leite nas manhãs de Verão, e em que rios se pescavam à linha os salmões mais saborosos e as mais volumosas trutas. Constava-lhe cada manhã em que outeiros cobertos de urze, de cardos, de ásperas moitas de tojo e de espessos fetos tinha ficado de véspera a revoada das perdizes. Conhecia os diferentes vinhos selvagens, que se vendiam na sombria frescura interior das tabernas recolhidas nos cotovelos das brancas estradas cobertas de sol, nos recostas das empinadas ladeiras tortuosas, e nas desembocaduras das longas pontes de madeira de pinho. Sabia os nomes dos abades. E ainda agora, depois de uma ausência de bastantes anos, pensando nisso e fechando os olhos, torna em espírito a ver as viçosas várzeas, as frescas matas das terras fundas, sonoras dos murmúrios da água corrente na rega ou caindo nas levadas e nas azenhas; a forte vegetação dos milhos e dos castanheiros; e, acompanhados de um pequeno pastor imundo, a cavalo numa velha égua lãzuda, alguns poucos

bois magros de trabalho e de fadiga atravessando lentamente o ribeiro, mugindo com saudosa melancolia, ou abeberando-se inclinados e humildes na frescura da corrente. Depois, nos terrenos altos, os pinhais, as encruzilhadas das estradas com os seus cruzeiros de granito, as caixas das esmolas para as almas, o tosco nicho na forma de um armário de cozinha, talhado em arco, tendo em frente a sua lanterna enfumada, encanastrada num a rede de ferro e chumbada ao alto do nicho por um gancho; e, disseminados pelos caminhos recurvos e acidentados, os pequenos eirados seguros em esteios de pedra com os parapeitos pintados de vermelhão; os alpendres dos ferradores, onde os pardais debicam nos beirais do telhado; as choças cobertas de colmo, eternamente envoltas em fumo, ao pé das eiras em que se erguem as medas como altas cabanas pontiagudas.

O objeto do culto, da admiração, do entusiasmo, do enlevo dos pequenos do meu tempo era o velho presépio, tão ingénuo, tão profundamente infantil, tão cheio de coisas risonhas, pitorescas, festivas, inesperadas.

Era uma grande montanha de musgo, salpicada de fontes, de cascatas, de pequenos lagos, serpenteada de estradas em ziguezagues e de ribeiros atravessados de pontes rústicas.

Em baixo, num pequeno tabernáculo, cercado de luzes, estava o divino bambino, louro, papudinho, rosado como um morango, sorrindo nas palhas do seu rústico berço, ao bafo quente da benigna natureza representada pela vaca trabalhadora e pacífica e pela mulinha de olhar suave e terno. A Santa Família contemplava em êxtase de amor o delicioso recém-nascido, enquanto os pastores, de joelhos, lhe ofereciam os seus presentes, as frutas, os frângões, o mel, os queijos frescos.

A grande estrela de papel dourado, suspensa do teto por um retrós invisível, guiava os três magos, que vinham a cavalo descendo a encosta com as suas púrpuras nos ombros e as suas coroas na cabeça. Melchior trazia o ouro, Baltasar a mirra, e Gaspar vinha muito bem com o seu incenso dentro de um grande perfumador de família, dos de queimar pelas casas a alfazema com açúcar ou as cascas secas das maçãs camoesas.

Atrás deles seguia a cristandade em peso, que se afigurava descendo do mais alto do monte em direção ao tabernáculo. Nessa imensa romagem do mais encantador anacronismo, que variedade de efeitos e de contrastes! Que contentamento! Que alegria! Que paz de alma! Que inocência! Que bondade!

Tudo bailava em chulas populares, em velhas danças mouriscas, em bailados à la moda ou à meia volta, em ingénuas gaivotas, em finos minuetes de anquinhas e de bico de pé afiambrado.

Tudo ria, tudo cantava nesses deliciosos magotes de festivais romeiros de todas as idades, de todas as profissões, de todos os países, de todos os tempos! Os cegos tocando as suas sanfonas; os pretos pulando uma sarabanda; os galegos com a sua gaite-de-fole dançando a munem; a saloia de carapuça de bico e de saiote encarnado, trazendo o cesto com ovos; o saloio com o peru, com o vitelo ou com o bacorinho às costas; o águadeiro com o seu barril novo; o ceifeiro com a sua fouce e o seu feixe de trigo; o lenheiro carregando o cepo sagrado para a fogueira da Missa do Galo; o pequeno saboiano com a sua

marmota; o tocador de realejo dando à manivela do seu instrumento; o pastor com um borrego ou um chibo debaixo do braço; o passarinheiro com as suas esparrelas e o seu alçapão com um melro dentro; a manola com o seu leque e a sua mantilha sevilhana traçada na cinta; o maioral tocando a guitarra sentado no garrido albardão da sua mula; os gitanos entoando a seguidilha; numerosos rebanhos, de perus, de patos, de anhos, de porcos e de cabritos; e muitas personagens, de variegados trajos exóticos, tangendo pandeiros, adufes e castanhetas, como nos autos pastoris, nos colóquios e nos vilancicos, antigamente representados diante das lapinhas nas catedrais da Idade Média.

Alguns — os mais ricos presépios — tinham corda interior fazendo piar passarinhos que voavam de um lado para o outro, mexiam as asas e davam bicadas nas fontes de vidros, em que caía uma água também de vidro, fingida com um cilindro que andava à roda por efeito de misterioso maquinismo.

Todas essas figuras do antigo presépio da minha infância tinham uma ingénua alegria primitiva, patriarcal, como

devia ser a de David dançando na presença de Saul. Dessas boas caras de páscoas, algumas modeladas por inspirados artistas obscuros, cuja tradição se perdeu, exalava-se um júbilo comunicativo como de uma grande aleluia.

Um outro menino — não o do tabernáculo, que esse estava seguro ao berço com um parafuso —, um menino maior, sobre uma toalha bordada, era trazido em roda e recebia sobre os seus diminutos pés polpudos, saudáveis, rubenescos, a enfiada de beijos de todas as pequenas bocas inocentes, vermelhas, afiladas em bico, gulosas dos refeguinhos daquele pequenino Deus tão louro, tão manso, tão lindo!

Depois celebrava-se a ceia, o mais solene banquete da família minhota. Tinham vindo os filhos, as noras, os genros, os netos. Acrescentava-se a mesa. Punha-se a toalha grande, os talheres de cerimónia, os copos de pé, as velhas garrafas douradas. Acendiam mil luzes nos castiçais de prata. As criadas, de roupinhas novas, iam e vinham ativamente com as rimas de pratos, contando os talheres, partindo o pão, colocando a fruta, desrolhando as garrafas.

Os que tinham chegado de longe nessa mesma noite davam abraços, recebiam beijos, pediam novidades, contavam histórias, acidentes da viagem; os caminhos estavam uns barrocais medonhos; e falavam da saraivada, da neve, do frio da noite, esfregando as mãos de satisfação por se acharem enxutos, agasalhados, confortados, quentes, na expectativa de uma boa ceia, sentados no velho canapé da família.

E o nordeste assobiava pelas fisgas das janelas; ouvia-se ao longe bramir o mar ou zoar a carvalheira, enquanto da cozinha, onde ardia no lar a grande fogueira, chegava num respiro tépido o aroma do vinho quente fervido com mel, com passas de Alicante e com canela.

Finalmente o bacalhau guisado, como a brandade da Provença, dava a última fervura, as frituras de abóbora-menina, as rabanadas, as orelhas-de-abade tinham saído da frigideira e acabavam de ser empilhadas em pirâmide nas travessas grandes. Uma voz dizia: — Para a mesa! Para a mesa!

Havia o arrastar das cadeiras, o tinir dos copos e dos talheres, o desdobrar dos guardanapos, o fumegar da

terrina. Tomava-se o caldo, bebia-se o primeiro copo de vinho, estava-se ombro com ombro, os pés dos de um lado tocavam nos pés do que estavam em frente. Bom aconchego! Belo agasalho!

As fisionomias tomavam uma expressão de contentamento, de plenitude. Que diabo! Exigir mais seria pedir muito. Tudo o que há de mais profundo no coração do homem, o amor, a religião, a pátria, a família, estava tudo aí reunido numa doce paz, não opulenta, mas risonhamente remediada e satisfeita. Não é tudo?

Não é. O primeiro dos convivas que tinha o sentimento dessa imperfeição era a velhinha sentada ao centro da mesa. Ela, que para nós representava apenas a avó, tinha sido também a filha, tinha sido a irmã, tinha sido a esposa, tinha sido a mãe ... No seu pobre coração, quantos lutos sobrepostos, quantas saudades acumuladas! Por isso, enquanto os outros riam e conversavam alegremente, a mão dela emagrecida e enrugada tremia de comoção ao tocar no copo, e dos seus olhos cansados despegavam-se silenciosamente duas lágrimas, que ela embebia no

guardanapo enquanto a sua boca procurava sorrir e titubear palavras de resignação, de conforto, de felicidade.

Essas lágrimas eram como a evocação do espírito dos ausentes e do espírito dos mortos para aquele banquete. A festa era então interrompida por silêncios graves, pensativos, durante os quais cada um se recolhia em si mesmo e olhava um pouco ao passado e um pouco ao futuro.

Dos que se tinham sentado àquela mesa, em idêntica noite, quantos tinham partido para não voltarem mais! Quantas lacunas dentro dos últimos anos! Dentro de alguns anos mais, quantas outras!

Se havia, como quase sempre sucede, um filho, um neto, um irmão ausente, era em volta da recordação dele que se agrupavam e fixavam esses vagos cuidados dispersos. A mágoa do passado, a incerteza do futuro, acabava por aparecer a cada um sob a figura aventurosa do viajante intrépido ou do trabalhador vigoroso que celebrava aquela noite num país longínquo ou nas águas do mar.

E esse amado ausente era o conviva que cada um sentia mais perto, a essa mesa, junto do seu coração.

Só nós, as crianças, é que gozávamos nesta festa uma alegria imperturbável e perfeita, porque não tínhamos a compreensão amarga da saudade nem as preocupações incertas do futuro. Para nós tudo na vida tinha o carácter imutável e eterno. O destino aparecia-nos ridentemente fixado, como no musgo as alegres figuras do presépio. Supúnhamos que seriam eternamente lisas as faces da nossa mãe, eternamente negro o bigode do nosso pai, eternamente resignada e compadecida a decrépita figura da nossa avó, toucada nas suas rendas pretas, no fundo da grande poltrona.

Não tínhamos compreendido ainda todo o sentido do Natal. Não nos tinham explicado suficientemente que o louro Menino Jesus que nos sorria no seu bercinho, tão descuidado, tão alegre, no meio do esplendor dos círios e do perfume das violetas, era o mesmo Deus descarnado e lívido, coroado de espinhos, alanceado no coração, pregado na cruz e exposto no altar. Repugnar-nos-ia acreditar, se então no-lo dissessem, que o tenro e suave bambino do

presépio, cercado de amores, de cânticos, de festas, de dádivas, de bonitos, cheio de carícias e de beijos, teria um dia de ser um mártir, um herói, um Deus, mas que para isso haveriam de o perseguir como um rebelde, de o torturar como um criminoso, de o justiçar como um bandido, que ele teria de ser esbofeteado, azorragado, traído, que receberia o beijo de Judas, que seria preso entre os seus discípulos no Jardim das Oliveiras, que mandaria embainhar a espada de Pedro para beber o cálice da amargura, que seria levado de Caifás para Pilatos, que seria condenado, que lhe poriam a coroa de espinhos, que o fariam subir o Calvário sob o peso da cruz, que finalmente o crucificariam entre os dois ladrões aos olhos da sua própria mãe.

Não, a vida não é uma festa permanente e imóvel, é uma evolução constante e rude. O Natal é a festa das lágrimas para todos aqueles para quem ele não é a festa da inexperiência. E, todavia, pensavam alguns que era útil não deixar de a celebrar. Que importa que o número ou que o nome dos convivas varie em cada ano? Que importa que alguns amados velhos faltem ao banquete? Que importa

que nós mesmos faltemos para o ano que vem na festa dos mais novos?

Esta noite de alegria para as crianças será sempre de alguma saudade para os adultos. Assim teremos a esperança terna de sobreviver, por algum tempo, na lembrança dos que amamos — uma boa vez ao menos, de ano a ano.

O NASCIMENTO DE CRISTO

De Bocage

Se considero o triste abatimento
Em que me faz jazer a minha desgraça,
A desesperação me despedaça,
No mesmo instante, o frágil sofrimento.

Mas súbito me diz o pensamento,
Para aplacar-me a dor que me traspassa,
Que Este que trouxe ao mundo a Lei da Graça,
Teve num vil presépio o nascimento.

Vejo na palha o Redentor chorando,
Ao lado a Mãe, prostrados os pastores,
A milagrosa estrela os reis guiando.

Vejo-O morrer depois, ó pecadores,
Por nós, e fecho os olhos, adorando
Os castigos do Céu como favores.

LENDA DE NATAL

De Júlio Brandão

Certo homem, já velho, viu chegar o Natal, e pôs-se a pensar na melancolia, no desamparo da sua vida. Dos filhos, uns tinham-lhe morrido, outros tinham-no abandonado... Estava só no mundo, com os pés para a cova, e cheio de desilusões, de ingratidões e de pobreza. Entretanto não havia ambições vis nem rancores no seu coração. Tinha saudades. Por esse lento caminho da vida, hoje ermo de afetos, algumas consolações tivera a sua alma. Recordava-se, às vezes com os olhos orvalhados, postos no horizonte esfumado do dia triste. Agora era um farrapo, que tinham de levar os redemoinhos da morte.

À noite (era a nostálgica noite de Consoada) sentiu duas longas lágrimas a molharem-lhe o rosto. Ele mesmo foi fazer um caldo para a ceia. Os piornos ardiam na lareira do

casebre esburacado. O velho encolheu-se ao lume, com os olhos muito fitos na labareda avermelhada.

Todos estavam, àquela hora, nos lares amoráveis. Ele alembrava-se do riso das crianças, desse amoroso e cândido florir de venturas; avivava-se-lhe o passado, claro e benéfico, cuja árvore do Natal era cheia de estrelas, cantada de esperanças, e agora, há quantos anos, um negro e frio cipreste! Para ali estava, sem uma fala amiga, sem um rosto amado, ouvindo a ventania nos soutos. E pensava que era como esses troncos velhos e partidos, por cima dos quais o enxurro espumava, e onde nunca mais nasceria flor, ou cantaria ave...

Fez um exame de consciência: fora bom, fora simples. A mulher morrera-lhe ainda na flor da vida; a filha fugira-lhe para a mãe, quando estava noiva. Antes assim, pensava. A filha era uma santa, e o mundo era ruim... Mais tarde, já trôpego, dois filhos roubaram-no, e nunca mais apareceram. Como ele se lembrava! Fora numa noite como aquela, negra e ventosa. Os dois, quando ele dormia, arrombaram-lhe a arca, e levaram-lhe a meia dúzia de peças que tinha guardadas no escaninho, para algum ano

sáfaro, de mais negra fome. Afinal tudo era para os filhos, dizia consigo; os filhos lho levaram... Mas nem roupa lhe deixaram, no Inverno impiedoso, para o cobrir. Tinham sido perversos, os filhos que ele tanto amara! Depois começou de entrevecer; os braços não podiam; e onde o trabalho mingua, vai crescendo a miséria. Ficou com uma horta, donde comia o caldo, onde colhia uma cesta de fruta. Pouco lhe bastava, afinal. O compadre, a quem ele tanto ajudara, por quem tantos sacrifícios fizera, fora para o Brasil. Por lá acabara, certamente...

Estava escorraçado como um cão, pobre como Job. Apesar disso, na consciência não se apagara a claridade que sempre lha iluminara. Ela era semelhante a um suave rio bucólico, cuja transparência deixa ver na areia loira a sombra de um cardume prateado. Ele sentia-se bem naquela miséria, naquele abandono — com essa leveza e essa graça dos que olhando para a vida inteira não têm nunca a desviar os olhos de uma torpeza ou de uma mentira.

Curvado sobre as brasas crepitantes, o velho lançou os olhos para o banco chamuscado, que lhe ficava em frente. E

de repente ficou extático. O queixo tremia-lhe fortemente. Santo Deus! Que via ele?! Era inacreditável! A filha e a mulher, a fiarem nas suas rocas, com um sorriso tão suave, uma serenidade tão bela! Jesus, Jesus, eram elas! Que alegria a sua! O velho estremeceu, o coração bateu-lhe como quando era jovem, balbuciou:

— Ó Maria, ó Luísa, vocês vieram?!

Elas sorriram-se mais docemente, sempre a fiar nas suas rocas. E o velho, com os olhos pregados nelas, sentia as pálpebras humedecidas de uma felicidade extra-humana.

— Ó Maria, ó Luísa!...

Assim correram alguns instantes celestes. Ele olhava-as embevecido. Elas resplandeciam, como envoltas num vago luar. Nunca as vira tão lindas, com mais lindo sorriso. E como não falavam, o velho calou-se também num êxtase.

Elas continuavam a sorrir, continuavam a fiar. O vento, fora, soprava rijo nos sobros, assobiava. A noite ia passando a uivar, feia e longa; mas as horas voavam para aquele velho embelezado nas visões.

As duas já tinham espiado as rocas. A porta ouviram-se três pancadas.

Truz, truz, truz!

— Quem me procura?! — tartamudeou o velho, como despertando de um sonho imenso.

Truz, truz, truz!

Arrastou-se trôpego, abriu a porta. As duas tinham desaparecido. Na treva espessa e lúgubre, distinguiu a figura doutro velho de grandes barbas, com uma sacola ao ombro.

— Sou eu, compadre, sou eu!

— Será possível! Que felicidade!

E abraçaram-se, num antigo e comovente abraço.

O viandante pousou a sacola, sacudiu a neve do capote, e foi-se aquentar ao lume.

— Hás de vir gelado, Manuel!

Vinha, na verdade. Tinha andado muito, a noite estava má, nevava. Mas há quantos anos ele tinha querido vir

passar ali o Natal! E contou, ao estalar das raízes secas no lume, naquela paz religiosa e bíblica, a sua crua sorte.

Os velhos sentaram-se um em frente do outro. Enquanto o caminheiro espalmava as mãos sobre o brasido, ia narrando a sua vida dura, por terras longínquas e ásperas, à busca de fortuna. Trabalhara muito, sofrera muito. E sempre, através de tormentos, a saudade do seu velho amigo lhe aparecia... A vida tinha-lhe ensinado muitas coisas; mas sobretudo que a felicidade está dentro de nós, vive connosco, e que todo aquele que semeia o bem, há de colher o bem...

O outro escutava-o silencioso, com a vista húmida.

— Acredita que toda a minha pena, compadre, era não poder abraçar-te!

— E eu julgava que tu, por tão longe, nunca mais te lembrarias...

— Pode lá esquecer quem é santo, compadre!

E contou que na volta, mar alto, começou, em pleno dia, a escurecer o céu. A maruja adivinhara a tormenta. Amainaram as velas, fecharam escotilhas, preveniram tudo.

Minutos depois o vento rugia, o mar bramia. O navio dançava nos abismos revoltos, fulgentes de relâmpagos. Andaram perdidos, com o leme despedaçado, na água brava. Tiveram fome e sede — e a tempestade a jogar com eles, como com um grão de areia. Nos lábios das crianças, das mulheres, de todos, abrira a flor divina de uma oração. E a dele pedia a Deus que o deixasse vir à sua terra, para ver ainda o seu velho companheiro sem arrimo.

— E Deus ouviu-me. Aqui estou.

O velho atiçou o braseiro, deitou mais lenha ao fogo. O viajante ergueu-se, abriu a sacola, e foi tirando, para cima da masseira velha e carunchosa, as vitualhas que trazia, as ameixas, as passas, uma garrafa de vinho loiro.

— Não me esqueci da ceia, compadre.

— Assim vejo, Manuel. Deus to pague!

E cearam, como tantos anos antes, quando na aldeia havia alegria e fartura. Foram conversando, pela noite dentro, com a alma abrindo numa inflorescência misteriosa. Depois o viandante perguntou por todos, por tudo. E vieram

as tristezas, as recordações pungentes: os filhos maus, a filha amada, a mulher morta!...

De novo o velho olhou para o banco da lareira, e manteve-se extático, com os olhos iluminados.

— Que tens, compadre?

— Olha, estão ali!

— Ah!... — disse o outro, sem surpresa, olhando em torno.

— Também vieram, Manuel, também vieram!...

De feito, o velho lá via de novo as duas, sorrindo-lhe angelicamente, cheias de graça. Uma trança de lírios luminosos toucava-as, o mesmo luar de há pouco as envolvia, como se emergissem, pálidas, de um grande sonho místico.

— A Maria, a Luísa, tão lindas!... — balbuciou o velho. O viandante respondeu simplesmente:

— Os que se amam nunca nos abandonam. Estão dentro de nós, vivem connosco.

O velho nem comia, enlevado nas aparições suaves. Via os cabelos loiros da filha, o seu ar virgem e esbelto; a mulher,

como no dia em que partira, com os fundos olhos tristes, a boca airosa, onde jamais houvera o veneno da mentira.

— Vê tu que de mais longe vieram elas fazer-te companhia; não fui eu só, compadre.

A cara do viandante estava aureolada agora de uma irradiação magnética.

Seguiu-se um diálogo de velhos que padeceram, que nobremente souberam amar, e que em certa hora suprema dizem, num murmúrio de almas, as suas confissões. Parábolas que lembram o mar, lembram estrelas... Belas e tristes como sepulcros, onde puseram flores, à lua cheia. É a lenda dos homens — sombras vagas, que uma luz vaga para sempre desfaz...

— Agora, compadre, vamos descansar. Venho quebrado de fadiga. Dormiremos juntos.

— Pois sim, eu não tenho outra enxerga.

As visões tinham fugido. E os dois adormeceram, noite alta, quando um galo cantava, como arauto da luz.

* * *

Mas de madrugada, quando pelas frestas entrava um fulgor dourado, o velho perguntou:

— Onde estás, compadre?

Ninguém respondeu. Uma grande paz enchia a casa. O velho procurou com os olhos, sentou-se na cama. Ninguém! Apenas na enxerga e no travesseiro de estopa ficara resplandecendo docemente a figura do compadre, como se fosse um brilho de nebulosas...

O velho ergueu-se, rezou de mãos postas. O dia de festa alvoreceu sem nuvens. Um sol pálido e terno enchia toda a terra de ouro. Da horta emperlada de orvalho reluzente, o velho veio ainda contemplar longamente a concha azul do céu misterioso e plácido...

A CONSOADA

De Abel Botelho

Tinham chegado, havia um instante, da igreja.

No silêncio álgido da noite retinia ainda alegre o bimbalhar dos sinos. A mesa estava posta — velhos candelabros de cobre, acesos sobre a alva toalha imaculada, e em volta de cogulo fumegando as iguarias. Na cal fendilhada da parede resplandecia, esta noite carinhosamente festoada de flores, uma grande oleografia, em retábulo dourado, de uma das celebradas Virgens de Murillo, fresca, menineira, a alma toda nos olhos, e em volta pelas nuvens sua graciosa farândola de amorinhos cor-de-rosa. O ar estava tépido, embalsamado. E no retângulo negro das vidraças a opaca radiação da noite, basto rasgada pelos farrapos da neve que caía, realizava visualizações fantásticas, luarentos contrastes de diorama.

Toca de arrimar na cozinha, ao canto da chaminé, os guarda-chuvas pingando, largam-se as capas, descalçam-se as galochas, ruidosamente sacodem-se os vestidos; enquanto de rodilhão invade a sala a tropeada cantante das crianças; e erguendo-se de salto do escabelo, a esfregar os olhos, a velha serva Leonor, perdida de sono, resmoneia num alívio:

— Ora louvado seja Deus!

E já à mesa o bom do Simeão se dirigia, direito à grande poltrona de couro. Toma-lhe a direita sua mulher — irrepreensível companheira de cinquenta anos —, uma pequenina e interessante nonagenária, de vagos olhos espirituais e longas mãos de cera; e à esquerda senta-se-lhe a sua boa e paciente Eugénia, a filha mais nova, de preto, fisionomia macerada e longa, repassada toda desta austera diafanidade tranquila que é feita de castidade e abstenção, de isolamento e saudade. Seguia a variegada profusão de toda a mais parentela — os filhos que vieram de longe, empregados no comércio, na magistratura, no Governo Civil em Viseu; um cunhado, capitão do 14; as respetivas esposas, tias, sobrinhas, primas — ao todo trinta e tantos

comensais, afora a galhofeira e turbulenta assistência das crianças, que redonditas e chilreantes se aninhavam sobre almofadas postas nas cadeiras, avançando o queixo, cotovelos na toalha, e abrindo para as travessas com os doces uns grandes olhos ávidos.

Nos primeiros minutos, um guloso silêncio se intervalou, cortado apenas do discreto tinir de louças e metais. Só o velho patriarca de carinho insinuou à filha:

— Eugénia, então! Vá de pesares hoje...

E ela, com infinita tristeza:

— Eu não lhe dizia, pai?...

E esmorecida arredava de diante de si o prato, para melhor apoiar na mesa o cotovelo, de antebraço ao alto, e de peso o rosto afogado no lenço, a breve trecho empapado de lágrimas.

Era casada à quase sete anos.

Casada com o José Ventura, um honrado e perfeito rapaz, vizinho seu na cidade, cuja garbosa imagem logo os seus olhos infantes se tinham acostumado a ver inseparável dos

brinquedos. Depois, na adolescência, a mesma comunicativa e franca liberdade afeiçoara-lhes os corações, irmanando-lhes os destinos. Falado o casamento o rapaz era sério, honesto, trabalhador, tinha bens bastantes —, os pais da Eugénia consentiram. Em boa hora, mercê de Deus! Ao cabo de três anos de inalterável bonança conjugal, três inocentes eram o vivo penhor do seu afeto.

Mas as coisas da vida iam mal... Pegara brava a moléstia nas oliveiras e nos castanheiros, o «míldio» acabava de lhe devastar a vinha, já os estrangeiros lhe não visitavam a adega, o «pulgão» comia-lhe as searas. A continuarem as coisas por aquele pendor, era uma fatalidade! — Tinha ali assim três anjinhos... E o mais que viria... Tinha obrigação de lhes deixar que comer!

Depois de muita hesitação, muita tormentosa luta interior, muita lágrima represada — não havia remédio... Dolorosamente concertou com a mulher e partiu para Lourenço Marques. E ela, a pobre, ficou-se em casa dos pais, paralelamente morta para o exterior, para a luz, para a alegria, arrastando, como um burel, a sua resignada

saudade, paresiada na mansidão de uma irremediável tristeza.

Com uma resignação' de freira, alheia por completo ao mundo, vivendo na perpétua lembrança do marido, na exclusiva preocupação dos filhos, passou anos Eugénia sem sair de casa, levando uma vida toda crepuscular, na inteira abdicação do seu querer, colada ao dever como a lapa ao rochedo, iluminada e forte sempre a alma do alimento ázimo do Passado, o seu fino rosto austero idealizado por uma transcendente, uma inabalável expressão de confiança e de doçura... Sem um queixume, sem uma revolta, sem uma indignada apóstrofe ao Destino, ela sofria mas esperava, esperava sempre... Forte dessa poética submissão, dessa fidelidade sem termo, essa irredutível e santa conformidade de que a nossa província ainda conserva o segredo. Embalde vinham as amigas desafiá-la: «que estava dando cabo de si... Não tinha jeito nenhum... Que faria se fosse viúva!» Esquivava-se invariável às mais inocentes diversões. Ouvia, ouvia tudo, num desdenhoso silêncio, e ao cabo abanava negativamente a cabeça, cerrando as pálpebras.

Escrevia amiúde o marido. Sempre cartas consoladoras, ainda era o que valia! Passados os dois primeiros anos, estava fazendo rapidamente fortuna. Tivera uma hospedaria; agora era já senhor de prédios, tomava empreitadas de construções, era grande acionista de uma companhia mineira.

O Simeão esfregava as mãos, contente, e exclamava, descendo aos netos os olhos húmidos:

— Abençoada resolução!

Eugénia, porém, nas suas cartas, extensos e adoráveis breviários de coisas de família — a saúde dos pais, a saudade que a ralava, os progressos, as graças, as doenças dos filhinhos —, passava sempre de alto, num leve roçagar de desdém, pela questão de interesses, e invariavelmente terminava com esta frase:

— Quando te tornarei eu a ver?...

Ultimamente anunciara ele uma próxima vinda à metrópole — para matar saudades, para revigorar a saúde. Dizia o paquete em que vinha, designava o dia da partida. Foi então na modesta casa do rossio de Pinhel uma alegria

doida... Não se falava noutra coisa; aos quatro ventos da cidade se confiou a consoladora notícia. Dia por dia com alvoroço se contava o tempo de viagem do vapor. Liam-se com avidez no Século os telegramas marítimos, a ver quando davam conta das sucessivas estações da sua rota. Sem entender nada de geografia, arranjou no entanto Eugénia um mapa, e aí, de olhos húmidos, como de instinto ia seguindo o progressivo e moroso avançar do ídolo da sua alma. Fez roupitas novas aos pequenos, para aparecerem ao pai. Dava repetidas ações de graças ao Céu; o seu entusiasmo, a sua fé, o seu amor não conheciam limites.

Pela mais feliz das coincidências, acontecia que o seu José devia ter desembarcado na véspera em Lisboa, e chegaria a casa portanto exatamente naquela mesma noite de Natal! Eugénia queria de força ir, com os filhos, esperá-lo abaixo, à estação, a Vila Franca das Naves. Entretanto, frustrou-lhe a resolução a inclemência do tempo. A família opôs-se. — Sempre eram 18 quilómetros de mau caminho, desabrigado, ínvio... E a chuva, o vento, a neve... Uma imprudência! Seria o mesmo José o primeiro a censurar... — Resignou-se portanto a ficar. Mandaram-lhe à estação a

melhor alimária de cavalaria que havia na terra, a mula do senhor abade, cedida com a mais pronta decisão; e para o espírito inquieto, para a alma ansiosa de Eugénia se foram então fechando interminavelmente as horas. Repercutia-lhe doloroso o bater da pêndula no pulsar do coração, e o seu adorado marido não vinha!

Por fim, perdera já por completo a esperança. E agora à mesa perante a ingénua e comunicativa alegria do momento, a dolorida tristeza da sua alma cerrava-se cada vez mais intensa e mais profunda.

* * *

Entretanto, continuava meigamente o pai a querer animá-la:

— É que o vapor não entraria a barra ontem, filha... Isso que admira, com o mau tempo que faz?...

— Sei lá o que foi!

— É isto. Não podia ser outra coisa... Se tivesse entrado, bem vês... O comboio passa em Vila Franca às 8... Depois, pra cima, a mula do senhor abade desunha bem... São três horas da estação aqui.

— Ora! Nem que viesse a pé... — corroborou o capitão — já estava farto de cá estar!

— Tudo isto é assim, tudo muito belo... — redarguiu, apreensiva, Eugénia — mas é que eu não faço senão pensar...

— E de repente, depois de uma hesitação, com ar aflito: — Ai, Deus do Céu! Receio muito que lhe tenha sucedido alguma coisa...

— Então porquê?... — interrogou mansamente, com uma bondosa doçura incrédula, do outro lado do Simeão, a espiritual velhinha.

— Ora, a mãezinha bem sabe... As mulas diz que são amaldiçoadas. Antes queria que lhe tivessem mandado outro animal! Porque não pediram ao médico?

— Está sempre a precisar... — aclarou o pai. — Isso são histórias!

— Não são tal! — insistiu Eugénia com vigor. — No Presépio a vaca chegava palhinhas ao Menino, para o agasalhar, e vai a mula comia-as. Por isso a Senhora a amaldiçoou.

— É verdade! É verdade! Assim diz a mestra... — aqui acudiu com interesse o filho mais velho, o Josezito, abrindo em claras convicções os olhos.

— Pois sim, filha... — insistia com amor o velho a derivar — mas come...

— Não tenho vontade...

Estes bolos de bacalhau.., estão ótimos!

— A mim amargavam-me como piorno!

E o bom do pai, largando a travessa, desistia.

— Valha-te Deus! — E, sempre no empenho de espertar a animação, arredando daquela festa as sombras, agora interrogava o neto: — Então que histórias foram essas que te ensinou a mestra?

— Sim senhor! — acudiu pronta a criança, com o mesmo tom de convicção escampe. — Sei essa história toda da

fugida pró Egipto. Ainda há mais coisas... Ao atravessar a burrinha um tremoçal, quase seco, as ervas faziam muito barulho, dando sinal aos perseguidores... E vai a Senhora amaldiçoou-as também.

— Meu anjinho! — exclamou com ternura a avó desvanecida.

— E também está amaldiçoada a perdiz — continuou muito sério o rapaz. — Só a pena...

— Conta lá... — disse-lhe a mãe, momentaneamente distraída.

— Foi assim... Quando Nossa Senhora fugia, um bando de perdizes, levantando-se-lhe na frente, assustadas, espantou-lhe a burrinha e deu sinal ao inimigo. Vai a Senhora exclamou: «Malditas sejais!» São José perguntou: «Por inteiro, carne e tudo?» E a Virgem respondeu: «Não, coitadas! A carne, não... Só as penas.»

Aplaudiram todos, encantados, o pequenino narrador, cujos lábios de cereja a mãe comia de beijos.

De súbito — que estranho estrupido é este?! — no pleno sossego daquela hora alta, áspero e vibrante ressoou no

pátio um significativo tropear de ferraduras. Logo um trinado silvo familiar, num segundo, quando, à instantânea impulsão do espanto, mal tinham tido ainda os convivas tempo de se erguer da mesa, já o José Ventura invadia de rompão a sala e estrangulava a mulher de comoção nos braços, balbuciando entre soluços de escachoante amor:

— A Geneta! A minha querida Geneta!

Enquanto, pequeninos e dobrados, todos em lágrimas, dele se aproximavam os pais, trémulos na ansiosa suplicação de uma carícia; e aturdida, boquiaberta, a velha Leonor exclamava, limpando os olhos à serguilha do avental:

— Parece mentira!

— Mentira me parece a mim mas é eu estar de volta outra vez! — bradava na veemência da sua ardente emoção o rapaz.

— Aqui assim na nossa casa... Junto da minha mulher, dos meus filhos, dos meus velhos, dos amigos!...

E ia e vinha, a um e outro lado, irrequieto, gárrulo, feliz... Dava abraços, palmadas, beijos, entregava-se, dispersava-

se... Num trasbordar suave de efusão prodigalizava o melhor e o mais íntimo do seu ser, irreprimivelmente expandia a sua sentimentalidade represa de tantos anos.

— Mas que horas são estas de aparecer?...

— Com efeito!

— Já ninguém fazia conta de ti!

— Que ralações aqui iam!...

— Faço ideia... Bem me lembrou! — disse o José Ventura, olhando com amor a mulher. — Mas que querem?... O comboio vinha atrasado, os caminhos estão péssimos!

— Louvado seja Deus Nosso Senhor! — murmurou de mãos postas a santa velhinha, considerando o filho.

— Como tudo isto me parece bem! — exclamou num ímpeto o recém-chegado, sentando-se, com todos os mais, à mesa. — Que bela compensação a todas as minhas penas e trabalhos! Que saúde ao corpo, que refrigério à alma!

— Comes? — perguntou-lhe o pai.

— Ai, não! Trago uma fome de pedras... Vou já começar aqui por estes ovos verdes.

— Agora também eu como! — rompeu, sentando-se junto dele, a mulher.

E reatando conversa, patriarcalmente, como se de princípio também ali estivesse, como se nada de anormal, desde o começo da ceia, se houvera ali passado, disse ainda, todo natural, o José:

— Mas que conversa era essa então com que estavam, de maldições?... Eu ainda ouvi...

— Falava-se de quando foi da fuga da nossa Senhora, com São José e o Menino. Diz que ela amaldiçoara então a mulinha do Presépio, os tremoços, as perdizes…

— E então dos noitibós e das cotovias, não sabem?... Disse o José, sorrindo.

— O quê!?

— Ainda me lembro!

— Sabes mais do que nós...

— Pois então! Contava-me aquela nossa criadita velha, a Emília... Ora espera, como era?... Ah! Quando Nossa Senhora ia a caminho, os bisbilhoteiros dos noitibós iam na

frente, a gritar: «Ela aqui vai! Ela aqui vai!» E atrás as cotovias, apagando as pegadas da burra com as patitas, diziam: «Mentira! Mentira!» Por isso Nossa Senhora abençoou estas e amaldiçoou aqueles.

— É verdade, mamã? — perguntou com interesse o Josezito.

— O papa nunca mente.

E a cada instante o papá, radiante, cheio de si, na amorosa incidência da atenção de todos, e com os filhos pendurados em cacho dos ombros, do colo, do pescoço, demandava a mulher com os olhos rasos de água, numa expressão fundente de ternura:

— A minha Geneta!

LENDA DO PINHEIRO DE NATAL

A tradição de enfeitar árvores tem origem em costumes pagãos anteriores ao cristianismo, que durante as festividades ligadas à natureza e à fertilidade da terra elegiam árvore como um símbolo dessa força da natureza. Este era um costume presente em muitas culturas do mundo antigo, desde os egípcios aos helénicos (gregos), romanos e sobretudo os celtas. Com o estabelecimento do cristianismo tal costume passou a ser proibido. Foi só com surgimento dos movimentos protestantes, iniciados pelo alemão Martinho Lutero que a prática de decoração de árvores foi retomada e introduzida nas celebrações de Natal, muito provavelmente como modo de desafio às proibições da igreja católica. Assim nasceu o conceito da árvore de Natal.

A adoção de tal prática – hoje em dia indissociável da época natalícia – não foi rápida e encontrou mais resistência nos países em que a igreja católica exercia

muita influência. Em Portugal, por exemplo, somente no século XIX é que a árvore de Natal passou a ocupar um lugar nos lares durante a época do Natal.

A árvore de Natal é, por tradição, uma árvore conífera (pinheiros, cipestres, abetos), não só porque são o tipo mais comum de árvore na Europa mas também porque estão verdes o ano todo, simbolizando por isso a perfeição e a vida. Em Portugal é o pinheiro a árvore de Natal por excelência e indissociável à época.

Na região transmontada conta-se uma lenda sobre a origem do Pinheiro de Natal. Segue-se a lenda:

Diz-se que quando Jesus nasceu as árvores de todo o mundo floresceram e revestiram-se de flores nesse dia. Todas, exceto o pinheiro.

Sendo o pinheiro uma árvore que não produz flores, tudo o que lhe nasceu foram pinhas, e apesar de ter muito orgulho nelas, ele viu que, ao lado das outras árvores, tinha um aspeto muito humilde. Por isso entristeceu-se e envergonhou-se por não conseguir homenagear o

nascimento do menino Jesus com a mesma beleza das outras árvores.

Ouvindo o seu lamento, os anjos apiedaram-se da sua condição e decidiram ajudá-lo. Do céu colheram estrelas e com elas foram-lhe enfeitar os ramos.

O pinheiro ficou radiante e brilhou com tanta luz que gente de muito longe avistou o pinheiro iluminado no meio da serra e veio ver o que era aquilo.

E a todos os que chegavam o pinheirinho dizia:

— Alegrem-se! Hoje nasceu o Salvador do Mundo!

A partir desse dia o pinheiro passou a ser celebrado como a árvore que se decora por altura do Natal em comemoração no nascimento do menino Jesus.

OS PASTORES

De Gomes Leal

Guardavam certos pastores

Os seus rebanhos, ao relento,

Sobre os céus consoladores

Pondo a vista e o pensamento.

Quando viram que descia,

Cheio de glória fulgente,

Um anjo do céu do Oriente,

Que era mais claro que o dia.

Jamais os cegara assim

Luz do meio-dia ou manhã.

Dir-se-ia o audaz Serafim,

Que um dia venceu Satã.

Cheios de assombro e terror,

Rolaram na erva rasteira.

– Mas ele, com voz fagueira,

Lhes diz, com suave amor:

«Erguei-vos, simples, daí,

Humildes peitos da aldeia!

Nasceu o vosso Rabi,

Que é Cristo – na Galileia!

Num berço, o filho real,

Não o vereis reclinado.

Vê-lo-eis pobre e enfaixado,

Sobre as palhas de um curral!

Segui dos astros a esteira.

Levai pombas, ramos, palmas,

Ao que traz uma joeira

Das estrelas e das almas!»

Foi-se o anjo: e nas neblinas,

Então celestes legiões

Soltam místicas canções,

Sobre violas divinas.

Erguem-se, enfim, os pastores

E vão caminhos de além,

Com palmas, rolas, e flores,

Cordeiros, até Belém.

E exclamavam indo a andar:

– «Vamos ver o vinhateiro!

Ver o que sabe lavrar

Nas nuvens, ver o Ceifeiro!

Vamos beijar os pés nus

Do que semeia nos céus.

Ver esse pastor que é Deus

– e traz cajado de luz!»

Chegando ao presépio, enfim,

Caem, de rojo, os pastores,

Vendo o herdeiro d'Eloim

Que veste os lírios e as flores.

Dão-lhe pombas gloriosas,

Meigos, tenros animais.

– Mas, vendo coisas radiosas,

Casos vindouros, fatais…

Abria o deus das crianças

Uns olhos profundos, graves,

No meio das pombas mansas

– nas palpitações das aves.

A NOITE DO NATAL

De José Maria de Andrade Ferreira

Corria a noite de vinte e quatro de Dezembro, e dez horas acabavam de soar na freguesia de uma aldeia da província do Minho.

Era uma destas noites como as produz Dezembro nas províncias do Norte de Portugal; serena, mas fria de regelar: a geada caía a flocos em abundância.

De além das cumeadas da serrania, sobranceira à aldeia, lá começa a aparecer uma claridade alvacenta, como véu diáfano que se dilata, e que pouco a pouco envolve o baço fulgor das estrelas.

É a Lua que vai nascer.

A pálida e melancólica rainha da noite ergue a custo a cara, anuviada pelos gélidos vapores que o Inverno

depositara nos cumes da serra. É como um espírito aéreo de Ossian, percorrendo em níveas vestes as montanhas de Morven.

Quão sublime é o nascer da Lua, quando a noite já vai adiantada! É nessa hora de tranquilidade profunda e meditação solene, que a alma, animada por essa centelha que ao mundo desferiu a Divindade — a poesia, solta voos temerários, sendo-lhe estreita a imensidade do espaço para dar largas aos pensamentos que inspira o astro melancólico da noite.

Sereno e modesto planeta, quanto simpatizo contigo! És o meu enlevo nas belas noites estivas, em que brilhas no nosso tão poético hemisfério, desferindo um olhar cheio de mistérios. Sem o querer, pelo teu aspeto acho-me embevecido, sem de ti desfitar. Olhando-te, minha alma parece desprender-se das suas ligações terrenas e voar pelo espaço, engolfando-se na deslumbrante cópia de maravilhas, que o silêncio imperturbável da noite nos patenteia, e que tu, como um facho inextinguível que luz entre o homem e Deus, iluminas e esclareces! Tu és como um fanal misterioso, que, nas horas em que tudo jaz

adormecido, fazes resplandecer as páginas do livro da sabedoria eterna — a natureza!...

O nordeste começara de soprar rijo, varrendo com as suas asas da amplidão do espaço os ténues nevoeiros que a noite acumulara; e açoitando em rajadas a encosta da montanha, envergava os pinheirais, que, erguidos na lombada das colinas, se projetavam no horizonte como fantasmas negros que, ao som do vento, que, gemebundo, percorria pelos vales, dançassem danças grotescas e bárbaras.

A noite foi alimpando, pondo-se bela e clara com a saída da lua, que, já desassombrada de vapores no seio da atmosfera, pura e serena, fulgurava como broche de ouro no meio de um vasto manto de cetim. À sua claridade os objetos confusos e indistintos, pelas sombras da noite, tinham-se estremado e tornado percetíveis. No pendor da serra, quase a dependurar-se por entre os ramais verde-negro dos árvoredos frondosos, começara a surgir, alvejando ao luar, a aldeia, cujo campanário, ainda havia pouco, fizera soar dez horas.

Entre nós, gente da corte, dez horas é apenas o começo da noite: é a hora de dar entrada num baile; é a hora em que um peralta vai para o teatro; é a hora em que se faz a abertura de um sarau, segundo as prescrições do código do bom-tom; é, enfim, a hora destinada, nos ritos da tafularia, para se começar tudo o que respeita ao mundo elegante, depois que o Sol deixa de nos iluminar. Mas, no campo, dez horas é uma hora adiantada: é a hora em que um honrado e positivo lavrador tem já dormido o seu sono, e muito bem estirado; porque os habitantes do campo, como lapónios e pouco ilustrados que são — coitados! — preferem a luz de um belo sol, que os ilumine e lhes dê vigor e energia, à luz artificial de alguns resplandecentes lustres de gás; e por isso se deitam ao anoitecer, e erguem-se com a aurora, gozando do inexplicável espetáculo do acordar da natureza. São gostos. Pois fique cada qual com o seu, que eu, apesar das pinturas dos poetas e das descrições lisonjeiras da gente da província, nunca morri de amores por madrugar. Prefiro antes que o sol me veja erguer a mim, do que eu o veja erguer a ele. Há nisto talvez até descortesia para com o rei dos astros; mas que querem? Uma madrugada, acompanhada do seu cortejo de gelos e calafrios, foi

sempre para mim mais assunto de muito bocejo e espreguiçamento, do que de encantadoras e atrativas seduções. O mau gosto é de certo da minha parte; mas antes assim. Suporte-se ainda mesmo a reputação de sensaborão, contanto que não se troque uma cama, fofa e quente, por uma madrugada fria e áspera.

No campo, como íamos dizendo, dez horas, que são horas de tudo jazer já adormecido, nesta noite, porém, parecia ter exceção, a atentar bem na nossa aldeia, por cujas fisgas das portas e janelas de algumas habitações, bruxuleavam luzes, como pirilampos fulgurando num brejo, ouvindo-se, interrompido e intermitente de vez em quando, o ruído confuso de um vozear alegre, como cantares, ao que parece, de gente que festejava.

E alegrava-se, sim; porque esta era uma das noites de exceção por excelência para aquelas boas gentes: esta era a noite de 24 de Dezembro; era véspera do dia de Natal, em que tudo na província festeja, risonha, tange, canta, come e bebe, já se sabe, devotamente, depois de ter ido ouvir a missa do Galo. Esta era a razão da novidade que ocorria na aldeia, cujos habitantes já ansiosos e alegres suspiravam

pela duodécima badalada do sino da freguesia, para envergarem capotes e gibões, e porem-se a caminho para a igreja.

De repente o sussurro de vozes, que era trazido ou levado pelas esfuziadas do vento que assobiava pelos estevais, dobrando as piteiras dos valados, foi cortado pelos latidos agudos de um cão, o qual parecia estar dentro de uma casa de melhor aparência, que ficava afastada da aldeia, para a baixa da serra.

Os latidos do cão vinham com efeito do interior desta casa; e o motivo parecia a aproximação de um vulto negro, como de homem embuçado, que saíra detrás de um grupo de choupos, e se acercara da porta da casa, como pondo-se à escuta. O ladrar do cão ao princípio não atraiu o reparo da gente que lá dentro andava acesa em festas; mas tanto que este avançou à porta, raspando nela, como que entrevendo o vulto que estava de fora, que uma voz de homem bradou de dentro:

— Ó Francisco, vê porque ladra aquele cão.

Ao soar da voz, o embuçado desaferrou da porta, e correu a esconder-se com os choupos.

A porta abriu-se; e um homem, tendo mão num formidável rafeiro, que, sacudindo a cauda, tudo era querer partir para o lado onde o faro lhe denunciava o estranho, apareceu, deitando a cabeça de fora.

— Ora o que há de ser! — diz o rapaz — não é nada: é o Diamante, que sentiu bulir a porta com o vento, e por isso ladrou.

— Qual carapuça! — exclamou o outro homem de dentro.

— Se ele ladra, é porque anda por aí gente.

O Diamante não se engana assim. Anda gente, e gente a quem ele tem gana: essa também eu te juro.

— Eu cá não enxergo vivalma, tio Jerónimo — replicou Francisco. — Ouço o vento que assobia nos valados, e mais nada. Pois olhe que a noite está clara como de dia.

— É verdade; que bela noite! — exclamou uma voz feminina, sonora e meiga. — Parece uma noite de Estio; ora que nem de propósito se pôs assim.

A esta fala, o cão soltou-se das mãos do rapaz, e voltou-se para a recém-chegada, que era uma camponesa, jovem e gentil, segundo da parte de fora se podia ver, e se pôs a lambê-la e a afagá-la.

— Acomoda-te, Diamante: tens andado hoje tão inquieto! Terá fome, talvez. Vai dar-lhe de comer, Francisco, anda — disse ela desenvencilhando-se do cão, e indo para dentro.

Neste comenos, os choupos tremeram, e Diamante, pilhando Francisco desapercebido, avançou ladrando com a fúria de um leão. Nisto as árvores buliram mais, e uma pancada surda, como de arma que erra fogo, fez-se ouvir.

— Que é isso?... Foge, Diamante, que te matam! — grita o jovem, correndo a desviar o cão.

A esta exclamação do criado, toda a gente da casa chegou à porta, alvoroçada.

— Quem é que me quer matar o cão? — bradou um homem que vinha à frente, adiantando-se, e brandindo um varapau com uma choupa numa das pontas.

A resposta foi o lampejo de escorva que ardeu, sem disparar a arma, entre os choupos.

— Tira-te, António, que foi espingarda que dispararam dali — grita a camponesa, que já tinha aparecido, empecendo ao homem do varapau de prosseguir na direção das árvores; mas este, desembaraçando-se dela, replicou-lhe com brandura:

— Não tenhas medo, Emília. Sempre quero ver quem é o gatuno, que assim me quer matar o cão: hei de lhe arrancar as barbas, uma por uma!

O homem que assim falava era um rapaz de vinte e oito anos para trinta: alto, robusto e bem posto. Ainda que não fosse belo, o seu todo era simpático, e tinha umas maneiras em que se revelava a franqueza aldeã, espontânea e incuidosa, mas acompanhada da resolução do homem decidido.

Com ele tinham saído mais alguns rapazes camponeses, uns poucos de lapónios, que eram os jovens da aldeia, e um homem já de idade avançada.

— Que fazes? — gritou este, dirigindo-se a António. — Não te arrisques assim. Sabe-se lá o que será!

— Ora o que há de ser? — retrucou o jovem aldeão. — Algum ratonei.ro, que está à espreita que vamos para a freguesia, para nos entrar em casa.

— Dizes bem, nem é outra coisa — acrescenta o velho, dando alguns passos para o meio da viela.

— Sim, mas deixem-se estar — insistiu Emília, segurando pelo braço António.

— Qual! Hei de ver-lhe a cara — ateimou este, adiantando-se para os choupos e mais alguns aldeões. Mas ainda não tinha chegado próximo, quando uma sombra se escoou por detrás das árvores, e se viu distintamente o vulto de um homem de capote escuro saltar o valado com a ligeireza de um gamo, e desaparecer súbito.

— A ele, Diamante, vai-te a ele! — brada António, arremessando o cajado ao vulto que fugia, e correndo após ele com a impetuosidade de um tigre.

O cão, enraivado à voz do dono, correu com a velocidade do raio, galgando o valado de um pulo. Quase todos os homens avançaram para o lado por onde fora António, e em breve desapareceram também.

— Vão-me buscar a minha caçadeira! — bradou o velho para os jovens, que estavam espavoridos e estupefactos, enquanto que as mulheres rompiam em alaridos. — Vocês não ouvem, gente do diabo? Vão-me buscar a minha espingarda, ou não? — disse o velho agastado.

— Aonde queres tu ir, Jerónimo? Tu enlouqueceste?... Tu perdeste a cabeça?... — grita uma velha, de voz rouquenha e gritadeira, excessivamente gorda, mas desembaraçada e resoluta, saindo da mesma casa, e travando com o braço o tio jerónimo, a quem o risco da aventura estimulava ainda os brios de rapaz.

O empuxão da velha, forte como a abalroação de uma charrua dinamarquesa, deteve nos seus ímpetos o tio Jerónimo.

— Aonde quero eu ir? — replica ele. — Quero saber quem é o patife que, escondido naquelas moitas, teve a fraqueza de desfechar à queima-roupa sobre o bom do nosso António.

— Olhe, minha mãe, indo o pai armado, não tem dúvida... — ia dizendo Emília, quando a velha, arregalando os olhos,

com as faces acesas em ira e as palavras atropelando-se pela cólera, lhe bradou num tom atroador:

— Que dizes tu, tola?... Tens medo que te bulam no machacaz, e por isso queres meter também o pai na alhada? Vai tu. Tu não me fazes falta; ele sim. Que me dizem à rapariga!

Quer que lhe guardem o bonifrate! Que se defenda ele. Já tem idade para isso. E que me importa a mim o cão do António?... É o que faltam são cães. E, para além do mais, o cão não é nosso.

— Mas é como se o fora, porque é de António, e é muito seu estimado — respondeu Emília com interesse.

— E que tenho eu que ele o estime, ou não? — continua a velha, cada vez mais incendiada, e dispondo-se a arremeter para Emília.

— O caso é outro — atalhou Jerónimo, metendo-se de permeio. — Agora não se trata de cães, nem meios cães; o caso é mais sério. Trata-se de saber quem foi o melro que estava posto à capa detrás dos choupos, e que depois se

esgueirou lá para a quebrada da serra. Não era para matar um cão que ele ali estava. Este é que é o caso.

— E verdade; este é que é o caso — acudiu Emília, fazendo coro com o pai.

— Será esse o caso, senhora espevitada; mas se o cão não estivesse a farejar e a arranhar na porta, já não era nada disto — retorquiu a velha, que era uma espécie de deputado de oposição sistemática.

— Eles lá vêm! Eles lá vêm! — disseram os jovens que tinham ficado.

Efetivamente assim era.

António chegou, e os mais camponeses e criados que o tinham seguido, todos cansados e esbaforidos.

— Então que era? — foi a pergunta que saiu da boca de todos.

— O que era?... Era um homem — respondeu António com ar taciturno —; mas agora quem!... Aí é que está o busílis. Vão lá perguntar-lho.

— Vão lá perguntar-lho!!... Ora essa! Pois não viram, indo-lhe quase na peugada?!... — exclamou Catarina pasmada.

— Qual! — disse António com um sorriso sardónico. — Parece que ia montado no diabo! Pois Diamante galga terreno, mas não foi para o seu dente podê-lo apanhar.

— E que direção tomou? — pergunta o tio Jerónimo, tomado de pasmo.

— Atravessou as terras do moinho: galgou a lombada da serra, e depois meteu-se na vinha do André da Charneca. Daí por diante ninguém mais lhe pôs a vista cm cima.

Isto respondeu um camponês, porque António estava entregue a pensamentos profundos, como que alheio do que se passava.

— Está bom; como não aconteceu desgraça, Deus louvado, ainda o caso foi bem. Ora andem, agora vamos para dentro — diz Catarina. — Parece que querem ficar aqui... Não pensem mais nisso. Isso era algum larápio, ou, agora me lembra, talvez fosse o abegão em que nos falou a Josefa da Horta; porque, bem pensado, estarem-lhe aqui quase com as mãos em cima, e ninguém lhe poder ser bom,

manda obra do demo. Eu te arrenego, Satanás! — exclamou a velha fazendo o sinal da cruz. — Então isto já é de mais: vamos para dentro, ou não?... Parece que ficaram todos apegados ao chão.

E assim era. A estranheza da aventura tinha infundido o espanto em todos.

António, com os olhos pregados no chão, encostado ao varapau, e verrumando a terra com ele, parecia entregue a um pensar penoso; ou, para melhor dizer, lidava para combinar factos que a memória lhe esquivava.

Um pressentimento indecifrável lhe escurecia as ideias, povoando-lhe de imagens tristes todo o seu imaginar. O aparecimento do estranho acordava-lhe pensamentos confusos, mas através dos quais lhe parecia ver despontar lembranças, que bem amargamente lhe tinham dilacerado a alma noutra época.

Emília chegara-se para ele, e mostrava que as mesmas sensações a atenuavam; estava triste e pensativa como ele.

O tio Jerónimo também pensava, mas o seu pensamento era outro. Reflexões nascidas das circunstâncias singulares

do acontecimento, e influídas pela superstição, feição proeminente do carácter camponês, lhe faziam encarar o ocorrido pelo lado maravilhoso. Um lobisomem não se atrevia a afirmar que fosse o desconhecido, porque a configuração era humana, e não assentava as quatro patas no chão; mas coisa boa não a reputava ele de certo.

Assim estavam todos, quando um sonoro repique de sinos, travando os ares e repercutindo-se em todos os montes e vales vizinhos, acordou os ecos da serrania, e arrancou os vales desta espécie de letargo.

— Ai! Que já toca à missa, e nós aqui! — exclamou Catarina, saltando como tocada da pilha voltaica.

— É verdade — dizem todos em chusma.

— Toca para a missa, rapaziada — bradou Jerónimo. — Deixemos os maus pensamentos. Não nos lembremos mais disto. O que for soará. Anda, António: pareces uma estátua.

— Eu cá não vou à missa — resmungou António.

— Quê?!... Tu não vais à missa?... Ora essa tinha que ver. Já para a freguesia, meu pachola! — brada Catarina dando-

lhe uma palmada nas costas, capaz de fazer aluir uma torre.

— Ora era o que faltava, se tu não ias à missa do Galo! Vai-te daí, tolo, que estás a parafusar? Pareces-me um piegas. Já a ninguém lembra tal coisa, e ainda tu estás com os olhos cravados no chão, que pareces um estafermo. Anda, vamos daí.

— Anda, António, disse Emília em tom meigo. Então não queres ir connosco à missa do galo?

— Pois vamos lá — respondeu enfim ele, que a esta voz pareceu desagarrar-se do seu ruminar.

— Toca a aprontar tudo, rapazes, para irmos para a missa! — grita o tio Jerónimo; o que foi respondido pela frase geral:

— Vamos para a missa.

Toda a família entrou para dentro da casa, e depois de alguns momentos saíram todos, mas já amantalhados e encapotados, e tomaram o caminho da freguesia.

— Fecha bem a porta — disse Catarina a um dos jovens que dava volta à chave, visto que temos quem nos ronde a casa.

O rancho alongou-se.

As vozes, em práticas festivas, por entre as quais surdiam as gargalhadas esganiçadas e estridentes das raparigas, foram ressoando ao longe por algum tempo, deixando de se distinguir, e formando por último um alarido confuso, que se perdia ou multiplicava à proporção das anfractuosidades da encosta que iam correndo.

Em breve não se ouviu já senão o som surdo e compassado dos tamancos dos jovens nas calçadas das quelhas da aldeia: este mesmo ruído extinguiu-se pouco a pouco; mas foi substituído por outro, semelhante à restolhada que fazem as folhas secas pisadas.

Eram passos de alguém que se aproximava cauteloso.

O vulto negro do embuçado apareceu de novo; mas desta vez vinha da traseira da casa; e cosendo-se com a parede dela, tomou também o caminho da freguesia, porém

sempre esquivando-se, retraindo-se ou cosendo-se com a sombra, até que desapareceu de todo.

* * *

A missa do Galo é uma das boas instituições religiosas do catolicismo, bem como todas as instituições que são propriamente nacionais, e em que o povo pode tomar o seu quinhão de alegria, sem sair do seu verdadeiro carácter. São estas festividades o relevo, ou esmalte da monótona vida das classes laboriosas: é por elas que o homem do povo mede os horizontes da sua existência, que marca os capítulos de ventura da sua história íntima, os quais firma e consagra com as afeições sinceras da sua alma, tomando estas épocas como balizas ou marcos miliários que avultam no caminho dos anos decorridos ou por decorrer, fazendo-lhes anexar, aos já passados, a lembrança penosa das suas afeições, ou das saudades que o coração desflorara sobre a memória de um ente querido; aos futuros um desejo de bem ou uma esperança que poucas vezes a sorte enflora.

Estas e outras festividades, umas originais da religião, outras derivadas de usanças e tradições imemoriais, são as verdadeiras flores do mundo ideal de qualquer povo; são as circunstâncias que concorrem para lhe dar um carácter próprio, uma fisionomia particular, e um aspeto distinto; são as origens que lhe suscitam as crenças, as usanças e tradições de que matiza, de que inspira e anima o seu viver íntimo e as suas convicções morais e religiosas.

Delas nascem formosas lendas, em que a poesia da superstição popular engrandece o culto religioso, firmando-o com a fé, na memória dos velhos, e com o mistério, na imaginação juvenil. Os hábitos e crenças do povo recebem destes factos, consagrados pela igreja, ou solenizados pela tradição, um distintivo, que importa conservar e perpetuar, porque nisso é que residem as suas feições nacionais.

A literatura, a verdadeira expressão da sociedade, na concisa frase de Bonald, bebe nestas fontes as suas mais nativas c puras inspirações.

A unidade e conservação do carácter moral de um povo subsistem nas suas convicções religiosas e populares. Tirai a qualquer nação as suas crenças e superstições, seus usos

c costumes, e vereis o que fica. Um conjunto de homens de um viver excêntrico, positivo, e bisonho, sem mundo ideal, que brilhe e ria à fantasia, sem perspetivas de atrativo encanto que inspirem a alma e a convidem a largos voos por horizontes sem fim. Seria a aridez moral, sem uma saudade, mas também sem uma esperança que, vicejante e virente, reflorisse perpetuamente voltada para o futuro dos nossos desejos.

É por estas razões que, se despirdes os anos das suas galas c louçanias, as épocas festivas; se arraigardes estas das suas práticas e costumes; e se, enfim, lançardes tudo no olvido, e desprezardes tais práticas e costumes, fica a existência social reduzida a uma série de dias, insuportavelmente uniformes, insípidos, monótonos, estirados, apenas preenchidos de fadigas e trabalhos, e distintos por um terramoto, por um águaceiro ou por um eclipse.

Voltemos agora à nossa aldeia.

O repique dos sinos, que fora como toque de rebate para a família do bom do nosso tio Jerónimo, tivera a virtude da voz do anjo, bradando das alturas aos adormecidos

pastores de Belém: Erguei-vos, que nasceu o Filho de Deus. Todos os habitantes da aldeia se puseram em movimento. Por toda a parte começaram a aparecer e desaparecer luzinhas, e o ruído de fechar e abrir portas fez-se ouvir em todas as habitações. Em breve os aldeões, entre risadas e festas, com a alegria e a esperança no íntimo, o sorriso nos lábios e o fervor no coração, se dirigiram à freguesia.

Pudéramos agora narrar mil episódios ocorridos, e peculiares a estas tão almejadas noites de Natal: mas não o faremos. A discrição cerra-nos a boca; e a pena, mais discreta que a própria discrição, pára, recusando-se à tarefa de perscrutar amores, e analisar muitas cenas de picante sainete cómico. Continue o mistério a envolver todas essas anedotas, historietas e lances, em que todos, mais ou menos, temos figurado de heróis. Calemos por interesse próprio. Agora tomemos o fio da narração de mais alto, para boa inteligência dela, começando por dizer quem era o tio Jerónimo, e a sua família.

O nosso tio Jerónimo era o que se pode chamar um verdadeiro tipo dos nossos aldeões de província. Era um homem que tinha o peito franco e a bolsa descerrada para

todos; que só via caras e não corações; que acreditava nas palavras sem descortinar interiores. Mas sentido com ele em não lhe pregar a primeira, que então ia tudo em vaza-barris, e não lhe pregavam a segunda; porque ainda que lhe fossem depois pregar evangelhos, era malhar em ferro frio, pois que ele seguia o adágio: cesteiro que faz um cesto, faz um cento.

Na sua juventude, o tio Jerónimo fora moleiro, porque a perda dos seus pais, sendo ainda pequeno, o obrigou a tomar este rumo: porém, pela morte do padrinho, que era o lar que ele no presente possuía e com quem habitava, ficaram-lhe umas vinhas e umas terras de pão, que se estendiam por toda a serra do lado, que entestava o nascente. Já se vê que senhor de tão rica propriedade, o nosso tio Jerónimo tratou de se estabelecer e de tomar estado. Efetivamente fez-se lavrador, e chegou em pouco a ser o mais abastado do sítio. Quanto a estado, Jerónimo já andava de amores, havia tempo, com Catarina, filha de um carpinteiro de carros da aldeia; o que não era bem olhado pelo pai da rapariga, que não queria que a sua Catarina casasse com um rapaz de mulas, como ele chamava a

Jerónimo. Todavia tanto que este, por morte do padrinho, tomou posse dos bens, o negócio mudou de face, e o rapaz de mulas começou a ser tratado com urbanidade pelo futuro sogro. Em fim, o casamento efetuou-se; e depois de dois anos, o amor e esperanças dos dois esposos foram coroados pelo nascimento de uma filha, a quem puseram o nome de Emília, por ser o da mãe de Catarina, sendo padrinho de batismo o padre da aldeia.

Emília logo desde criança foi o enlevo do seu pai; e conquanto sua mãe, na aparência, a tratasse de rompante, ela fazia o que queria de Catarina; porque Catarina tinha o terrível defeito de estar em oposição com todos; de pôr tudo a ferro e fogo na fazendo encanzinar; de não suportar contrariedade de espécie alguma sem romper em berreiros atroadores, realçados por um gesticular petulante e ameaçador; mas ao cabo de tudo, a pobre mulher era uma pomba sem fel, e afadigava-se por fazer bem a todos, não querendo mal a ninguém.

Os tempos correram, e Emília foi crescendo em gentileza e formosura. Todos na aldeia simpatizavam com ela: os velhos viam nela um anjo de paz; a indigência contemplava-

a como o seu esteio; e a juventude adorava-a vendo nela a sua esperança; enfim chegou a tanto o entusiasmo dos jovens aldeões, que lhe puseram o nome de Flor da Serra.

Emília, porém, pagava com gratidão estas demonstrações ternas, mas seu peito ainda não palpitava de amor.

Entre os jovens da terra, que a requestavam, havia um chamado Pedro, filho do cirurgião da aldeia, o qual mais se fazia notar pela insistência dos seus extremos e declarações; e que lhe parecia impossível que a indiferença de Emília o compreendesse, porque se julgava com direito ao seu amor em consequência de ser filho de uma das notabilidades da terra.

Este Pedro era um rapaz de carácter impetuoso e vingativo; de um temperamento ardente e irascível. Ele calava no fundo da alma o desprezo com que Emília o tratava; mas quem nele atentasse perceberia, pelo torvo do seu aspeto e maneiras retraídas, que naquele coração, a par de muito amor, existia outro sentimento, não menos forte, que não era a resignação; sentimento que, à medida que o seu amor lhe era repulsado pela indiferença constante da filha de Jerónimo, recrescia e se ateava de dia

para dia. O peito de Pedro era comparável a um vulcão; águardava só pela boca predestinada para rebentar em explosão.

Um acontecimento veio livrar Emília deste amante, que ela mais temia que prezava. A obrigação em que estava a aldeia de dar um homem para o recrutamento, fez com que Pedro fosse sorteado, e que nele caísse a sorte; sendo por conseguinte obrigado a ausentar-se da terra, e ir para o regimento que lhe foi destinado.

Passados dois anos, apareceu de novo na aldeia, já feito segundo sargento; e sem consultar Emília, atreveu-se a pedi-la aos seus pais. Catarina, deslumbrada pelo posto do jovem militar, esteve quase tentada a dar o seu assentimento; mas Jerónimo quis que a sua filha fosse ouvida, visto que o negócio lhe dizia diretamente respeito; esta recusou imediatamente. O novo militar, respirando mais raiva do que amor, despediu-se da família; e apertando a mão de Emília, disse-lhe com um acento terrível estas palavras, que sempre lhe ficaram gravadas na memória: Emília, pensa bem quanto pode um amor

desprezado; e fica certa que Pedro, assim como te soube amar, também saberá vingar-se.

Assim iam as coisas, quando aconteceu morrer um irmão a Jerónimo na província da Beira. Este irmão era um lavrador abastado e solteiro, mas que tinha um rapaz na sua companhia, que criara de pequeno, e a quem queria como a um filho. As más-línguas asseveravam que ele verdadeiramente o era, o que nós não sabemos ao certo; o que sabemos é que o bom velho o chamou à hora da sua morte, e lhe disse:

— António — que assim se chamava o rapaz —, tanto que eu feche os olhos, trata de pôr tudo que me pertence em arranjo; e depois irás procurar meu irmão Jerónimo, que tu aqui já viste por várias vezes, e lhe entregarás um maço de papéis, que está dentro daquele bufete, e esta carta. O meu irmão é um homem honrado; tu tens sido sempre bom rapaz: creio que não hás de ficar mal com ele.

No dia seguinte o bom do homem morreu; e António, depois de chorar sinceramente a sua morte, fez as suas disposições, e pôs-se a caminho para a aldeia do tio Jerónimo, ao qual se apresentou. Este recebeu António

como o seu bom natural lho pedia; e tendo mutuamente lamentado, um a perda de um irmão, outro a de um homem de quem recebera os extremos de pai, Jerónimo leu a carta e os restantes papéis, dizendo depois:

— E a ideia que ele sempre teve; ela não é má; o caso está que não fique só em desejos!

— E porque há de ficar só em desejos, tio Jerónimo? — pergunta António, sem saber de que se tratava —; se é uma ideia boa, e é, para além do mais, do seu irmão, que nos há de empecer de a levar avante?

— O tempo te dará a resposta, meu António —, volveu Jerónimo. — Por enquanto contenta-te de saber que ficas na nossa companhia, que não podes ficar melhor, porque neste particular não hás de sentir a falta do meu irmão.

António, que efetivamente era um bom rapaz, esteve por tudo; e em breve, pelas suas qualidades estimáveis, granjeou a estima de toda a família.

Todavia, António, decorrido tempo, começou a andar de modo preocupado e cabisbaixo. Todos o estranhavam; ele que era tão jovial e alegre; que sempre fora o primeiro nas

danças da aldeia, e o mais afamado improvisador ao desafio! E para que lhe havia de dar? Para andar desviado da mais gente, como ovelha tresmalhada; ou para se ir sentar ao pé do poço que estava junto do moinho do tio Jerónimo, e aí levar horas esquecidas a pensar, de olhos fitos num rosal, para onde Emília, ao pôr-do-sol, costumava ir refocilar da lida do dia.

Uma tarde, em que António estava no seu posto do costume, mais embevecido do que nunca no seu pensamento profundo, foi despertado de súbito por uma pequena pancada no ombro; virou-se, e deu com Emília, que com um papel na mão, entre sorrindo-se, lhe disse:

— Estás sempre tão pensativo, António. A modo que dantes não eras tão triste. Isso são por certo saudades da tua terra, não é assim?

— Saudades? — retorquiu António, olhando-a com prazer.

— De quem as hei de eu ter, a não ser daquele que me tratou sempre como pai?

— Não; essas saudades, que te trazem tão pesaroso, não são de gente morta — disse Emília com malignidade.

— Pois de outrem não as tenho — respondeu António com decisão.

— Então é outro sentimento que te consome; porque, se fosse saudade do meu tio, devia diminuir com o tempo, que tudo gasta, e não aumentar; salvo se cá em casa te quisessem mal; mas tu és tão bem tratado como eu; não é assim?

— Oh! Por certo.

— Então é outro motivo.

— E bem diverso.

— Bem diverso?… — replica Emília com curiosidade. — Então porque te não abres connosco, António? Não seremos nós capazes de te guardar um segredo, e de te minorar qualquer mal, quando esteja na nossa mão?

António pareceu lutar consigo mesmo; entreabriu os lábios, como para articular uma resposta, mas depois ficou silencioso.

Emília quase que entreviu o que nele se passava; e com um tom meigo e gesto afável, lhe disse:

— Ora diz, António, diz o que tens.

— O que é, sabe-lo tu melhor que ninguém — disse ele por fim, como arrancando a si uma confissão, que lhe enleava a alma.

— Eu?! — exclama a ingénua camponesa maravilhada. — Se nunca ninguém mo disse; tu também nunca mo disseste, como o hei de eu saber?

— Diz-to a minha perturbação; dizem-to os meus olhos; diz-to esse próprio papel, que tens na mão; e tenho-to eu dito muitas vezes, pelas minhas maneiras e palavras; tu é que não me queres entender — clamou António com energia, por fim, erguendo-se.

— Pois foste tu que escreveste este papel? — perguntou Emília, sorrindo.

— Fui sim — respondeu o jovem entusiasmado.

— E que diz ele — atalhou uma voz, dentre o árvoredo próximo, que se conheceu logo ser a do tio Jerónimo, o qual apareceu de súbito entre os dois jovens camponeses, lançando mão do papel, e lendo o que se segue:

De entre as rosas do rosal

És Emília, a mais formosa;

Respiras o seu perfume,

És como elas viçosa.

Quem dera poder colher-te

Já que o meu peito ferido

De tua negra esquivança

A ti já está rendido.

— Cáspite! Mais claro só água —, acrescentou Jerónimo, depois de haver lido, olhando para os dois com uma expressão galhofeira. — Uma declaração de amor, e em verso magnífico!... Então onde achaste tu este papel, Emília? — pergunta-lhe ele com um sorriso sardónico.

António e Emília, conquanto soubessem que Jerónimo não era pessoa capaz de supor mal deles, porque a fundo

conhecia a probidade de um e a virtude da outra, no primeiro instante ficaram estupefactos e corridos de se verem apanhados num lance inteiramente novo para eles.

— Então não me respondes, Emília? — repetiu o velho. — Estás com os olhos cravados no chão, e vermelha como uma romã. Achar um papel não é crime. Em que lugar o achaste, diz?

— Naquele rosal, onde me costumo sentar às tardes — respondeu por fim a bela camponesa, sem erguer a vista.

— E foste tu que o escreveste, António? — continuou Jerónimo.

— Fui, tio Jerónimo — acudiu o jovem com resolução. O velho, a esta afirmativa, rompe numa gargalhada estrondosa; os dois ficaram cheios de pasmo; mas ele os tirou deste embaraço, falando assim a António:

— Não te disse eu, que a ideia do meu irmão havia de ser o tempo que ta revelasse, hein?

— Assim é, tio Jerónimo — respondeu aquele, quase adivinhando já.

— Pois aí está o tempo, que ta revelou. Os meus filhos — continuou o bom do aldeão, estendendo-lhes a mão — vocês estimam-se, e não hei de ser eu, nem tão-pouco Catarina, que levemos a mal isso. O meu irmão, que para ti foi pai — prosseguiu ele virando-se para António que o ouvia absorto —, assim o desejava. Ele não quis prejudicar a amizade, nem o parentesco; porque, fazendo-te seu herdeiro, era eu lesado; não dispondo as coisas ao teu favor, mal terminava a sua amizade para contigo, pois te deixava ao deus-dará: assim combinou tudo, desejando que vocês se unissem, porque era a única maneira de tudo ficar em casa. Eu, porém, é que não quis que isso se fizesse à virga-férrea; porque, ainda que se diz, que o casamento e a mortalha no céu se talha, eu cá digo que é uma coisa que deve ser muito da livre vontade de cada um; e por isso quis espreitar primeiro a sua inclinação. Agora já sei qual é. Confesso que fiz um papel avesso ao meu génio, e feio, em estar à escuta por detrás daquelas árvores; mas como foi para bom fim, não me arrependo. Ora, pois, meus filhos, alegrem-se que brevemente serão um do outro.

Emília e António saltaram ao pescoço do velho aos abraços, na maior efusão de ternura, a que ele correspondeu com afeto, acabando assim este colóquio. Em seguida foram todos dali dar parte do acontecido a Catarina, que, desta vez, não tez oposição.

Mas eis que os aldeões já vêm saindo da freguesia. Pois quê! Acabaria já a missa do Galo? Parece impossível. Ou o padre a disse muito depressa, ou nós nos demorámos excessivamente a esmiuçar os particulares da família do nosso tio Jerónimo. Há de ser uma das coisas, porque efetivamente os camponeses já enchem as quelhas da aldeia, e clareiras da serra, em demanda das suas casas, ledos e ansiosos por se irem lançar à consoada que os águarda.

* * *

Estamos numa vasta quadra, coberta de telha vã, a que o pai de Emília tem concedido a honra cumulativa de sala, antessala, câmara, casa de jantar e saleta de espera. A um

lado vê-se uma ampla lareira, com um bom fogo, onde arde, crepitando em estalidos intermitentes, o cepo-do-natal.

O cepo-do-natal é uma antiga e devota usança adotada pelos povos de algumas das nossas províncias: e não é só nossa, porque Christien, no seu estudo crítico sobre os costumes dos caledónios, diz que os antigos escoceses queimavam, em todas as suas festas, um grande carvalho, a que chamavam o tronco-da-festa. Em Portugal, esta usança pratica-se da maneira seguinte.

Pelas vésperas do Natal, os lavradores abastados e devotos mandam cortar do pinheiro mais virente e robusto, que avulta nos seus pinheirais, um tronco, que é solene e festivamente trazido à sua morada, e depositado sobre a lareira. Na noite do Natal acende-se e arde até pela manhã, guardando-se devotamente o que escapa das chamas; pois, segundo creem os bons camponeses, tem o condão de afugentar os raios e preservar deles, e muitas outras miríficas propriedades e virtudes, como a palma benta, as campainhas de Roma e os círios das Endoenças.

O cepo-do-natal, que ardia sobre a lareira do tio Jerónimo, havia-o cortado António, na véspera, de um

ingente e frondoso pinheiro, que altivo campeava na assomada da serra, à sombra do qual muitas vezes o mesmo António se sentara com a sua querida Emília. Tinha sido o confidente dos seus amores; era bem que assistisse às suas bodas. A rapaziada da aldeia havia-o ajudado a trazer até ali, o que para ela fora grande contentamento; e a boa tia Catarina já se achava abarbada de pedidos, feitos pelas aldeãs, que queriam que o ramo milagroso se repartisse por elas, à laia de santo-lenho, porque estavam quase certas de que o tronco misterioso, que fora guarida de amores, sacrário de segredos de ternura, e agora cepo-do-natal, teria mais virtude ainda de atrair corações, do que de afugentar raios.

Mas ponhamos de banda os desejos femininos da aldeia, e continuemos o esboço da casa do velho Jerónimo.

Em roda da lareira está o bom do velho, alegre em tecer apoteoses aos passados tempos, com o padre da aldeia, ancião respeitável, querido de todos pelos dotes do seu carácter verdadeiramente apostólico, e o boticário da terra, a quem o dono da casa havia convidado para fazerem a meia-noite com ele, como pessoas muito da sua particular

estima. Junto deles vê-se Diamante estirado, aquecendo-se ao calor da lareira, seguindo com os olhos os menores gestos dos três; e ora espetando as orelhas, ora açoutando as ancas com a cauda, resmoneia, olhando de lado o boticário, criatura com quem embirra figadalmente. Do teto pende um lampião de ferro, projetando uma claridade vacilante e baça em todo o recinto, que está apinhado de raparigas da aldeia, muito guapas e garridas, com as suas galas e donaires estreados de novo; e da flor dos jovens aldeões, amigos de António, com quem travam práticas festivas, brincam, chacoteiam e riem, formando diversos grupos, os quais, exagerados pelos lampejos intermitentes da lareira, que, ora aclarando a casa toda, os diminui como pigmeus, ora, quase extinguindo-se os aumenta, tomam formas rasgadas, descomunais, grotescas e fantásticas.

A alegria transuda nos rostos de todos; mas uma alegria franca e sincera, sem retração nem embaimentos. Cada boca é um intérprete de alma; cada olhar um reflexo de sensações íntimas; cada palavra a manifestação singela de um pensamento puro; e essas expressões, conquanto enérgicas, veementes e até mesmo rudes, são, contudo,

ingénuas e chãs, como a existência simples e laboriosa daquelas pobres gentes. Pode-se dizer que a cena que se passa em casa do tio Jerónimo é um verdadeiro episódio da alegre e honrada vida campestre, com toda a sua aparência tosca, simples, lhana, e primitiva, mas com o verdadeiro fundo que distingue um entretenimento desta ordem — a sinceridade, de um sarau hipócrita de gente palaciana. Enfim, é um quadro como nunca o produzira o pincel flamengo nas suas inspirações mais naturais e animadas da vida patriarcal dos campos. Teniers enriquecera ali a fantasia de episódios, que só a existência, compreendida nos seus acidentes, pode revelar; e Hogarth alegrara-se por poder reproduzir com a mesma vida e colorido o conjunto que lhe se oferecia à vista.

Este contentamento, porém, já de si tão buliçoso e expansivo, era ainda mais atiçado pela substanciosa consoada, que fumegava em cima de uma grande banca, a um canto da casa, para a qual olhava de vez em quando, com vistas ávidas, o boticário, mais forte na gastromania do que na farmácia, e que, ao cabo de muito pensar, tinha decidido para si que o primeiro e mais cabal princípio

higiénico era comer bem, e sobretudo à custa alheia. Catarina, pelo seu lado, não cabia em si de contente; o que ela demonstrava pela maneira, nada equívoca, de variados e infindos berreiros, dirigidos em todos os tons, desde o mais roufenho até ao mais gritadeiro e espevitado, contra os maloios dos criados, que a faziam levar da breca por desazados e broncos. António, já esquecido da aparição do desconhecido, estava também entregue à geral festa: só Emília lidava por simular rosto prazenteiro; mas conhecia-se que dentro a ralava pesar, que ela mal podia reprimir. Emília efetivamente tinha saído mais satisfeita do que viera da missa do Galo; e o motivo parecia ser um pequeno bilhete, que ela já por mais vezes lera furtivamente à claridade da lareira. Mas isto, na confusão, não era notado, nem até o seria por António, a não sobrevir um acidente.

Mais por comprazer com as aldeãs, suas amigas, do que por boa vontade, Emília entretinha-se a bailar com algumas delas: no conflito do brinquedo saltou-lhe do seio o misterioso papel, que tão preocupada a trazia: as camponesas julgando ser alguma carta de António, lançaram-se sobre ele de roldão querendo-o tomar nas

mãos; porém Emília com presteza o apanhou; mas não tão rápido, que não fosse vista por António, que, chegando-se a ela, lhe disse:

— Parece-me que saíste mais alegre do que entraste. Terás acaso algum feitiço que te dessem nesse papel?

— Feitiço?! Ora tens coisas, António! Isto é… É… — E Emília balbuciou algumas palavras, sem que atinasse com resposta. — Olha, António — continuou ela, puxando-o de parte: — eu devo estar certa de que confias no meu amor, não é assim?

— E quem o duvida? — acudiu António, agastado pela estranheza da pergunta.

— Pois então asseguro-te que este papel em nada pode alterar a nossa estima; mas peço-te só que o não queiras ver antes de nos recebermos…

— Antes de nos recebermos!… E porque mo não deixas ver hoje, agora mesmo? — porfiou António, levado da singularidade da exigência.

— E dizes tu que não duvide eu de que me estimas?! Se assim fosse, não teimarias em ver o papel. E que desconfias

de mim — continuou Emília, tomando um ar pesaroso, e pregando os olhos no chão.

— Não, minha Emília; não é desconfiança, é só curiosidade, mas nem essa já tenho — acrescentou com ternura o camponês, lançando-lhe um braço em torno da cintura —; já até nem quero ver esse maldito papel que foi a causa de tu te agastares comigo.

— Agastar-me contigo? Estás a brincar — replicou-lhe Emília, dando-lhe a mão que apertou com afeto.

— Vamos para a mesa, rapazes — grita a velha Catarina, com voz de estentor: — toca a consoar. Aqui não há guisados, mas o que há é de boa vontade. *Sô* padre-cura... O Jerónimo!, conduz o *sô* padre-cura.

Aos gritos de Catarina, Diamante empinou-se, e todos se dirigem para a mesa.

Jerónimo conduziu o padre e o boticário, os quais tomaram assento; e os restantes, ao seu exemplo, fizeram o mesmo.

A mesa vergava com o peso de uma taleiga ingente, atolada de chispes de porco e nabiças, que estavam que os

anjos os podiam comer, segundo a frase da boa da dona da casa: ao lado campeavam dois avultados canjirões de vinho da lavra do tio Jerónimo, que amiúde se foram despejando nos canecos parciais, que giravam em contradança sucessiva pelas mãos dos convivas. Uma ampla escudela, cheia de bolos de festa, completava a guarnição e atiçava os olhares do boticário, que já se fazia com terra de engolir a sua meia dúzia, e sepultar outra meia nas amplas algibeiras do sobretudo.

— Cá os bolos de festa são obra de Emília, padre-cura — disse Jerónimo, oferecendo-os ao padre, e revendo-se na filha.

— Deus a abençoe, e faça tão feliz com António, como têm sido seus pais, já que têm as boas qualidades deles — respondeu o padre, afagando a jovem camponesa, que lhe retribuiu, beijando-lhe a mão.

António, durante a ceia, não tirara os olhos dela, mal podendo deixar de lhe dar reparo da sua visível tristeza. Emília bem o tinha percebido, e por isso lutava consigo por aparentar de distraída e satisfeita; mas debalde porque o pesar oculto, que lhe confrangia o peito, transpirava

manifestamente no seu rosto. António conhecia a fundo a pureza daquela alma, e amava-a como se pode amar uma mulher; todavia, não lhe querer ela mostrar aquele sinistro papel, estar triste e preocupada na véspera do seu noivado, quando importava estar mais alegre do que nunca, era uma coisa cuja explicação ele não achava, por mais que ruminasse: e ainda estaria a pensar nisto, se não fosse um berro estrondoso da tia Catarina, que se dirigia aos aldeões nestes termos:

— Então, rapazes, parece que estão mais para dormir do que para comer. Fortes piscos, não bolem com os queixos senão para dar à taramela. Eu bem sei o que vocês querem... Não estejam a olhar para mim de boca aberta, que eu bem os entendo... Aposto que querem ir na brincadeira?! Hein?

— É verdade, tia Catarina; queremos, queremos — romperam todos os aldeões, erguendo-se, como maioria de câmaras legislativas ao aceno ministerial.

— Pois dancem e brinquem com a breca; mas olhem que eu ainda quero um resto da noite para dormir, ouviram? — disse o tio Jerónimo, erguendo-se da mesa, depois de ter

dado graças, e haver recebido a bênção, que o padre deitou a todos.

Os aldeões, acesos em alegria, saltaram para o meio da casa, e dispuseram-se a formar danças buscando os seus pares válidos. António travou do braço de Emília, dizendo-lhe:

— Isso é mentira.

— O quê, António?

— O que estás a pensar.

— Assim Deus o quisesse — exclamou ela, volvendo um olhar a António, onde se pintava a angústia.

— Mas que tens tu, Emília? Olha que me preocupas, ainda que eu o não queira — replica-lhe o jovem aflito.

— Pois não falemos mais nisto. Sabes que mais, vamos dançar — diz ela desviando adrede o fio da conversa; e nisto lhe enfiou o braço, esforçando-se por se mostrar contente e incitando-o a dançar.

António quase que compelido por Emília chegou-se com ela para junto dos aldeões, que formavam rodas, ou

coreias, bailando em círculo, de mãos dadas, as quais soltavam, tomando o braço aos pares, e andando assim em volta, quando em chusma respondiam, cantando, a quadra, que um, a solo, havia entoado.

À chegada dos noivos, uma aldeã mocetona, gentil e morena, que tentara seus requebros a respeito do amante de Emília, rompeu nesta cantiga:

Janelas avarandadas

Longe deitam as biqueiras:

Não há vida mais feliz

Que a das raparigas solteiras.

Os camponeses andando em roda, responderam em chusma:

Ó giralda, giraldinha,

Toca, toca o giraldar,

Meia volta, uma volta

Outra volta eu quero dar.

A primeira quadra era uma luva lançada a terreiro: Emília logo percebeu onde ia bater a pedrada, e por isso respondeu:

O que pinheiro tão alto,

O que pinhas tão douradas;

Não há vida mais feliz

Que a das mulheres casadas.

A resposta foi acolhida com aplausos; porque quase todos percebiam a alusão; e António, que a percebia melhor do que ninguém, olhando Emília, entoou a seguinte copla:

A laranja, quando nasce,

Logo nasce redondinha:

Também tu, quando nasceste,

Logo foi para ser minha...

Um uivo agudíssimo, lúgubre e prolongado, cortou a toada. Fora Diamante que o soltara, erguendo-se de um salto de ao pé da lareira, fitando a porta, com o pêlo hirto, os olhos em fogo, e açoitando as espáduas com a cauda, como que preparando-se a arremeter um inimigo invisível.

No mesmo instante uma voz rouca e cava, mais infernal do que humana, entoou, da parte de fora da casa, esta quadra, que parecia responder à de António:

O limão tira o fastio:

A laranja o bem-querer

Tira tu dela o sentido,

Que tua não pode ser.

— Isto é demais! — brada António, aceso em cólera, .me metendo ao canto da casa, onde estava o seu varapau.

— Jesus! Santo nome de Jesus — exclamaram as mulheres.

A porta foi aberta, e todos os homens, menos o padre e o boticário, saíram armados do que acharam à mão. António os precedia, levando-lhes grande dianteira; e Diamante, espumando de sanha, pulava-lhes na frente.

Catarina, enfiada, agarrou-se ao padre gritando-lhe:

— Em nome do bento Jesus, *sô* padre-cura; detenha o meu Jerónimo — mas o padre, desembaraçando-se dela, correu para Emília, que baqueava no chão, sem sentidos.

— Algum espírito para esta pequena cheirar — brada o boticário, dirigindo-se às aldeãs, que aterradas cercavam Emília.

— Ai! A minha filha, que está morta! — exclamou a tia Catarina, lançando-se sobre ela.

— Olhe que a sufoca, tia Catarina — diz-lhe o padre, separando-as. — Está só desmaiada. O melhor é desapertá-

la.

— Desapertem-lhe as roupinhas, que eu não sei de mim — diz Catarina às raparigas, que esfregavam os pulsos e as fontes a Emília com vinagre sete-ladrões, e lhe faziam respirar mostarda. Que papel é esse? — continuou ela, pegando no misterioso bilhete, que saltara do seio de Emília ao desapertarem-na. — Veja lá, *sô* padre-cura, que eu disso nada entendo.

O padre tirou os óculos, e dispunha-se a lê-lo, quando um clamor de vozes, vindo da parte de fora, distraiu a atenção a todos.

— Que desgraça! Que desgraça! — exclamou o tio jerónimo entrando, e atirando consigo para cima de um banco, e depois desatando a chorar, como uma criança.

— Que foi? — pergunta Catarina, toda cheia de espanto — que foi que aconteceu, Jerónimo?

— Assassinaram o nosso António!

Um grito de terror saiu da boca de todos.

— Assassinaram António?!... E quem foi o assassino?!... — pergunta o padre, tomado da mais viva aflição — Onde está? Não o prenderam?

— Qual prender! Isso é bom de dizer — respondeu um dos rapazes da aldeia. — Vá lá prendê-lo à corrente onde ele se atirou da quebrada da serra.

— Mas como foi isso? — interroga o boticário.

— Ora como foi? — continua o mesmo rapaz. — António saiu daqui, e adiantou-se de nós: lá em baixo ao voltar, quase ao pé da encruzilhada, aí é que me parece que foi que o meliante o assaltou, pois foi aí que o encontrámos estirado com a cabeça aberta, e o corpo feito num crivo de facadas.

— Santo nome de Jesus! — gritaram todos.

— Que fatalidade! — disse o padre, erguendo as mãos ao céu. — E como souberam que o malfeitor se despenhou na corrente? — continuou o padre.

— Porque Diamante se lançou a ele com unhas e dentes — prosseguiu o aldeão. — Nós ainda o vimos, na subida da encosta a lutar com o matador de António; mas não

pudemos ser bons para aquele patife; porque, assim que nos acercámos mais, vimos cair o pobre do cão, e o homem a seguir para o lado da quebrada. Diamante estava cosido a facadas. Nós, quando vimos tanta maldade, seguimos todos aquela alma danada dispostos a arrancar-lhe as entranhas pela boca, ainda que fosse o demo em pessoa; mas ele tirou-nos este trabalho; porque, ao chegar à quebrada, lançou-se à corrente...

Uma risada esganiçada, estridente, nervosa e aguda, interrompeu o aldeão.

Era Emília que, voltando a si, entreouvira a narração da morte de António; e que, desvairada pelos terríveis acontecimentos daquela noite, soltara aquela gargalhada.

Todos espavoridos e pasmados a rodearam.

— Foste tu! — clama ela, pálida, convulsa, e enviesando os olhos. — Foste tu, malvado, que o mataste? E porquê?!... Porque sempre te tive ódio... Ódio! Sim, ódio, e muito ódio!... O meu coração já o adivinhava... Mas porque não avisei eu António?!... Tu já me tinhas dito neste papel que o havias de matar... Oh! Neste papel, que tu me entregaste,

por entre o tumulto, ao sair da freguesia!... E eu aceitei-o!... Julgando que era António, que me apertava a mão!... Mas ele ali está!... Está ali a devorar-me com os olhos!... — continuou ela com um tom de indizível raiva, apontando para o velho Jerónimo, que a soluçar a olhava, debulhado em lágrimas; depois contorcendo-se, como possessa de espírito mau, caiu em novo desmaio.

— Minha filha! Minha querida filha! — clamou Catarina de joelhos, junto dela.

— Mas que papel é esse, de que fala ela? — diz Jerónimo.

— Talvez seja o que o padre tem na mão, que foi achado no seio de Emília — responde uma aldeã.

— Ai! Nem de tal me lembrava já — diz o padre. — Estou como fora de mim. Vamos a ver se o papel explica alguma coisa. O padre leu o seguinte:

«Emília, pensa bem quanto pode um amor desprezado; e fica certa de que Pedro, assim como te soube amar, também saberá vingar-se.»

Eram as terríveis palavras que Pedro, o militar, proferiu ao despedir-se de Emília, quando a fora pedir para esposa aos seus pais, e ela o recusara.

O seu infernal protesto de vingança fora cumprido.

* * *

Tinham decorrido dois anos, o aspeto da aldeia tinha mudado: era triste e árido. A família de Jerónimo, que fora o centro da alegria, em torno da qual gravitavam os pobres camponeses, estava curtida de pesares e angústias.

Era uma tarde ao pôr-do-sol: o tio Jerónimo, encanecido e curvado, estava sentado à porta da sua habitação, olhando fito o horizonte, onde ele contemplava o astro do dia findando a sua carreira, como para ele já tinha findado a sua ventura. Era a imagem da sua sorte! Duas lágrimas deslizavam pelas faces do pobre velho.

Catarina, magra, dobrada, e como demente, rezava ao pé do seu marido.

No meio da estrada, junto de uma encruzilhada, via-se uma camponesa de poucos anos, sentadinha num valado, próximo de uma cruz tosca de madeira, que se erguia de entre as piteiras. Uma palidez mortal, como véu mortuário, cobria-lhe o rosto. Os seus olhos, posto que formosos, divagavam errantes e sem intenção. Os olhos são os núncios da inteligência; neles não havia expressão, porque na mísera aldeã não havia entendimento. Era a louca da aldeia; a mal-aventurada Emília; aquela que dantes fora chamada Flor da Serra e o sítio onde ela estava, o lugar em que tinham assassinado António, o esposo do seu coração.

Seis horas soaram no campanário da freguesia. O som triste e pesado do sino pareceu arrancar dolorosas recordações à pobre doida; levantou a cabeça e ergueu-se, olhou a aldeia, e depois tomou pela estrada, para o lado da freguesia, e desapareceu.

Deram sete horas, deram oito, e Emília ainda não aparecia em casa; deram oito e meia; deram em fim nove, e ela sem aparecer.

— Vão-me procurar a minha filha! A minha querida Emília! — grita Jerónimo, cheio de inquietação.

— Ela aqui está — lhe respondem uns aldeões que traziam Emília em braços, pálida e fria. — Foi encontrada no cemitério, sobre uma sepultura semeada de flores.

Era a sepultura de António.

Emília tinha voado para ele.

DIA DE NATAL

De Fernando Pessoa

Chove. É dia de Natal.

Lá para o Norte é melhor:

Há a neve que faz mal,

E o frio que ainda é pior.

E toda a gente é contente

Porque é dia de o ficar.

Chove no Natal presente.

Antes isso que nevar.

Pois apesar de ser esse

O Natal da convenção,

Quando o corpo me arrefece

Tenho o frio e Natal não.

Deixo sentir a quem quadra

E o Natal a quem o fez,

Pois se escrevo ainda outra quadra

Fico gelado dos pés.

NATAL DOS POBRES

De Raul Brandão

Natal...

Está um dia fosco de neblina incerta e tristeza. Para lá as árvores despidas não bolem. A vida parou. As nuvens andam a esta hora a rastro pelas encostas pedregosas dos montes. Não se ouve um grito. Tudo na natureza se concentra e sonha. Há entanto um grande rio envolto que nunca cessa de correr...

Longe pelos caminhos, através de pinheirais pensativos e silenciosos, vão velhinhas tristes, de saia pelos ombros, para consoar nessa noite com os filhos. Andam trôpegas léguas e léguas. As suas mãos calosas, as caras enrugadas, onde as lágrimas abriram sulcos, os olhos tristes, contam o

que elas têm passado na vida, dias sem pão, suor de aflições, desamparos, maus tratos...

Os cavadores deixaram os arados mortos nos campos, que a chuva alaga. Que tudo repouse. O vinho de hoje conforta, como as lágrimas choradas pelas nossas desgraças, o lume de hoje aquece como o amor das nossas mães.

Nos soutos, sob a chuva que cai mansa e continua, andam pobres que não têm lenha, a arrancar uma raiz esquecida, para se aquecerem. Deus os tenha na sua mão de pai. Partem, chegam, vêm muito longe, para verem os seus meninos, matando saudades. Quase não comem e sustentam filhos, sustentam netos. Os velhos, que tem atrás de si uma vida de martírio e fomes, dizem:

— É hoje o maior dia do ano...

Na lareira arde um canhoto. Cai o nevão. A cozinha é negra, de telha vá, é negro o frio, mas as almas sentem-se agasalhadas. Por um buraco avistam-se as estrelas e uma pedra serve de lar. Ao estalido das pinhas, abafadas na

cinza, repartem um pão que é o suor do seu rosto, bebem o vinho aquecido em árvores que as suas mãos cortaram...

Sentados ao lume não falam. As brasas vão-se extinguindo como um poente, ou como uma alma que vai deixar-nos.

A Morte passa. No buraco do telhado a estrela reluz, o nevão cai com um ruído das flores desfolhadas, e cada um pensa nalguma coisa de indeterminado e vago, de longínquo; em certa hora da vida, na mãe, num filho ausente, naquela morta que passou seus dias a sacrificar-se por nós...

— O lume apaga-se...

— Deitai-lhe canhotos.

O lume apaga-se e as sombras da noite, em revoadas, vêm escutar-nos atentas.

* * *

Os pobres são como os rios. Estancam a sede da terra, fazem inchar as raízes e crescer as árvores; acarretam; moem o pão nos moinhos. Ei-la a vida da terra. Todas as catedrais se construíram da sua dor; sem eles a vida pararia.

Natal dos pobres! Natal dos pobres!... Porque é que criaturas misérrimas encontram ainda na sua gélida nudez horas para recordar e amar? Pobres repartem o seu pão; espezinhados dão-nos das suas lágrimas. Vinho quente! Vinho quente e amargo, que sabe a aflição!

Chegam-se uns aos outros para se aquecerem. Nas enfermarias, nos sítios onde se sofre, os míseros e os doentes mantêm-se muito tempo a pensar. Os pobres pensam que existem seres ainda mais pobres, lares desamparados, onde nem o lume se acende; imaginam uma velhinha, que, a essa mesma hora, pensa, abandonada, e sozinha, ao pé de brasas extintas, no filho doente, no filho ausente... Há cabanas nuas, lares rotos, almas mais gélidas que o nevão.

As lágrimas que se choram e se não veem são as melhores: caem sobre a alma.

* * *

Sofia sobe as escadas com uma caneca de vinho quente, para repartir com o Gebo. Na sua fisionomia há um cansaço enorme.

A chorar, misturando-lhe lágrimas, o velho, mais gordo e todo branco, bebe o azedo vinho quente das prostitutas. Depois abraçados soluçam na trapeira fria.

Fora não se ouve rumor: as coisas ingeridas escutam.

Põem-se a pensar na mãe que descansa na terra encharcada. Tudo tão triste, dias sem pão, e o amor a prendê-los, a uni-los, mais forte que a desgraça. Não protestam, não têm forças para gritar. Baixinho o velho Gebo e a filha choram aquela que a terra primeiro tragou.

— Se o Senhor também nos levasse...

E Sofia bebendo do mesmo copo:

— Tenha paciência, tenha paciência...

— Se o Senhor nos levasse juntos, na mesma hora...

Cuido que não tinha tanto frio.

— Aí tem pão.

— Sabes? Eu tenho medo de morrer. Se morresse contigo, minha filha, não tinha tanto medo.

— A mãe lá nos espera. Na cova acabam-se as precisões e as lágrimas...

— Tudo se acaba na cova. Chegada a nossa hora, acaba-se também a desgraça.

— Aqui tem o vinho.

Natal dos pobres, noite de comunhão, noite de lágrimas e saudades! Não é chuva que cai sem ruído, são lágrimas. O Gebo abre a janela e põe-se a falar para a escuridão com palavras que a noite escuta, com palavras que a noite leva.

* * *

Em torno da mesa de pinho ceiam as mulheres.

Com os cotovelos fincados nas tábuas, olham o vinho quente e pensam... Ceia de natal! Ceia de natal!... Até as prostitutas se querem lembrar... Moídas de pancadas, têm más palavras, gritos, e um sorriso humilde. Fazem-se pequeninas para que lhes perdoem uma vida infame.

Falam! Falam!... Parece que a mesma primavera negra fez dar emoção a estas criaturas exploradas e servidas. Lembram-se da sua vida, sempre lágrimas, risos sem piedade... Uma começa:

— Ninguém canta?

E logo outra, como se as palavras lhe saíssem de golfão:

— Eu cá foi por fome que me desfrutaram. Ninguém queria saber de mim e a minha madrasta calcava-me aos pés.

— Eu não sei como foi...

— E eu então — continua — foi por fome.

O pai estava escarangado e a minha madrasta era tão má, que, por eu me demorar num recado, partiu-me um braço.

— Pois eu foi assim de repente... — diz outra.

— Ia pela rua fora. Vinha da fábrica, começou a chover e uma lama!... Tinha frio e um homem pôs-se a falar-me ao ouvido e a levar-me. Eu nem sei como aquilo foi... E a falar, a falar, até me doía o coração! E nunca mais o vi. Se o vir acho que nem o conheço.

— Enganam e nunca mais querem saber.

— A mim minha mãe bem me pregava mas a gente que há de fazer?

— Ontem os soldados puseram-me o corpo negro — diz uma.

E mostra a triste carne magoada, os seios murchos e com nódoas. No ombro os ossos furam-lhe a pele.

— Quando eu morrer... Oh quando eu morrer!...

— Tola!

— Que tem? Tenho ali a roupa separada.

— A mim, enganaram-me, levaram-me... Eu não sabia nada. Depois comecei a servir. Enganavam-me e punham-me fora... Depois não tinha mais para onde ir...

— Eu cá tive um filho...

Uma que estava calada soluçou no escuro. E como todas se voltassem pôs-se a rir e a ajeitar os cabelos.

— Eu tive um filho e pus-me a criá-lo.

Depois disso o meu amigo nunca mais quis saber.

Quando eu o procurava ria-se. Mostrava-lhe o inocente e ele punha-se a rir. — Mulheres não faltam, dizia-me. Vai-te! — E a gente fica feia. Vai um dia e disse-me: — Se voltas cá, chamo a polícia.

— Eu chorei até não ter mais lágrimas e acabou-se tudo. São todos o mesmo. Noutro dia vi-o, mas ele fingiu que não me conheceu.

— E o teu filho era bonito?

— Era um anjinho do céu. Tanto chorei que secou-se-me o leite de chorar. A gente sempre e mais tola!...

Pôs-se muito chupadinho e morreu.

— A Maria já deitou um à roda.

— Eu cá se tivesse um filhinho acho que morria por ele.

Não tinha coração para o dar a criar.

— A gente não podemos ter filhos.

— Eu cá era uma inocente. Até me dá riso! Tinha treze anos e foi logo ao entrar para a fábrica. O mestre foi quem me desfrutou. Agarrou-me, mas eu não sabia e pus-me a chorar. — Cala-te! Se dizes, vais para a rua! — Abandonou-me, outros vieram... A gente há de cumprir o seu fado.

— Eu cá fui um miminho. O meu pai tinha do seu...

Depois tudo esqueci, porque senão a gente morria. O meu pai era muito meu amigo. Era preciso não ter coração para o enganar. Nem ele podia supor mal de mim, nem do outro que entrava na nossa casa. O meu pai era também muito amigo dele e tinha-lhe valido sempre. Ainda me lembro, quando meu pai comigo no colo me dizia: — Tu és o meu coraçãozinho... — Eu sempre tive um colo!

Olhai: embalava-me como às crianças. — Falta-te a tua mãe, mas eu sou a tua mãe, queres? — Era uma dor do coração enganá-lo e nós enganámo-lo ambos. E eu bem sabia que ele era casado, mas mentia-me...

— Porque será que os homens mentem sempre?

— Mentia-me sempre, e eu era inocente. Mentiu-me e mentia ao meu pai. O pior é que um dia fiquei grávida. Começou o meu castigo. — Vou-lhe dizer tudo.

— Diz — disse ele. Mata-lo. Se queres diz... — Eu calei-me.

— E agora? — Agora... — Eu já lhe não queria, acho mesmo que nunca lhe quis deveras. Foi uma desgraça.

Já estava escrito que fosse desgraçada, acabou-se!...

Depois não podia esconder o meu erro. Só meu pai não reparava... E ele que me imaginava uma inocente!...

Esperai... — E agora? Agora?... — perguntei-lhe. Então arranjei com que o meu pai me deixasse ir com ele e a mulher para uma quinta. Se vós vísseis! A pobre da mulher! Batia-lhe sempre, tratava-a pior que a um cão.

— Cala-te! E ela calava-se, a pobre.

— Fala! — e ela falava.

— O estupor, tu não te calarás! — Ela tinha os cabelos todos brancos e vai eu um dia perguntei-lhe quantos anos tinha. — Trinta — respondeu-me, e calou-se. Fiquei

passada. O homem diante dela dava-me beijos para a ver chorar. Dizia-lhe: — Vou dormir com ela, ouves, velha? — E dormia comigo. A senhora não dizia palavra.

Chorava e punha em mim uns olhos tão tristes, que faziam aflição. Um dia que ficámos sozinhas, ela disse-me:

— A menina há de ser uma infeliz. — Eu chorei; e ela com a mão nos meus cabelos, a fazer-me festas! — Coitada! Coitada, que sorte a sua tão negra!... Ainda eu...

— Porque não o deixa? — perguntei-lhe. — Já me tinha deitado ao rio se não fossem os meus filhos.

— Ele sempre há desgraças! Às vezes mais vale ser mulher da vida.

— Esperai pelo resto. Tive as dores uma noite no verão, na gosto, e a pobre da senhora é que me tratou.

Ele levou-me logo o filho. Na outra sala ouvi gritos. Vai e atirei-me pela cama fora, sem saber o que fazia. — Onde está o meu filho? — Fui mesmo de rastos e pus-me à porta a escutar. Eles berravam. — Se falas esgano-te! — dizia o malvado à mulher. — Mata-me! — dizia ela. — Tu queres a minha desgraça? Estorcego-te! — Depois ouvi um grande

grito e fiquei como morta. — O nosso filho? O meu filho? — Nasceu morto. — A mulher a um canto chorou. Chorou sempre depois.

— Tinha-o matado, o malvado?...

— Tinha. Afogou-o na latrina. Depois veio a polícia.

Esperai... A criada ouvira os gritos. Sabe-se sempre tudo, o diabo tapa de um lado e descobre do outro. Ele fugiu para o Brasil, eu fui presa, e o meu pai diante de uma ingratidão tão negra — quereis crer? — estalou-lhe o coração. Depois... Depois... A gente quando nasce já tem a sua sina escrita.

— E a ti?... Não falas? — perguntam a uma sumida no escuro.

— A mim enganaram-me. Foi há tanto tempo que já me não lembra. Tudo perdi.

— E a tua família?

— A gente não tem família.

* * *

Na noite, a um canto do Hospital o velho banco de tábuas puídas, dá-lhe também para pensar. A ventania parou. De uma fresta tomba luar. A treva amontoa-se ao fundo, e, para além, nos corredores abobadados, arde um lampião. Direis que o negrume remexe: pedaços de escuridão destacam-se, escoam-se sem ruído pelas muralhas húmidas e espessas. Mais para o fundo há como um abismo, vala comum de treva empastada. Os gritos redobram; depois, por momentos o silêncio sufoca, como o de um sepulcro.

— Se é luar que cai daquela fresta... — diz o banco. — Se fosse luar!

Pela escada vê-se a enfermaria onde os lampiões em fila dão uma claridade triste, que mostra os corpos moldados em branco, caídos nos leitos: parece uma necrópole subterrânea e imensa.

— Se fosse luar... — Há que tempos que não sinto o luar. Era como um ruído branco que me envolvia outrora na floresta. Neva às vezes luar. E havia ainda outras vozes... Sempre se sonha, quando certas noites nascem!

Era diferente... Havia rumor nas folhas e o vento dizia aos ramos histórias acontecidas noutros montes. Há épocas em que o vento traz noivados, ais de sapos, frangalhos arrancados às flores... Se aquela poeira fosse luar... E se o luar se pusesse a correr sobre mim, aquecendo- me como outrora, quando em mim subia não sei o quê de misterioso e forte?

Redobram os gemidos, os estertores, os gritos. Os últimos lampiões apagam-se um a um, como se alguém lhe soprasse. É a Morte seguindo o seu caminho. Sombras esvoaçam. E a cova, negra, toma corpo, vive, mais calada, maior, vala infinita, a que uma luzinha dá alma.

E o banco pensa:

— Há tempos que não sinto em mim a luz da manhã, que traz consigo a vida de tudo o que existe, dos rios, das outras árvores, nem o sol a crescer em vagas de ouro, nem a água verde, melancólica, e tão mansa entre os choupos que parece ir vogando já morta... Sinto-me transido... Transido? Isto é como fogo, mas trespassa-me de frio. E não há nevão, mas ouço sempre gritos, ais, dores... Oh se fosse luar!... Destas enfermarias corre também um sonho

parecido com luar... Será uma fonte?... As fontes! Nem te lembres das fontes!... Aqui parece que as minhas fibras mergulham num mar revolvido, que eu ignoro, mas que é feito de gritos.

Baixo a pedra começa também a lembrar-se e àquela hora perdida da noite toda a alma inconsciente do Hospital estremece. Quer recordar, palpita e logo esquece... Os sonhos dos doentes, dos pobres, dos tristes, materializam-se e são como nuvens: são de fogo, são de luar. Sombras aos bandos dissolvem-se, para outra vez se criarem.

— Acho que sempre é luar... E quando havia sol?

Torrentes corriam pelo meu tronco, inundavam a minha roupa cascosa e em volta numa poeira azul andava um turbilhão de bichos. Outras árvores flutuavam na mesma poalha e as suas folhas ou eram de sol ou todas de prata. Longe — e que encanto aquela companhia sempre presente e amiga! — o fio do rio chalrava. Folhas caíam e iam devagarinho viajar sobre a água verde. Para onde?... Debaixo de mim, até ao mais fundo das minhas raízes quantas vidas protegi e defendi!... As minhas raízes tocavam na vida!... Às vezes caia um pé de água, mas

depois vinham sempre teias de sol, fios de sol, para me enredar — e o sol traz consigo um cheiro a terra e renovo que consola, o hálito dos montes e dos pinheiros meus amigos.

Nas temporadas fúnebres em que a água cai a golfões, a gente concentra-se e fica meio adormecida. Os montes envolvem-se em nuvens, os bichos na terra tremem de frio sob as raízes e as folhas secas estalam e gemem com saudades ao deixarem-nos. Se por instantes se descerra a névoa, os montes são mendigos, com um grande manto remendado. Ao fim da tarde levanta-se dos campos um lindo luar azulado que sobe e se dispersa. É a névoa. Baba de ouro luz na água e os choupos são sombras. Ao longe havia um biombo verde de pinheiros, depois montes, e depois poentes dourados... Porque é que me ponho a pensar e a sonhar? Há tanto tempo que dormia! As minhas fibras esta noite estremecem. Há de ser do luar... Oh se ainda houvesse luar!

* * *

As mulheres calaram-se. Não há ruído. Elas próprias sonham. Em torno da mesa, na cozinha saqueada, bebem sem palavra o vinho quente. Algumas pensam decerto num lar e bebem as lágrimas que caem no vinho e o gelam.

— A esta hora a minha mãezinha há de por força pensar em mim... — começa uma.

— E tu porque não foste consoar com ela?

— Punham-me fora! Queriam-me lá!... O meu pai, meus irmãos...

— na minha casa faz-se uma consoada muito grande. Assam-se pinhas no lar, e as minhas irmãs pequeninas... Oh minhas irmãs pequeninas!...

E sufocada desata de repente a chorar. As outras não se riem como de costume. Só uma, sentindo que iam todas chorar, canta:

Se vires a mulher perdida...

— Raparigas, é o fado... De que serve agora chorar?

Ninguém foge ao seu fado.

— À noite a minha mãe aquecia vinho e dava-mo na cama. Sempre a gente é criada para uma vida! Quem adivinha?

— Cala-te!

— Eu era o miminho de todos, eu...

— Só eu nunca tive mãe, de mim ninguém se importa! Acabou-se! Cala-te! Cala-te!.

* * *

Na escuridão as cinzas que restam num lar fazem tristeza e saudade. Brilham, esmorecem, vão-se apagar: São vidas que se extinguem, a alma da treva que em redor sufoca. Assim o Prédio ao abandono, sob a enxurrada, parecia pensar, como um rescaldo coberto de cinzas. Parara trágico em frente do Hospital, e cansado, tal como um pobre ao fim da vida, contempla o seu destino.

* * *

Natal dos pobres! Natal amargo dos que não têm pão e se juntam friorentos em torno de um lume que não aquece; natal dos seres que a desgraça usou... O vinho enregela, o pão é duro, mas resta ainda este lume, que jamais se apaga: — Amanhã! Amanhã!...

Que poesia tão triste não vai caindo como um choro sobre aquelas almas de misérrimos, de gebos, de prostitutas, de desgraçados!

Numa trapeira o gato-pingado quer dizer: — Amo-te! — mas foi sempre tão nu que não sabe exprimir o que sente.

Na alma daquela criatura humilde, despida e escarnecida, que tinha medo de sonhar e até de chorar, fizera-se um clarão. Tal o espanto enternecido de uma pedra a que uma raiz se apega e que a olha deitar flor na primeira primavera. — Fui eu, apesar da minha secura, pensa o calhau, que a trouxe no ventre.

Sem falar, bebem juntos, ele e a pobre, o mesmo vinho. Ele diz:

— Ambos somos desgraçados e sozinhos.

O vinho que havia aquecido dá-lho com um pedaço de pão. Ela olha-o, tendo sempre crescido por acaso e piedade, rota e triste. Havia pois alguém que a amasse?...

— Bebe.

— É tão bom a gente estar junta.

— Não se tem frio.

— Esta noite, sabes?... Lembro-me da minha mãe...

Porque seria que ela me abandonou?

Fora choram. Ela ergue-se e vê no corredor uma rapariguinha que a mãe pôs fora da porta e que chora e pensa.

— E se eu me deitasse a afogar?

Dá-lhe do seu pão, reparte do seu vinho e, mísera, rota, ressequida, diz, pondo-lhe a mão na cabeça:

— Deus te crie para boa sorte.

* * *

Na terra só os pobres sabem ser desgraçados.

Meia-noite! Meia-noite!... Para que tudo se crie, para que o pó se transforme em vida, que é necessário? Torrentes de chuva, oceanos de água. Eis a vida... Para que do que é matéria algo de radioso irrompa, que é preciso? Um atlântico de lágrimas.

Da matéria tem nascido à custa de gritos, de fibras torcidas, o imortal espírito. Através das idades ele se criou, através da dor veio surgindo. O mundo espiritual é já hoje mais vasto que o mundo material. A dor é a primavera da vida. Para se entrar na vida ou para se entrar na morte há sempre gritos. A dor ara o céu cheio de estrelas e os seres humildes.

Que se cria de tudo isto? Que é que se alimenta no infinito? Destes pobres espezinhados, revolvidos, nascem as coisas eternas — húmus, amálgama, protoplasma, espírito lácteo, com que se constroem os mundos. Na vala comum

os seus corpos, cansados de sofrer, são a vida da terra: as árvores, o pão, as formas, a seiva esplendente. No infinito é da sua dor que se sustenta Deus.

LENDA DA MISSA DO GALO

A Missa do Galo é um costume religioso, com expressão nos países de tradição católica, que consiste na realização de uma missa, na noite de 24 para 25 de Dezembro, mais precisamente à meia-noite, hora em que, segundo diz o costume, teria nascido o menino Jesus.

É denominada "do Galo" porque, de acordo com lenda, teria sido na noite de Natal a única altura em que os galos cantaram à meia-noite. É claro que o nome tem mais a ver com o acto de anunciação da própria missa, em que os sinos repicam à meia-noite para chamar as pessoas, tal como os galos chamam as pessoas para acordarem ainda antes do sol nascer. Diz-se ainda, de modo humorístico, que a missa tem este nome porque demora tanto tempo que quando acaba já está o galo a cantar para anunciar a madrugada.

Sendo a Missa do Galo celebrada à meia-noite, em Portugal criou-se a tradição de se levar velas acesas a

caminho da igreja; algo que não nasceu tanto da simbologia natalícia mas da própria necessidade que as pessoas tinham, numa altura em que não existia eletricidade, de iluminar o caminho durante a noite. Isso deu origem às procissões da meia-noite das velas do advento, para se ir assistir à Missa do Galo; tradição ainda respeitada nalgumas vilas do interior português, apesar de haver hoje iluminação de ruas.

Sobre a procissão de velas da Missa do Galo conta-se a seguinte lenda:

Conta-se que um jovem pastor passou todo o dia a apascentar as suas ovelhas na véspera de Natal e aconteceu uma delas perder-se. Como o jovem pastor não quis voltar para casa sem a ovelha perdida passou muito tempo à sua procura.

Quando finalmente a encontrou já era muito tarde, tanto que acabou por se atrasar e perdeu o tocar dos sinos da igreja a chamar para a Missa do Galo. Sem os sinos a indicar o caminho o jovem pastor acabou por se perder

ficando à mercê dos lobos, do frio do inverno e dos restantes perigos da noite.

Já sem esperanças de encontrar o caminho, eis que o pastor vê ao longe uma procissão de luzes a iluminar a noite. Era a aldeia inteira que interrompera a missa, pegara nas velas da igreja e saíra pela noite para o procurar.

Encontrado o jovem pastor, são e salvo, a aldeia retomou a sua marcha para a igreja onde foi retomada a missa.

E a partir desse dia passou-se a levar uma vela acesa a caminho da Missa do Galo para que ninguém se perdesse na noite de Natal.

A PRENDA DE NATAL

De Carlos Malheiro Dias

— As argolas, mãe? — perguntou, do catrezinho de bancos, a voz estremunhada da criança, que acordara ao rangido da porta.

— Dorme; rapariga... Não ficas sem a consoada... O teu pai ainda não chegou da feira.

A criança voltou-se no catre, ficou com os olhos abertos, encolhida e emudecida, fitando o fogo da caruma, quase extinto no lar, onde requentava a ceia do Natal,

Acocorada na soleira da porta, a mãe, embrulhada num xale, está à espreita, atenta ao menor rumor que vem da estrada.

Já por duas vezes, com o ramalhar das carvalhas ao vento, ela pensou ouvir tropear ao longe a carruagem.

Não se enxerga um palmo na escuridão da noite de lua nova. Um mar de nuvens cobrira os céus, ao fim da tarde. Nem um luzeiro de estrela trespassa agora aquele negrume denso que enche os espaços e por onde o vento anda à solta, varejando as carvalheiras das bouças e assobiando nas agulhas dos pinhais como uma orquestra de flautas.

— Valha-me Deus! O que retêm lá por fora aquele homem, a estas horas da noite! — murmura a mulher, sucumbida.

— Ó mãe, não haveria argolas na feira e terá o pai ido por elas à vila...

— Dorme, rapariga! Amanhã já tens as argolas nas orelhas... Por 'mor delas desandou o teu pai, sozinho na égua, por essa serra, que mete medo!

Eram a consoada da filha. A colheita em pão e vinho fora de dar graças a Deus. Não havia a pequena de ficar sem as argolas por mais tempo. Logo ao clarear da manhã, o Manuel da Eira selara a égua, entalara o varapau debaixo da coxa, lembrado da quadrilha de Redemoinhos, e pusera-

se a caminho para a feira de Lanhoso, prometendo estar de volta ao amortecer do sol, para consoar.

Ainda a mulher advertira, receosa:

— Mete-te a caminho cedo. Toma tento com a ladroagem de Redemoinhos!

E o Manuel da Eira, destemido, voltara-se no selim:

— Hoje é o dia em que nasceu o Salvador. Os ladrões também são gente cristã!

E picando a égua com a espora, abalara, afoito, pela estrada.

Já ao longe, na igreja da freguesia, os sinos tinham tocado para a missa do galo. Rajadas mais fortes de vento enchiam os céus de um burburinho sibilante e agitavam no alpendre os sarmentos das vides ainda por podar.

Súbito, a criança e a mãe erguem-se no catre e no poial da porta.

Uma voz chama, de entre o negrume da noite:

— Ó Maria da Eira!

Sobre as traves, o vento parece que arrasta as telhas. Na corte, os porcos grunhem. Uma nuvem de cinzas ergue-se e rodopia no lar, sobre a caruma.

Sem pinga de sangue, a mulher grita, numa ansiedade aflita, empurrando a cancela:

— Quem me chama?

E entre o rumor do vento distingue a tropeada da égua, os passos vagarosos de dois homens.

— Traga a candeia... — diz a voz, na estrada.

A criança está já fora do catre, à espera das argolas, esfregando nas costas da mão os olhos piscos de sono.

Tropeçando na saia, a mulher desengancha a candeia da parede, e à luz mortiça, saindo ao terreiro, vê o seu homem, trazido a braços, como morto. Atrás do grupo fúnebre avança a égua trôpega.

Os homens param. O da frente, encarando com o desatino da mulher, resmoneia, esbaforido:

— Tome conta na luz! Não vamos agora aqui ficar neste negrume! O seu homem vem vivo.

Só então ela parece acordar do seu doloroso espanto e soluça, erguendo para o céu ventoso os braços, deixando fugir o xale.

— Nossa Senhora! Divino amor de Deus, que estou desgraçada!

— Cale-se, mulher! Derreados vimos nós com este peso! Demos com ele numa vala, caído ao pé da égua. Foi pancada que lhe atiraram à falsa fé para o roubar.

Em altos gritos, ela empurra a porta, ajuda a deitar o seu homem no catre. A criança soluça, refugiada a um canto, sufocada pelo medo, e enquanto a mulher rasga, com a violência do terror, uma camisa de linho para ligaduras, os dois homens lavam as mãos ensanguentadas num alguidar e atiçam o lume da lareira com um graveto de tojo.

Debalde a mulher agora esparge de vinagre o rosto desfigurado do ferido. Com o braço pendente e as unhas cravadas na palma da mão direita, enlameado e lívido, o Manuel da Eira parece morto, estendido no catre.

— Ele já não tem vida! — clama, num alarido de lágrimas, a viúva, desanimando de abrir aquela mão crispada de

defunto.

Os homens deixam de atiçar o braseiro, amparam-na e erguem-na do chão, onde ela se deixou cair desanimada, arrancando os cabelos, com um escarcéu de gritos e soluços.

— Os mortos não fecham as mãos. Isto é coisa que ele tem escondida.

Então, novamente, reconfortada por uma última esperança, ela se esforça, mais do que em estancar o sangue das feridas, em abrir o punho obstinadamente fechado do seu homem.

Mas desfalece depressa e de novo abate, com a voz estrangulada de soluços maiores.

Por sua vez, os dois homens tentam, inutilmente, desunir da palma sangrenta os dedos inflexíveis.

— Pai, abre a mão! — geme também a criança, aterrada e aflita.

As suas mãozinhas molhadas de lágrimas imaginam ter a força, que aos outros falta, para despegar aquela garra.

— Abre a mão, pai!

E de repente, obedecendo à vozita implorante, a mão abre-se e duas argolas de ouro, pequeninas, aparecem, reluzem e tilintam no soalho.

NATAL EM FAMÍLIA

De Afonso Duarte

Turvou-se de penumbra o dia cedo;

Nem o sol apertou no meu beiral!

Que longas horas de Jesus! Natal...

E o cepo a arder nas cinzas do brasedo...

E o lar da casa, os corações aos dobres,

É um painel a fogo no seu costume!

Que lindos versos bíblicos, ao lume,

Pelo doce Príncipe cristão dos pobres!

Fulvas figuras para esculpir em barro:

À luz da lenha, em rubro tom bizarro,

Sou em Presépio com os meus pais e irmãos

E junto às brasas, os meus olhos postos

Nesta evangélica expressão de rostos,

Ergo em graças a Deus as minhas mãos.

CONTO DE NATAL

De Fialho de Almeida

Há de passar talvez das onze horas. A noite afinal pôs-se serena, não bole vento, as solidões escutam... — é como se a Terra inteira estivesse à espreita de ouvir tocar o sino para a missa. Pela estrada que passa entre Vila de Frades e Vidigueira vem descendo uma velha arrumada ao seu bordão de pobrezinha. O rastejo dos passos dir-me-ia porventura a idade dela: o luaceiro entanto, nuverinhado em céu de bruma, apenas deixa aperceber a silhueta curvada para a terra, com um pedaço de manta sobre os ombros, o saco às costas, e as canelas sem meias, entrapadas em ligaduras repelentes. Ao pé da ponte, a mulher pára. Por detrás daqueles choupos, lá em baixo, à beira-rio, havia noutro tempo um forno de tijolo, agora pelo Inverno abandonado. Ela adianta-se, procura... E a estrada passa de alto, ladeada de acácias e eucaliptos. E derredor,

nos plainos baixos, as escavações do barro espapam-se nas águas da cheia, em lúgubres lameiros, cujo ervançum dá residência a uma colónia rouca de sapos.

A velha estende o bordão para a barreira, procurando vereda num chão firme, em cujo barro os seus pobres sapatos rotos não mergulhem.

Malgrado o embrutecimento da idade, o frio, a fome e o desejo de amesendar para ali, no forno de tijolo, longe das apupadas dos cães e dos rapazes, uma nostalgia poética ergue-lhe a vista, e então recorda-se, e quer circunvagar os seus cansados olhos para o largo. E uma esquelética paisagem de Dezembro, nua e cansada, quando já a natureza se alquebra toda em desalentos e os troncos das árvores parece que estrebucham, como os famintos de Londres, numa bebedeira de ódio, truculenta. No primeiro plano há terras de vinha, olivais muito negros e colinas redondas com moinhos. Para as bandas da Vidigueira risca a neblina um traço negro, que deve ser a torre do relógio — depois, à direita, uma mancha de cal, o cemitério. Lentamente, ã medida que o raio de visão se prolonga no horizonte, os outeiros complicam-se, as formas perdem a

sua delineação traço por traço, e toda a cordilheira dir-se-ia pintada numa sucessão de panos de teatro, a cinza-claro, e gradações mais e mais desvanecidas.

Oh, que sossego! Uma divina essência, abstrata, etérea, vem oscular as urzes e as levadas. Doseio das negridões de vez em quando, brotam suspeitas de formas vagabundas, a branco-cinza: esboços de sonhos, almas erráticas que debandam, noitibós que se acolhem, friorentos na noite, às pedras das ruínas... Vem um acorde triste dos cardos secos da margem dos alqueives, dos pilriteiros sem folhas e dos zambujos frugais das ribanceiras. E as águas do ribeiro troam nas pedras, por entre as canas e os choupos, cujas varas se esfarripam nos ares, tísicas e brancas, com um ou outro corvo por folhagem.

Do outro lado são semicírculos de terras e valados, com freixos altos em silhueta no tom madrepérola da Lua, e alternativas de negro e zonas claras, que dir-se-iam feitas num desenho a carvão, com lápis prateado.

Todas aquelas brancuras vêm do extremo horizonte aos olhos da mendiga, por suspeitas, desagregadas das formas, abstraídas do resto da paisagem, e todas poderiam

interpretar-se como efeitos de neve, de luar, de água dormente, tanto a neblina enche de fantasmagorias a noite e presta uma alma incoerente àquela cenografia de balada.

Há porém no sopé daqueles montes um ponto que a velha ansiosamente procura. É o pequenino convento de capuchos que alveja da banda de Vila de Frades, derrocado, entre oliveiras. Lá corre o muro da cerca, té se perder num grupo de ciprestes. Naquela cerca, já depois de profanado o conventinho, era antigamente o cemitério: um cemiteriozinho de aldeia, com malmequeres e figueiras bravas, crânios à solta, e nenhuma cruz ou mausoléu comemorando a jazida de qualquer. Ali repousam os parentes e amigos da pedinte, pais e irmãos, filhos e netos: só ela, errante de povo em povo, sem um afeto que a proteja, sem uma boca amiga que a console, vai pelo mundo a mendigar de porta em porta!

Vinte e dois anos passaram depois que ela abalou da sua terra, e quatro ou cinco vezes lhe sucedeu passar ali como estrangeira, com os olhos no chão, corrida de vergonha, vendo a igreja aberta e tendo medo de entrar, passando ao resvés das casas ricas, e arreceando-se dê pedir esmola à

criadagem: e depois, ao toque das trindades, noite fechada, detendo-se a escutar de longe os conhecidos rumores do lugarejo. Oh, essa chafranafra da volta do trabalho, com guizadas de mulas tintinando, estrupidas de carros desferrados, e as boas-noites trocadas, os cavadores cantando em coro pelos caminhos, a crepitação da lenha nas lareiras — e depois, no bocal das fontes, o mulherio que pousa os cântaros e entre risotas comenta as picarescas histórias da semana!

E quando numa melancolia doce o dia morre e grandes nuvens esmagam no poente as vermelhidões crepusculares. E quando uma exalação envolve as cúpulas das árvores, e das terras molhadas claridades efémeras fosforejam, e uma voz corre e suspira à flor das ervas.

Pois acabou-se, acabou-se! E a triste da mulher desce a barreira, agredida por tudo, as recordações, a noite, o frio, a fome... Não, não repousará entre os outros, no pobre cemitério da sua aldeia, em que a voejam corujas e francelhos; a casa onde nasceu foi demolida; arrancaram a vinha que o mando plantara, há cinquenta anos, com solicitudes de bom cultivador; e ninguém na vila já se

recorda da Josefa, da viúva do Pratas, mãe de uma filha bonita que anda agora nas feiras, de cigarro, e passa o Inverno em braços de soldados, numa viela infame de Estremoz. Ao cercar-se do forno, uma claridade viva a surpreende. O alpendre ficava do outro lado, numa descaída brusca do montículo, e ali está gente, há falas de homem... — ai pobre velha!, aonde há de ela ir passar a noite àquela hora?

Por um momento ainda ela faz um passo para costear o forno e ir pedir agasalho à fogueira de quem quer se acoite no telheiro. Mas logo em seguida reflete, Que qualidade de gente será? Recebê-la-ão com caridade? Um vago terror se apossa dos seus membros: pé ante pé busca afastar-se... Mas como tem as pernas e os braços regelados! Um torpor lhe paralisa os movimentos, anestesia-lhe os dedos e pesa-lhe nas pálpebras com sonolências de chumbo. Nos campos paira um sossego terrível e perverso, em cuja abóbada só respondem os latidos dos cães, pelas malhadas. A geada branqueia o alqueive das courelas, queima os favais. E a claridade no alpendre é cada vez mais confortante, milhares de faúlhas sobem pelos ares, na fumarada da

lenha húmida de oliveira, que estala e arde em flamazinhas rápidas e alegres. Ela então cede, resolvida a entrar na zona iluminada e a pedir agasalho aos forasteiros que a anteciparam.

Chegara quase à boca do telheiro, oculta ainda por trás de um grupo de árvores, perto do rio — quando de repente estruge um grito largo, começado em surdina e sacudido depois em frenéticas uivadas, com uma expressão de sofrer dilacerante.

* * *

Ao primeiro berro, um homem que estava acocorado por diante da fogueira salta de golpe e fica um instante secado, a escuta da noite, bebendo os rumores do largo, enquanto desenrola a cinta da cintura. Aquele berro, a velha conhece-o, é horrível e terno, angustioso e deliciado, e toda a mulher que o solte começa esposa e acaba mãe.

Havia pois no alpendre uma parturiente a reclamar os seus cuidados. O desejo da velha era correr, mas do seu

canto de sombra a pobre hesita, vendo homem girar pelo telheiro a passos furiosos, ir, voltar, acachapar-se instantes sobre o vulto que bole lá no fundo do alpendre, em estremeções aflitos: e enfim, jurar, bramar, ordenar-lhe silêncio, prometer-lhe pancada, exasperado cada vez mais, por aquela algazarra que pode deitar tudo a perder.

Há um momento em que eles julgam ouvir um murmúrio de rodas, afastado, talvez uma sege que passa, levando alguém à missa de Natal. Aqui a raiva do homem não conhece limites, e ei-lo corre à mulher de punho armado, prestes a dar-lhe, caso prossiga o berreiro escandaloso. Vem com efeito na estrada uma berlinda, com guinadas nas mulas e vermelhidões de lanternas entre as árvores. E o homem precipita-se, enclavinha os polegares assassinos sobre a garganta da mulher.

— Calas-te ou morres!

E a sua voz surda, pequena, sacudida, humilde quase, vem explodindo e crescendo, té bravejar num rouquejo de cólera exaustinada.

— Cala-te, diabo! Cala-te, estafermo!

A mãe, coitada, mal pode estrangular os urros que a expulsão lhe arranca, em dores medonhas, como se trinta mãos brutais lhe estivessem arrancando as vísceras, ligamento a ligamento. Já a berlinda passa, ao trote rápido das suas quatro mulas espanholas... Um ou outro corvo solta nas faias o seu grasnido estremunhado, e outra vez a paisagem fica muda, entre as brumas e as sombras, o fragor da ribeira e a uivada dos cães pelos currais. É esse o instante de a mendiga fazer um passo, abandonando o círculo da sombra, prestes a dar-se, toda cheia de celestes compaixões por essa mísera mulher que a desgraça forçou a vir parir numa ruína, sem ao menos ter a aquentá-la, como a Virgem, o hálito da vaca e da jumenta e as solicitudes ideais do carpinteiro.

Mas tudo aquilo é rápido e fugace. Os gritos da mulher tinham cessado: lento e sinistro, o homem voltara a acocorar-se perto da fogueira, com uma expressão de campónio perverso, meio animal, meio humana, onde o brilho dos olhos punha uma sagacidade extraordinária. Ele despira a jaqueta, tem as mangas da camisola arregaçadas, as mãos sujas de sangue.

— É rapariga ou rapaz? — disse a mulher.

Ele estivera algum tempo a ligar-lhe coa cinta o ventre dolorido: não retrucou. Dera na torre da Vidigueira a meia-noite, e em Vila de Frades logo começou a tocar para a Missa do Galo. O cerraceiro morrera pelos campos e as cumeadas do céu, azuis e vastas, refulgiam de estrelas e luar. Mas nem por isso a paisagem tinha ficado cristalina. Coisas opacas brotavam dos terrenos, formas dormentes, que pareciam vaguear nas ouvielas moles dos farrejais.

Perto, nos choupos, havia gestos de angústia e imploração: saiam vozes da água, preguiçosas e místicas como trenos, e certas troncagens tinham expressões humanas na noite, que perturbavam de morte o arregaçado.

Outra vez então aquele homem se ergueu com modos lentos, veio escutar. Os sapos tinham-se afinal calado nos algares, pairavam no sossego as asas áfonas dos mochos dando espirais de roda ao forno de tijolo. E, malgrado o frio, aquela noite de Natal vinha suave, com poucas cores mas delicadas, e cambiantes de céu, que o vento uma após outra transmutava.

— Dá-me a criança — disse a mulher. — Quero-lhe dar mama, não me morra de frio a pobrezinha!

Ele tinha nas mãos o pequeno ensanguentado, que vagia de frio, conjugando os beicitos numa sucção de instinto, que devera ter feito sorrir de enternecido um outro pai. E saiu do telheiro, o pequeno pendente da manápula, o cento torvo, o ar facinoroso.

A velha, vendo-o, estendera-lhe os braços do seu canto: e ele vagueou assim por aqui, por além, entre os troncos das faias e os silvados, atascado na lama, mas sem poder estar quieto em parte alguma, e como se pela marcha desse vazante ao frenesi mental que o devorava.

Havia à beira de água um pedregulho. Ele deteve-se. Instantaneamente a sua cara envelhecera, leques de rugas radiavam-lhe os cantos das pálpebras, sobre a pele da testa e da faceira, e a lívida boca, agora seca, súplice quase, tinha sombras de angústia às comissuras e convulsivos tremores nos beiços desbotados.

Mais uma vez lançou a vista ao derredor, numa suspeita atroz de o estarem vendo, e ergueu o braço, com o pequeno

seguro pelos pés, como um coelho... Porém, a luz do luar incomodava-o.

Tornara para trás, desalentado, furibundo consigo e resmungando alto imprecações. Mas veio-lhe de repente uma veneta e bruscamente, com um resfolgar de bezerro, escavacou o pequeno contra a rocha. A pancada dera na pedra um som de melancia podre, esborrachada em surdina, baça e turgente. Foi um momento, aquilo, e todas as coisas voltaram ao êxtase hibernal de instantes antes.

O homem ainda esteve curvado um pouco de tempo sobre os atasqueiros glácidos do rio — uma solenidade pairava ao fundo do espaço —, até que afinal saiu das ervas, com o cadáver suspenso pelos pés, todo sangrento, um cadaverzinho de infante recém-nado, roliço e roxo, cuja boquinha ria de inocência e cuja alma devera estar-se incorporando àquela hora no cortejo de eleitos que todos os anos vem, com o Menino Deus, refazer na crença dos simples a suavíssima lenda do Natal.

LENDA DO MADEIRO

Os Madeiros, ou fogueiras do natal, fazem parte das tradições natalícias de algumas aldeias de Portugal, sobretudo da região das Beiras e consistem em grandes fogueiras que se acendem no centro da aldeia, na praça principal ou no adro da igreja na véspera de Natal.

Curiosamente a sua origem é pagã, ligada às celebrações celtiberas do Solstício de Inverno, em que se acendiam enormes fogueiras ao ar livre durante o mês de Dezembro. Este foi um dos poucos costumes pagãos que a igreja católica não conseguiu extinguir, optando, ao invés, assimilar o costume, passando a ideia de que são fogueiras para "aquecer o menino Jesus" e unir as pessoas para as celebrações natalícias.

A tradição do Madeiro começa logo com a recolha da lenha. Esta é feita pelos homens que a devem ir cortar às serras e bosques, durante a noite, algures durante o início de Dezembro. No dia seguinte, usa-se um carro de bois a

que a tradição manda que seja roubado (embora, claro, se faz com o conhecimento do dono), para ir recolher a lenha cortada à serra. Antes do carro dos bois ser carregado com a lenha é decorado com flores e rama da época pelas mulheres. Depois de carregada a madeira é a população conjunta que puxa o carro até ao centro da aldeia.

No dia 24, ao final da tarde, a população volta a juntar-se para acender “O Madeiro” e na noite de Natal, depois da Missa do Galo, os habitantes da aldeia reúnem-se à volta da fogueira para cantar cânticos de natal e festejar. Em muitas aldeias, estas fogueiras são mantidas acesas ininterruptamente até ao Dia de Reis.

Sobre as fogueiras do Natal conta-se na região das Beiras uma lenda que procura integrar este costume com a história da Natividade. Eis a lenda:

Naquela noite de 24 dezembro alguns pastores da região de Belém dirigiam-se para casa, depois de um dia passado a apascentar o gado, quando o anjo da anunciação lhes apareceu. Os pastores quando viram o anjo assustaram-se.

O anjo, porém, disse-lhes:

— Não se assustem, pois eu trago-vos Boas Novas, que são de grande alegria. Hoje na cidade de David nasceu o Messias. Para que o reconheçam procurem por uma criança envolta em panos e deitada numa manjedoura.

O Anjo queria dizer que o menino Jesus encontrava-se num estábulo e os pastores, compreendendo as suas palavras, partiram à procura de um estábulo, por toda a povoação de Belém onde estivesse uma criança recém-nascida.

Encontrado o sítio os pastores reconheceram estarem perante o Messias e Rei do povo judeu, pelo que se ajoelham em devoção. Depois ficaram muito admirados com a pobreza do local e as simples vestes do menino, insuficientes para o proteger do frio. Perante isto trataram logo de arranjar maneira de resolver a situação, ido procurar galhos e acendendo uma fogueira à frente do humilde estábulo para iluminar o local e aquecer o menino Jesus. De seguida foram espalhar a notícia do nascimento de Cristo pelas povoações vizinhas, estabelecendo postos de vigília e de sinalização com fogueiras para indicar o

caminho e para aquecer todos os peregrinos que quisessem ir visitar o menino Jesus.

Assim nasceram as fogueiras de Natal.

AS JANEIRAS (*)

De Brito Camacho

[(*) Cantar as “Janeiras” é uma tradição em Portugal que consiste no cantar de músicas pelas ruas por grupos de pessoas anunciando o nascimento de Jesus, desejando um feliz ano novo. Esses grupos vão de porta em porta, pedindo aos residentes as sobras das festas natalícias. Hoje em dia, essas 'sobras' traduzem-se muitas vezes em dinheiro. Estes cantares geralmente ocorrem a partir de Janeiro (daí o nome), começando no dia 1 e estendendo-se até dia 6 (dia de Reis), embora haja regiões em Portugal onde começam logo após o dia de Natal e prolongam-se até ao final do mês de Janeiro.]

As Janeiras!

Se já restava pouco do madeiro do Natal, quando os ganhões chegavam do trabalho, arrumada a copa e a apeiragem, iam buscar um madeiro que o meu pai tinha escolhido no monturo da lenha grossa, e colocavam-no na chaminé, arrumado à parede. Este frete era geralmente pago com um copo de vinho, e bem o mereciam os desgraçados, porque alombavam com um madeiro pesando umas poucas de arrobas. Cozia-se sempre neste dia, e a última fornada de pão tirava-se já noite escura, às vezes com a ganharia à mesa para a ceia.

A cada janeireiro, homem ou mulher, dava-se um pão; aos jovens dava-se metade ou um quarto, conforme o seu tamanho, e às vezes, já no clarear da madrugada, havia necessidade de reduzir a esmola, pois não chegava para tanta gente o pão cozido. Tal havia que apanhava duas, três ou quatro esmolas, incorporando-se cm diferentes ranchos, e o mesmo rancho chegava a cantar duas vezes, mudando as vozes.

— São os mesmos que cantaram há bocadinho.

Quem ia levar a esmola, geralmente era uma criança, não se dispensava de dizer, mesmo que lhe não encomendassem

o sermão:

— Vossemecês ainda não há nada de tempo que aqui estiveram. Se cá voltarem, não levam esmola.

Que não; vossemecê está enganada, a gente chegou agora mesmo da vila, e ainda não cantámos em mais monte nenhum. Se quer ver o que trazemos...

Nenhum rancho denunciava outro rancho, embora nem todos fizessem a mesma coisa, a muitos repugnando uma tão descarada fraude, tanto mais que nela se envolvia Deus Nosso Pai, invocado a cada instante:

Lá vai uma, lá vão duas

Por cima do seu telhado.

Deus lhe dê muita fortuna

Ao pão que tiver semeado.

Se a noite estava escura, não se distinguiam as caras, e se havia um luar discreto, os homens escondiam a cabeça

na manta, as mulheres no xaile ou na mantilha, e assim realizavam a mistificação. Quando o criado que distribuía as esmolas avisava de que o pão, em menos de nada, estaria acabado, meu pai ordenava que dois ganhões dessem uma volta à roda do Monte, fiscalizando os ranchos, e era como se aparecessem guardas fiscais num campo onde manobrassem contrabandistas.

Lembro-me como se fosse ontem, e vão passadas umas poucas de dúzias de anos...

O compadre Cara-Rota, que era o abegão da casa, deixara-se ficar no Monte, para cantar as janeiras, e como aparecessem, já noite cerrada, os vizinhos da Bispa, o compadre João Catarino, o primo Francisco Manuel, que era um grande tocador de viola, e o lavrador da Granja, que era um grande tocador... De garrafa, armou-se uma mesa de jogo, à pedida, perdendo-se, nominalmente, as melhores herdades do concelho.

A certa altura o maricas do Narciso, que andava no serviço das esmolas, declara que estavam cantando uns homens que já tinham cantado duas vezes, e como ele lhes dissesse que escusavam de cantar porque não apanhavam

mais nada, eles ameaçaram-no de lhe bater, chegando um deles a atirar-lhe um sopapo, que por sorte o não apanhou.

— Estão bêbedos, com certeza.

Disse meu pai ao compadre Cara-Rota:

— Tenha paciência, compadre, dê uma voltinha lá por fora, a ver o que há.

O compadre Cara-Rota saiu, levando na mão um fueiro, e quando chegou à porta do Monte ainda os homens cantavam. Eram quatro, um já entrado em anos.

— Por os modos vocês tomaram as janeiras de empreitada, hem?

Os homens ouviram, mas não fizeram caso, e continuaram a cantar.

O compadre Cara-Rota foi-se aproximando, e como vissem que ele não estava com as mãos abanando, calcularam que podia armar-se sarilho se continuassem a cantar, e que, em todo o caso, mais esmola não apanhavam. Um deles, o mais pimpão, desenrolando-se da manta, e pondo ao ombro o bordão, disse para os companheiros:

— O melhor é a gente ir-se embora. A esmola que nos tinham dar, que a metam...

Já fora da calçada do Monte, virando-se para trás, disse ao compadre Cara-Rota, desafiando-o com insolência:

— O amigo não canta, mas pode ser que tenha as goelas secas. Se as quiser molhar, venha com a gente até ali à estrada, que ninguém lhe faz mal.

— Vão lá andando que eu já os apanho.

Entrou na casa dos ganhões, trocou o fueiro pelo cacete mais forte que lá encontrou, e ainda os janeireiros não tinham chegado à estrada, já ele lhes falava desta sorte:

— Qual de vocês é que tem a borracha?

— Somos nós todos — respondeu o que o desafiara.

Palavras não eram ditas, cai-lhe na cabeça uma bordoada que o fez ir a terra. Entraram todos na refrega, está bem de ver, mas o compadre Cara-Rota, ágil como um palhaço, não se deixava tocar, e das cacetadas que despedia nenhuma caía no chão. Durou a luta poucos minutos, saindo dela um dos janeireiros com a cabeça rachada, outro com braço

partido, e os outros muito bem zurzidos, mas sem nada quebrado.

— Então os homens, compadre Francisco?

— Fui-lhes levar a esmola ali à estrada, e lá se foram na paz do Senhor.

* * *

Era uma figura original, o compadre Cara-Rota, meu compadre de verdade, compadre de águas-bentas. Ninguém era mais desembaraçado do que ele no seu ofício — nem mais desembaraçado nem mais perfeito. Por este motivo tinha uma grande freguesia, chamado para todos os Montes, e na Vila, trabalhando na sua casa ou na casa dos outros, nunca se lhe acabava que fazer.

Era alto, desempenado, forte como as armas, multiplicando a força pela agilidade, de uma rara agilidade, o que lhe permitia brincar numa praça, com os touros, que eram quase sempre vacas, por forma a entusiasmar a

família. Tourada em que ele trabalhasse e o Esbandalha, era tourada de sucesso — como quando trabalhavam em Lisboa, na Praça de Sant'Ana, os manos Robertos. As vacas eram corridas desemboladas, e bandarilhas não se usavam no toureio da Província.

A sorte mestra, aquela em que o compadre Cara-Rota era exímio, na opinião de muitos inexcedível, era a do emplastro, que consistia em pegar à testa da rês, com mel, um quarto de papel, como se fosse um escrito num vidro. Corria como um gamo, e dava saltos como um ginasta de circo. Gostava da pândega, mas não era homem de bebedeiras, sempre lembrado de que tinha lá em casa uma filharada de que era o amparo e sustento. A sua grande paixão, dominante, avassaladora, era a caça.

Dizia o meu pai:

— Homem inviccionado na caça como o compadre Cara-Rota, não quero que haja outro.

Era muito rara a tarde em que ele não largava cedo o trabalho para ir matar um coelho, à espera, e pelo dia adiante, se ouvia tiros no Cabeço ou via passarem os

caçadores, não se importava mais com o que estava fazendo; metia as ferramentas na alcofa, e às escondidas, se podia ser, tirava de casa a espingarda, e polvarinho, a patrona, e pernas para que vos quero, até se meter na linha.

— Ora compadre Francisco, tudo o que é de mais não presta. Então vossemecê vê que tenho aí uma parelha à boa vida, e abala prá caça deixando o trabalho em meio?...

— Não se apoquente o Sr. Compadre que tudo se há de fazer a tempo e horas.

E fazia. Um bocadinho de serão, um bocadinho de madrugada e o compadre Cara-Rota tinha o serviço feito como se tivesse trabalhado sem descontinuidade.

* * *

Quer fosse às perdizes, no ar, quer fosse às lebres, na terra limpa, quer fosse aos coelhos, na charneca, poucos se explicavam como ele — peça visada era peça morta.

Gostava muito de caçar nas pontas, e ordinariamente, em jolda, as pontas eram feitas pelos melhores atiradores, sempre um bocadinho adiantadas, quase à espera da caça que se safava.

De uma vez, caçando na Daroeira, ia ele numa ponta e eu na sobreponta respetiva, pouco distante da orla do mato. Um mitra, empurrado pela linha, sai do mato, sorrateiramente, enfia para a terra limpa, correndo como um danado. O compadre Cara-Rota desfecha-lhe um tiro, e o coelho, se muito corria, muito mais passou a correr, mudando de rumo, enfiando por uma vereda, que marginava o mato. Lobrigo o figurão lá muito longe, e largo-lhe um. Tiro, sem grande confiança em que o chumbo lá chegasse. Ouviu-se o tiro, e viu-se o coelho, ao mesmo tempo, enrolar as patinhas, morto no meio da vereda. Fui buscar o coelho, muito satisfeito, tanto mais que destas me aconteciam poucas.

— Bem feita, Sr. Compadre!... Se eu tivesse vergonha não voltava a pegar numa espingarda.

Estava eu a empiolar o mitra quando o compadre Cara-Rota, como se lhe desse uma veneta, avança para mim, e

diz com o ar de quem procura responder a uma interrogação interior, ao mesmo tempo dolorosa e vexatória:

— Ó Sr. Compadre, faça favor, deixe-me ver uma coisa.

Pegou no coelho, olhou-o, voltou a olha-lo, apalpando-o muito bem apalpado, quase polegada por polegada, e com ele suspenso pelas orelhas, e espingarda encostada a uma carrasqueira, disse-me pausadamente, como se estivesse a desenvolver um raciocínio complicado:

— O Sr. Compadre atirou ao coelho um pouco de rabo, mas do lado esquerdo; eu atirei-lhe de atravessado, pelo lado direito, ia ele correndo, fora do mato, nesta direção... Só um podão que nunca tivesse pegado numa arma, erraria num caso destes. A verdade é que ele não ficou no meu tiro; meteu-se na vereda, e só quando o Sr. Compadre desfechou com ele, é que enrolou a copa e nunca mais se mexeu. Mas faça o Sr. Compadre favor de ver — o coelho não tem um bago de chumbo do seu lado e do meu lado tem uns poucos.

Era verdade. O coelho fora morto pelo compadre Cara-Rota e perante a evidência irrecusável eu dei sinais de mágoa embora não desabafasse em lamentações.

— Isto na caça, sucedem coisas que só vendo se acreditam. De uma vez, naquelas chapadas do Monte Grande que vão bater em Vale de Leitão, os cães ergueram uma lebre, muito adiante da linha de caçadores. Corria que parecia que tiniu asas nas patas, o bicho do diabo. Cada vez os cães lhe ficavam mais para trás, e quando ia chegando ao fim da ladeira, o João da Baroa larga-lhe um tiro, e a lebre fica estendida como uma pescada. O primeiro cão que lhe chega ao pé foi um podengo, atravessado de galgo, que tinha o António Joaquim, do correio, e que era um barra para trazer à mão.

— Foi um bago de chumbo desgarrado, que lhe deu num sítio mortal.

Passou-se vistoria ao bicho, e qual chumbo nem qual carapuça.

— Tinha morrido de susto?

— Não, senhor; tinha morrido de esfalfamento, com os bofes arrebentados.

* * *

A última vez que vi o compadre Cara-Rota já ele deitara os oitenta para trás das costas mas andava com desembaraço, aprumado como um rapaz. Recordei, mentalmente, os afastados tempos em que ele ia trabalhar ás Mesas, ainda novo e eu criança, e pareceu-me vê-lo de machado nas unhas, falquejando à esquina do Monte, largando tudo, a inchó ou o machado, se ouvia tiros no Cabeço.

Era muito alegre, muito divertido, sempre de bom humor, como se a vida lhe corresse em todos os momentos fácil e vantajosa.

Não era desordeiro, mas gostava de dar a sua castanha quando se lhe oferecia a ocasião.

De uma vez, logo no dia seguinte à feira de Santo António, apareceu no Monte um maltês, homem forte, de meia-idade, surdo-mudo de nascença. Para estes desgraçados a esmola era sempre mais avultada, por expressa ordem da minha mãe. Dava-se-lhes umas sopas, se as pediam, e levavam sempre um pão e conduto, geralmente um queijinho ou azeitonas.

— É uma grande infelicidade não ver, mas não ouvir nem falar é infelicidade ainda maior.

Quando a criada dava a esmola ao pobrezinho, o compadre Cara-Rota apareceu, em mangas de camisa, porque era assim que ele, mesmo no inverno, trabalhava no ofício. Viu o maltês, estacou, e como ele se dispusesse, recebida a esmola, a ir-se embora, desfechou-lhe esta pergunta:

— Há quanto tempo é que você é mudo?

O homem não se deu por achado, e a criada, rindo, comenta a pergunta.

— O Sr. Francisco sempre tem cada uma! Se o homem ouvisse, e fosse capaz de responder não era surdo-mudo...

O compadre Cara-Rota, não se importando com as filosofias da rapariga, repetiu a pergunta:

— Há quanto tempo é que você é mudo?

Ouvindo altercação à porta do Monte, acudiu minha mãe, a inquirir do que se passava.

— Não é nada, senhora comadre. Este desgraçado perdeu a fala, e eu vou-lha restituir com uma untura de marmelo no lombo.

Palavras não eram ditas, deita a mão a uma vara que estava ali peito, menos grossa que um bordão, e vá de zurzir o maltês, como se batesse em centeio verde. A minha mãe, espavorida, queria acudir ao infeliz, mas o compadre Cara-Rota, não atendia os seus rogos, e o maltês levava e encolhia-se, queixando-se por gestos e por guinchos.

— Ah ele é isso! Não queres falar?... Espera que eu já te arranjo.

Sacou da algibeira uma navalha, que abriu dando três estalinhos, e como fizesse aceno de avançar para o homem, disposto a cravar-lha no fole das migas, o maltês caiu de joelhos, a pedir misericórdia.

— Não me mate, pelo amor de Deus, que eu não fiz mal a ninguém.

— Ora esta! — dizia minha mãe, mal acreditando no que ouvia. — Quem havia de dizer...

— Dizia eu, senhora comadre, porque ainda ontem à noite vi este pardal numa barraca da feira, muito bêbado, ameaçando toda a gente, e desenrolando um palavreado que até envergonhava as pessoas.

* * *

Nos maus anos cerealíferos, todos os que eram capazes de perder uma noite, homens e mulheres, em romaria pelos Montes, saíam a cantar as janeiras, fazendo-se acompanhar dos miúdos pequenos, os que os tinham, para maior colheita.

Ou porque chovesse muito e as terras se encharcassem, afogando as sementes, ou porque chovesse pouco e as sementes murchassem, apenas salpicando a terra de

manchas verdes punctiformes, quando o ano agrícola se mostrava assim, nada prometedor, dizia meu pai, nas vésperas do Ano Bom: — Temos ano de Janeiras, a não ser que chova a cântaros.

Mesmo chovendo, e às vezes com um frio de bater o queixo, nos anos que se anunciavam maus, o gado a morrer de fome, a família sem trabalho, porque nem sequer havia erva nas searas, tornando necessária a monda, em anos tais, a concorrência de janeireiros era enorme, sobretudo não havendo barrancos a passar, que fossem cheios.

Os criados eram os primeiros a cantar as janeiras, à porta do Monte, e para eles a esmola era especial — pão alvo, chouriço para assar no espeto ou carne para uma friginada e vinho numa garrafa ou numa borracha, segundo o número.

Era quase certo que debutavam por esta cantiga:

Esta casa está caiada

Do telhado até ao chão;

Os senhores que nela moram

Deus lhes dê a salvação.

Também nós, eu e os meus irmãos, cantávamos as janeiras, e a minha mãe mandava-nos dar a esmola pelo postigo, como aos outros janeireiros, o que muito nos lisonjeava. Consistia a esmola em guloseimas, já divididas em porções, para evitar lutas fratricidas.

A gente de Messejana era a que chegava mais cedo, em ranchos, os homens enrolados nas suas mantas, as mulheres nas suas mantilhas, havendo geralmente em cada rancho uma cantadeira de fama, a Sofia, que era a mais pimpona de todas, a Bárbara Bonita, que por sinal era muito feia, mas trinava como um rouxinol... Que apitasse como os comboios.

A Sofia, que era poetisa a valer, repentista como o Bocage, não garganteava as habituais quadrinhas, de uma tão charra banalidade, a maior parte, que dificilmente se encontraria na grosseira urdidura de qualquer delas uma centelha de inspiração. Improvisava à porta dos Montes, de

modo que cantava só, e isso fazia com que a esmola do seu rancho fosse mais avultada. No despique ninguém lhe ganhava, a cantar uma noite inteira, nos arraiais, às vezes tendo de bater-se ao mesmo tempo com dois e três cantadores de reputação concelhia, mestres na desgarrada.

Tenho pena de não ter escrito algumas das quadras e decimais que a Sofia arquitetava sobre mote, dizendo-as sem hesitação, como se as tirasse da memória. Instruída e educada, a Sofia de Messejana estou que marcaria na literatura feminina do nosso País um lugar de relevo e distinção.

* * *

A Musa popular alentejana é pouco imaginosa; falta-lhe geralmente elevação de pensamento; falta-lhe elegância na expressão; falta-lhe correção na forma. A inspirar os janeireiros, pelo menos os que iam cantar às Mezas, nunca entalhava na música arrastada dos seus cantares uma quadrinha que tivesse o recorte simples mas elegante do

junquilho, a fragrância quase doce do mantrasto, a leveza pouco menos de imponderável da papoila. É ver por estas amostras:

Ó senhor lavrador

Vestido de saragoça;

Mande-me dar a esmola

Pela sua filha mais moça.

Quando eu aqui cheguei

Dei um tope num cortiço:

Logo o coração me disse

Que me dariam um chouriço.

Venho-lhe dar os bons anos

Que as boas festas não pude;

Venho a fim de saber

Novas da sua saúde.

O Sr. Manuel de Brito

Cordão de ouro no chapéu;

Quando vai para a igreja

Parece um anjo do céu.

Era pequeno o rol das cantigas janeireiras, de modo que o rancho que chegava, às vezes sem lhe alterar a ordem, repetia as do rancho que imediatamente o antecedera. Esta monotonia só era quebrada pela variedade das vozes, cada rancho formando um coro desafinado, em que seria difícil, senão impossível, uma classificação.

Se o frio era dos que enregelam, chegava-nos à chaminé, onde havia um lume que enchia de calor a casa toda, a tremura das cantadeiras, mal enroupadas, parecendo que o seu delgado fio de voz coalharia no ar, se não se calassem depressa.

Acudia minha mãe:

— Vão levar a esmola, e digam que não cantem mais.

Obtinha sempre um grande sucesso o rancho que cantava os três do oriente — os três desorientes — diziam os janeireiros, lengalenga que eu sabia de cor, e que se me varreu, quase por completo, da memória.

Começava assim:

Quem são os três cavaleiros

Que fazem sombra no mar?

São os três desorientes

Que a Jesus vêm buscar.

Não procuram por pousada

Nem onde o irão achar;

Procuram o Deus menino

Que nasceu para nos salvar.

Foram-no achar em Roma

Revestido no altar;

Missa nova quer dizer,

Missa nova quer cantar,

S. Pedro ajuda à missa,

S. João muda o missal.

O tio Rosa explicava que os três cavaleiros eram os três reis do Oriente, uma terra lá para os fins do mundo, os quais tendo notícia de que nascera Jesus, se puseram a caminho, para o adorarem. Como eram muito grandes, e montavam cavalos do tamanho de torres, faziam sombra no mar. Chegados à arramada onde Nossa Senhora dera à luz, aí souberam que o menino fora levado para Roma, porque Herodes era um grande malvado, e tinha dado ordens para o matarem. S. Pedro e S. João acompanhavam Jesus, e uma vez chegados a Roma perguntou-lhes o Papa o que desejavam. Vai então Jesus respondeu que desejava dizer missa na Igreja matriz, ao que o Papa anuiu, e como o sacristão tinha ido fazer um recado, S. Pedro e S. João ajudaram ao oficio divino. Veio Herodes a saber onde Jesus estava, e mandou lá buscá-lo, entregando-o aos judeus, que

o levaram à presença de Pilatos, pedindo a sua morte. Pilatos disse-lhes que não havia motivo nem razão para semelhante feito, mas que se o quisessem matar, o matassem, que ele lavava daí as suas mãos. Foi o Senhor pregado numa cruz, entre dois ladrões, e ressuscitou ao terceiro dia depois da morte, para nos remir e salvar.

Sucesso ainda maior alcançava o rancho que cantava a chamada oração das almas, lamúria fúnebre que era entoa tia muito lentamente, nenhuma voz excedendo o regime médio, e no coro predominando o baixo profundo, dando a impressão de vir a cantoria do interior das sepulturas, a coar-se por entre túmulos.

Só me recordo do começo desta oração

Acordai, ó acordai,

Desse sono tão profundo;

Que vos estão batendo à porta

As almas do outro mundo.

Esta oração era sempre ouvida em religioso silêncio, e dizia meu pai que uns homens de Ervidel a cantavam tão bem e com tanto sentimento, que não era fácil ouvi-los sem chorar.

As Janeiras!

Até à meia-noite ainda estava tudo a pé, no Monte, para ouvir os janeireiros, contrariando o velho hábito, raramente interrompido, de ir tudo para a sossega, mal engolida a ceia, e engolia-se a ceia ao acender as luzes. O meu pai, nalgum dos filhos cabeceando, ordenava-lhe que se fosse deitar — na cama é que se dorme — o que punha logo o dorminhoco gazil como um furão.

De vez em quando vinha uma roda de café, um copinho de águardente, um cálice de vinho abafado, para espertar, sendo estas bebidas acompanhadas de alguma trincadeira — bolos feitos naquele dia, nozes e figos comprados na feira de Castro, bolotas que tinham avelado numa alcofa, ao canto da chaminé, escolhidas umas no Poço Seco pelo compadre Rabino, escolhidas outras no Sabugueiro pelo compadre Bugado.

Amos e criados, destes os mais antigos na casa, os compadres, os afilhados, fraternizavam naquelas noites de festa; emparceiravam no jogo; comiam do mesmo prato; quase bebiam pelo mesmo copo; fumavam na mesma onça de tabaco. E não havia uma desatenção, uma falta de respeito, todos juntos e cada um. No seu lugar, a mesma alegria ingénua e franca iluminando todos os olhares, a mesma paz interior refletindo-se em todas as palavras e gestos.

Ficavam sempre dois criados de vela, até pela manhã, para darem as esmolas, e eu ficava com eles, rebelde ao sono, como se fosse atacado de espertina. Pela minha conta e risco — o risco era nenhum — cortava-se um chouriço já curado, e toca de o assar no espeto. Abria-se um pão alvo, pelo rebordo, e o pingo do chouriço ia embebendo o miolo, dando-lhe um gosto muito apreciável. A minha mãe, num descuido propositado, deixava algumas garrafas de vinho no armário aberto, e eu nenhuma hesitação tinha em ir buscar uma ou duas para que o pão e o chouriço não arranhassem as goelas dos meus convivas. La chamar

alguns criados de quem era mais amigo, e durava o bródio enquanto havia de comer.

— A minha mãe é capaz de me ralhar...

— Ora! O Sr. Compadre diz que foram os ratos que beberam o vinho enquanto a gente estava a escutar os janeireiros...

Os dias que medeiam entre as Janeiras e os Reis passava-os eu num alvoroto, que me valia alguns puxões cie orelhas, pois nada ouvia do que me diziam, e nada fazia do que me mandavam fazer.

Nunca obtive licença para ir cantar as Janeiras ou os Reis à Bispa ou às Refróias. Montes próximos e de gente amiga, nem mesmo oferecendo-se o compadre Rosa, para ir à minha companhia, garantindo que muito antes da meia-noite estaríamos de volta.

— Fiquem os senhores compadres descansados que não há de haver novidade.

Morro com este desgosto, dos maiores da minha vida... De menino!

* * *

As Janeiras! Os Reis!

Poucos, muito poucos são os Montes em que ainda hoje se dá esmola aos janeireiros, e por isso mesmo, além de várias razões de outra ordem, são cada vez menos os janeireiros que passam uma noite de Monte em Monte, cantando aquelas tradicionais quadrinhas que o leitor já conhece, e outras de igual valor poético, que se me varreram da memória.

Os tempos andam tão mudados do que foram!

Eu sinto-me tão diferente do que fui!

Estou a evocar estas recordações numa noite de janeiras, de vento fustigante e frio alpino, e precisamente quando suspendo a pena e fecho os olhos para que seja mais perfeita a evocação, a Otília, minha sobrinha, grita-me da porta do quarto, aos saltinhos, como uma rola na eira: — Tio! O chá está na mesa.

O chá, que naquelas eras, entre rurais pobres e abastados, só era tomado como remédio, para suar, e era de flores de sabugueiro!

O PAI NATAL

De Pina de Morais

O Pai Natal andava atarefadíssimo. E compreendia-se muito bem. Tratava-se da viagem à Terra e da distribuição de biliões de presentes a todos os mortais deste heroico planeta. O suor caía-lhe às bagadas e o lenço de Alcobaça que levara da visita do ano anterior, estava todo molhado das contínuas limpezas à sua respeitável calva.

O Menino Jesus tolhia-lhe os movimentos, constantemente a mexericar nos brinquedos mais vistosos, que o pobre Menino Jesus também quereria para si. Já lhe tinha dado algumas sapatadas nas mãozinhas, mas isso nenhum resultado deu em benefício da ordem.

Gostava de ser pontual; era uma das suas glórias, essa, de em milhares de anos chegar à Terra à meia-noite, ouvir os si nos de todo o planeta tocar festivos e os salmos

elevarem se das sombras das catedrais. Continuadamente arredava as barbas imensas com a mão de fortes cordoveias, e pela abertura do gibão vermelho, orlado de branco, procurava o grande relógio de ouro que consultava numa justificada inquietação. As impertinências infantis e adoráveis do Menino não eram nada, não o incomodavam. Havia outros embaraços e, estes sim, de certa importância. É que o Pai Natal era assediado com incríveis pedidos, de uma insistência que lhe fazia perder a bonomia.

Imensa gente queria ir com ele. S. Francisco de Assis lamentava-se profundamente, com humildade enternecedora, servindo-se da sua voz mais comovente. Com suavidade, pousando a mão de longos dedos descarnados sobre a manga farta do gibão vermelho do Pai Natal, ia dizendo:

Sabes lá que saudades eu tenho da Terra! Aqui, bem vês, a minha alma não tem violências a combater, nem ódios a aplacar. Que queres que eu faça no infinito da bem-aventurança? Não tenho feras a quem arranque os abrolhos, não posso continuar a minha sina de fazer os corações tão puros que se pudessem irmanar todos, como

um só coração, para o mundo. Bem sei que não tenho irmão lobo para afagar — ai de mim! Também não tenho a gratidão infinita dos homens, dos animais e das coisas.

A medo, vagamente esperançado que as suas palavras lhe tivessem tocado na alma, insistiu ciciando:

— Tu podias deixar-me ir! Bem sabes que quero a minha pobreza, quero vê-la com a mesma alegria do avarento pelo seu ouro. Bem sei que a ordem é terminante, mas a minha graça e a tua podem bem com um pequeno contrabando. Deixa-me ir no fundo do saco, o S. Pedro de ti não desconfia — acrescentou inclinando-se ao ouvido do Barbaças, convidando-o à cumplicidade.

A palavras loucas, orelhas moucas, isso é o que se diz lá na minha terra, lá em Portugal — respondeu o barba branca, impassível, enchendo, apressado, de brinquedos o saco infinito.

— Olha, não sejas impiedoso, bem vês, que houve uma grande injustiça que felizmente não creio irremediável, mas isto de não deixar vir os animais para aqui, é imperdoável.

E, com ar desolado, abrindo os braços.

— Nem sequer as avezinhas! Deixa-me ir ver a minha rica bicharada...

— Não há filosofia que me faça sair dos meus deveres — volveu o Pai Natal, um pouco agastado. E suspendendo um momento a sua fala para tomar o ar concentrado de quem espevita a memória:

— Já aqui há pouco tempo, coisa de uns mil anos, gastaste uma cera enorme sem resultado aliás, com aquela tua ideia de que no céu a bem-aventurança era um prémio excessivo para tão pequeno sacrifício feito lá em baixo; quase que me ias convencendo, mas desta vez não há pão quente. Está dito, está dito — rematou o Pai Natal terminante.

S. Francisco lança mão de mais um apelo, como quem queima o último cartucho. E como se não tivesse ouvido a ordem terminante do Pai Natal, largou com insistência e energia:

— Os homens não me chegaram a entender. Entenderam-me, sim, na sua bondade amada, a irmã Lua, a irmã Água e o irmão Fogo, mas os homens nunca se me entregaram

totalmente. E contudo o meu misticismo era mais doce e forte que a mais sólida razão, e abarcava tudo até o próprio infinito. Chegava até aqui onde nos encontramos porque é feito de almas e consciências.

O Pai Natal pôs as barbas em riste, o que era sinal da maior impaciência. Porém S. Francisco, sem se dar por achado, continuou:

— Pensas que quero ir fazer milagres? Isso não me interessa, acredita meu amigo. O milagre não chega para resolver o meu problema. O que eu quero, bondoso amigo, é espalhar a minha mística e a minha alegria por todo o mundo. Oh! Era por isso que eu tanto falava às aves como aos homens, às fragas como aos deuses. Tudo tem alma, a alma imensa que dá a luz universal e liga os mundos.

O Barbaçanas suspendeu o serviço e, com surpresa do santo, atirou-lhe à queima-roupa:

— Então tu estiveste outro dia ao serão a contar os sofrimentos que te magoaram quando te deu, com o delírio deambulatório, para meteres a eito e só, por umas serranias fora, onde ias deixando a pele... E também

encareceste as dores que te afligiram na tua doença e ainda querias voltar para tal peste... Hã ?!

S. Francisco ia a falar, mas o Barbaçanas, rematou em voz mais alta:

— Já sei o que me vais dizer. Vais dizer que a carne é um embaraço terrível, que nos diminui e perde, vais dizer que agora desprezarias totalmente a carne... Mas para cá vens de carrinho!

São Francisco tem o ar mais doloroso que se pode imaginar. Nos seus olhos cintilam lágrimas amargas e numa voz sombria e ardente, magoada de soluços, disse ainda:

— Peço-te que me acudas, porque de contrário acaba para mim a bem-aventurança. Porque o que me aflige — é esta consciência a clamar dentro de mim, sem se fatigar como um oceano, a clamar imperiosa e irrespondível contra esta quietação, contra esta minha dolorosa inutilidade, contra a minha trágica, condenada e desprezível inércia.

O Pai Natal comoveu-se por momentos mas... Nada disse.

Em face desta teimosia, quem teria o ousio de insistir? Calado, ali se ficou o S. Francisco, as mãos que as feras não

podiam mais lamber carinhosamente, metidas nas largas mangas do hábito sombrio, com que o vestiu El Greco, assistindo triste aos preparativos da viagem. Porém, a bondade infinita com que conseguia meter as mãos nos colmilhos indefesos das feras perdurava no seu coração e, lançando recurso da sua última possibilidade, com uma voz de rosas, foi dizendo, como se fora a monologar.

— É para sofrer ainda que quero ir! As chagas de Cristo que se abriram no meu corpo já me não doem e quero vê-las sangrar de novo!

O Pai Natal suspendeu o seu trabalho visivelmente comovido. Mas, de repente, como quem tem uma ideia inesperada, bate na testa com força e exclama:

— E se queres ficar lá em baixo? Hem? Quem é que te arranca outra vez para o céu? Nada! Isso são responsabilidades de mais. Aqui não se pode mentir, como tu sabes, isso seria um cúmulo nestes santos lugares, pensa nisto por amor de Deus!

E rematou inflexível:

— Não me comprometas!

Quando ia a meter no saco um comboio, a que nada faltava, locomotiva a trabalhar, passageiros, gares, sinaleiros, etc., ouve-se o Pai Natal resmungar.

— Lá vem outro! E então aquele que é todo efes-e-erres.

Era S. Jorge: armadura reluzente, lança primorosa.

— Deixa-me ir contigo! Tenho saudades dos dias de batalha. Esta lança é que disse as minhas melhores orações. Sabes lá a alegria de esquartejar dragões e, na noite silente, cavalgar no próprio campo de batalha onde o inimigo jaz destroçado para sempre! A Bem-aventurança — disse-lhe baixinho, curvando-se para o ouvido, receoso de que alguém ouvisse não é nada ao lado do triunfo deslumbrante com que a multidão me recebia quando regressava vitorioso no meu ginete de sangue ardente, galopando... Para que quero eu este elmo brilhante, esta viseira inútil e este peitoral recamado de glória e alegorias, onde resvalaram milhares de lanças? — disse o santo, batendo com o guante nas abas do volante, que tocou como um sino. Para quê a minha espada de aço de Livorno?

— O S. Francisco tem mais vagar que eu para te responder, vês ainda o que tenho para meter no saco? — e apontou com o braço ilimitados quilómetros de brinquedos, que às braçadas ia engolfando no saco sem fim.

S. Jorge manteve-se absorto, envolvido na luz dourada, onde a sua armadura brilhava como fogo. Parecia pensar. Subitamente, como quem toma uma decisão, puxa o braço do Pai Natal e diz-lhe à orelha:

— Já que me não deixas ir, queria pedir-te um grande favor.

— Às tuas ordens! — exclamou o Pai Natal desembaraçado.

— Podias trazer o meu retrato que Ticiano fez de uma maneira assombrosa. Não há cores mais ricas, nem sonho mais profundo. Avalias a alegria que me daria ao ver o meu cavalo de guerra, nobre como se lhe girasse nas veias sangue azul. Este teu criado cavalgando, nimbado de luz, jovem e amado! Que bem ficava aqui tamanha obra de arte! Ficaria a ser o teu escravo para sempre!

O Pai Natal passou a mão pela barba branca e, em seguida, cruzando os braços como quem tira satisfações:

— Ora o menino! Pensas que nasci ontem? Querias meter-me em boa! Querias que eu roubasse? Essa nem parece tua, a pequenada à espera dos brinquedos e eu pela tua causa às voltas com a polícia!

E rematou, com desdém:

— Juízo, meu amigo, juízo! — e batia com o indicador na cara, liquidando enérgico:

— A lei é a lei! Já sabes que não vais!

O Pai Natal vendo muitos santos da Corte Celestial assistindo impassíveis ao seu trabalho, irritou-se e exclamou, censurando com ironia:

— Mãos à obra, amigos! Ajudem-me! Se eu mandasse, vocês tinham de saber quanto custa o suor que se perde a ganhar o pão de cada dia!

Os santos começaram logo afanosamente a encher o saco milagroso, e a montanha de brinquedos diminuía a olhos

vistos. O S. Roque com aquela solenidade que toda a gente lhe conhecia, aproximou se do Pai Natal e ciciou:

— Estás arranjado! Vem ali a linda Maria Madalena!

— Deus me acuda! Isto com mulheres é mil vezes pior; o ano passado tive que me zangar a valer.

Maria Madalena aproximava-se naquele seu passo divino, tão leve, tão leve, que nem roçava nas tapeçarias, o cabelo negro como a noite, solto em onda que se dispersava nos ombros e depois em catadupa caía descendo das espáduas, vestiu do a cintura e rodando os quadris. O vestido de luar tecido, revelava desde o galho da perna à beleza do seio. De mãos cruzadas e de olhar imenso, belo da ternura humana com que chorou as dores de Jesus, parou junto do homem do gibão, com os lábios finos emudecidos num beijo eterno. O do gibão fez de conta que não era nada com ele e continuou a engolfar a sua preciosa mercadoria, deitando o rabo do olho suspicaz a espiar a visita.

Até que, numa voz onde à doçura da vida eterna se misturava ainda o fluxo ardente da paixão terrena, fluiu:

— Caridade sem amor; ofende. Os mártires morrem hoje sem compaixão e sem glória. Os crucificados não têm lágrimas ardentes, nem beijos sagrados para lhe caírem como joias sobre os pés doloridos e chagados. Morrem no seio da multidão como num deserto. Não chega nenhum soluçar ao seu ouvido a dizer-lhe amor, nem sequer os embalam como a crianças, as palavras magoadas e exangues que a dor vai esmagando nos meus lábios feridos. Não há linho mais fino que o das minhas tranças, o linho é inerte e nas minhas tranças corre impetuosa a vida da minha alma, que faz esquecer todos os sofrimentos. A cruz do Nazareno era tão alta e os meus pecados levaram-me para tão fundo, que não havia milagre que me deixasse aproximar das chagas das mãos e do rosto divino e sentir o travor do fel que os fariseus lhe tinham deixado nos lábios. Mas foi melhor assim, pois foi a derradeira das humildades para uma pecadora, enxugar de rojo aos pés da cruz o sangue divino com as minhas tranças e beijar os seus santíssimos pés.

— Quero ir, ouviste! — disse a santa inesperadamente e com energia.

O Pai Natal, delicadamente, tirou da cabeça o barrete pontiagudo de lã vermelha, gentileza raríssima no Barbaçana e, confuso, desculpou-se. Que não podia ser, que seria um desgosto inconsolável ter naquela idade de ser repreendido, que pensasse bem e que lhe perdoasse.

Na imensidade reboavam moldando-se pelo infinito os acordes da 5ª Sinfonia de Beethoven, desdobrando o clamar angustioso do homem no céu imenso, angustioso e trágico, mas ao mesmo tempo heroico na sua afirmação de vida — viver! Oh! Viver mesmo no mistério. Dá vontade de fechar os ouvidos para não sofrer com aquela interrogação mortificada a que ninguém responde e que penso ser um protesto contra a limitação que Deus impôs ao homem. Certas voltas de som parecem erguer o calvário de Apoio... Onde a beleza fosse crucificada... E o som foi-se pouco a pouco perdendo...

Santa Maria Madalena retirou-se suavemente como tinha chegado, mas com os olhos cheios de lágrimas.

O Pai Natal encolhia os ombros com pena, mas ia resmungando:

— Uma tragédia! Sempre estes incómodos!

E, depois, aborrecido, olhando em redor com receio de ser ouvido, exclamou:

— Mas que grandíssimo canudo!

Depois, ao longe, um vulto solene, mitrado, as longas vestes do seu hábito caindo majestosas, as longas barbas alvíssimas, o olhar de uma profundidade sem limites, como se abandonasse por momentos o quadro de Vieira Portuense, vem caminhando nimbado de luz, em direção ao burburinho que cerca o Pai Natal.

Este, que o declina ainda longe, exclama sentencioso:

— Respeito meus amigos, muito respeito! Reparem só quem ali vem — *Aurelianus Augustinus* — disse com ar superior dos seus conhecimentos de latim.

Todos olharam e emudeceram.

Santo Agostinho aproveitou este silêncio e disse ao Pai Natal, que tirara o barrete pontiagudo com humildade e interrompera o serviço:

— Ando muito triste — disse o maior doutor da cristandade —, ando muito triste porque o mundo se desligou das virtudes platónicas que criam a vida moral que são a própria vida. Os Estados transformaram-se em máquinas ferozes e atuam como monstros esmagando tudo, triturando tudo implacavelmente, no desprezo total das ideias vivas e eternas que dão alma ao mundo. Com o desprezo da razão, perde-se a lei e a moral, que servem de única estrutura à República das gentes. — E depois, num desabafo:

— A consciência e o Estado só podem viver felizes sob a mesma lei moral. Compreendes agora como o vasto mundo é triste!

As mãos do santo estremeciam e o seu olhar profundo tomou uma amargura tão impressionante, que o Barbaças se comoveu, embora não entendesse o que o santo lhe queria dizer.

Com respeito, continuou a ouvir:

— Convidei Platão e Descartes para virem comigo, para nos levares, mas estão descrentes da cruzada que procuro

empreender... Disseram-me que não valia a pena, o que me magoou. Bem lhes disse que o idealismo e o espiritualismo rolam na tempestade brutal que é a vida de cada um e de milhões, que as almas endurecem e se perdem inexoravelmente, num mar de agrores ilimitado. Platão ainda me disse: Os homens acabarão por me entender e amar — resposta dolorosa como vês. O resgate das almas mal começa. É preciso resgatar as almas para que o Estado as não devore. Entretanto devora-lhes a vida.

Nesta altura é que o Pai Natal atingiu onde queriam chegar as filosofias e sem perder o respeito, continuando de cabeça descoberta, audacioso, mas sem ocultar de todo a sua rebentina, foi dizendo:

— Divino santo perdoai-me! Mas a viagem é arriscada e a vossa idade merece todos os cuidados. Como vós sabeis, santo e sábio, logo se daria conta da vossa ausência e que havia de ser de mim, meu augusto santo?

O Pai Natal convencido de que estava a ganhar a partida, pediu licença para dizer:

— Se me permitis, meu senhor, um conselho de ignorante, rogava de joelhos, que espereis um momento, coisa de mil anos e se então — o que não creio — ainda não tiver aparecido a tal lei ou razão, ireis comigo, dar-me-eis essa honra.

O santo pareceu aquiescer e o Barba Branca recomeçou de gibão arremangado a encher a sacaria. Quando S. Agostinho já ia longe disse para S. Tomás que estava ao lado e ouvira parte da conversa:

— Deus me perdoe, mas não há nada mais simples do que intrujar um sábio. E era com estas que ele queria ir? Estava bem arranjado, bem se vê que não sabe onde se ia meter... Aquilo só por a chaminé como eu!

Continuou a encher os sacos e resmungou:

— Estou mas é para aqui a encher-me de pecados por causa destes senhores... Arranjo-a fresca!

Já tinha tudo pronto e passava a última inspeção com o olhar, quando S. Francisco de Assis chegou correndo, com um grande saco.

— Que temos — disse o Pai Natal, intrigado — hã?

— Já que me dão deixas ir, queria pedir-te para levares esta encomendinha.

O Pai Natal relanceou os olhos pelo saco e cofiando a barba:

— Encomendinha lhe chamas tu a essa bizarma!

— Toma-lhe o peso — disse o santo confundido com o receio de não lhe fazerem a vontade.

O Pai Natal deu o chão ao saco e verificou que pesava tanto como uma pluma.

— É extraordinário, S. Francisco, estou admirado para a minha vida, não pesa nada! Olha, S. Francisco, já agora desculpa, mas diz-me o que leva o saco, gostava de saber.

S. Francisco, compungido, explicou:

— É muito grande, pois é para deitares à terra inteira essas sementes que levas. Não tens nada que te enganar, porque eu escrevi aqui o que o saco guarda.

E apontou com o dedo longo e marfinado para os grandes caracteres da palavra «Bondade».

— Boa ideia, oxalá germine — disse o Barbaçana.

Como não havia tempo a perder, pegou na mão do Menino Jesus e meteu-se a caminho com grande inveja da Corte Celestial, que viera em peso ao bota-fora. Acenavam com os lenços enquanto se avistou o Pai Natal, com o Menino a reboque, até dobrar o ramo da parábola no espaço sem fim. Logo as estrelas se afastaram com donaire e a Via Láctea, como passadeira sideral, começou a desdobrar-se diante dos passos do Pai Natal, ajoujado de brinquedos e sorridente de ilimitada felicidade. O Menino Jesus tinha de correr a bom correr pela galáxia fora, para acompanhar o Pai Natal que, finalmente, deixara de responder à infinidade de perguntas que o Menino lhe ia formulando sem descanso.

O espetáculo era assombroso. Embora o visse todos os anos, o Pai Natal estacava sempre dominado por este prodígio sem nome. A Terra rolava com uma velocidade incalculável e as grandes cidades com miríades de luzes voltejavam num enxame loiro de endoidecer. A água dos oceanos refletia o céu estrelado, lucilando milhões e milhões de sóis em superfícies imensas que, já de si, eram brilhantes. Os rios arqueavam de prata fundida os

continentes como belas cinturas. Um Sol maior, o nosso, de todos os dias, envolvia meia Terra lanceolando-lhe um meridiano fantástico de golpes de luz que se perdiam no infinito.

O Menino Jesus espetou o dedinho e perguntou que bola era aquela.

O Barbaças, visivelmente arreliado com a dificuldade da resposta, disse-lhe:

— Que há de ser? Um girassol cá do jardim, tu não vês?

Tudo isto se passava num silêncio verdadeiramente infinito, irreal. Mundos que se moviam nas trajetórias mais fantásticas, sem contudo perderem o sincronismo no espaço inacreditável e com velocidades astronómicas. Só as sapatorras do Pai Natal faziam, no pasmoso silêncio astral, um barulho dos diabos, que ele não podia remediar.

— Esta chiadeira dos borzeguins é que me pode comprometer!

O Menino Jesus não deu conta da observação. Pestanejava quando mais cerca, no silêncio eterno, algum cometa passava inundando tudo de uma luz ardente e tão

veloz que a vista não o podia acompanhar. A lua branca e serena era a única nota de ternura calma naquela fantasmagoria sem nome. O silêncio transformava-se numa angústia, como se fora a alma inacessível da misteriosa imensidade.

Quando chegaram, caíam as doze badaladas na torre dos Clérigos. Quem se afirmasse bem, veria pelos telhados da cidade passar o gibão vermelho do Pai Natal, apressado, levando a reboque o Menino Jesus. De longe o gibão era uma nuvem rosada, que a brisa fosse rolando, como vela de barco, no mar ondulado dos telhados.

A alegria do Pai Natal! Ele sabia que os seus presentes realizavam o sonho — o sonho que só a divindade podia milagrosamente tocar — de tantos corações! Para os pequeninos, ao menos, naquele dia dava-lhes a certeza de que não havia sonhos vãos e que a existência é plena quando a um sonho se segue outro sonho, e das cinzas de um se erguem as asas para outro e sempre assim.

— É tão barato, afinal — verificava o santo com os seus botões.

O saco tinha de tudo: globos brilhantes, bonecos de mil formas, o mais vasto e fantástico jardim zoológico feito de peluches, tecidos e cartolina; comboios e aeroplanos, gramofones e relógios, lanternas mágicas e guizos prateados; pontes e viadutos, móveis de meio palmo e flores de papel; chocolates e caixas de música; polichinelos sempre gentis de cara de alvaiade e pierrots de alma apaixonada e face dolorida; joias de belo ouro, pulseiras e ocarinas; livros com as mais belas histórias do mundo e bailarinas leves como borboletas. E tão barato afinal!

O Menino Jesus ajudava como podia, acumulando os sapatos mais pequeninos que eram os da forma do seu pé.

Quando chegaram ao Barredo, desceram por uma chaminé a prumo e com dificuldade. O Pai Natal pôs-se a coçar a barba, intrigado, pois não via sapatos, nem presépio, nem árvore do Natal. O fogão, apagado, de tijolos desconjuntados, era como uma chaga. Há muito não queimara lenha. Em pregos, pendurada, roupa pobre e rota e as paredes escorrendo negra humidade.

O Pai Natal ficou angustiado, de mãos cheias de brinquedos rutilantes e as longas barbas trémulas de

comoção, com tanta miséria. Relanceou os olhos pela pobre quadra, para os abrir desmesuradamente ao dar com um berço feito de duas tábuas em meia lua, onde a roupa desenhava o pequenino volume de um corpo de criança.

O Menino Jesus ia a correr para o berço, mas o Pai Natal, pondo o indicador sobre o nariz, disse-lhe baixinho:

— Chiu! Não o acordes!

E foi ele, aliviado dos brinquedos, pé ante pé, até junto do berço. Desviou carinhosamente, com mil cuidados, o cobertor velhíssimo que cobria a criança. E apareceu-lhe, linda como os anjos, a figurinha doce de um menino de anéis loiros, profusos em toda a cabeça, invadindo as fontes até se espalharem um pouco pelo rosto, as pálpebras descidas sobre olheiras fundas e a boquinha exangue e impassível. Passa a sua larga mão a afastar o cabelo dourado do pequeno, para se afirmar melhor, e esta encontra a algidez do mármore nas breves feições.

A luz amanhecente desenha já os quadros da vidraça, são mais que horas de regresso. Mas o Pai Natal não cessa de

soluçar, a alma alanceada por tanta desgraça, caído de rodo sobre o chão.

Ouve-se uma vozinha suave mas decidida.

— Fico eu e leva esse menino para o céu!

E dizendo isto o Menino Jesus bateu as mãozinhas de alegria e deitou-se no berço.

— Leva-o para o céu, eu fico na Terra de onde nunca devia ter saído.

Quando o Pai Natal chegou ao céu, ao abrir o saco, saiu um lindo querubim, batendo as asas brancas, hesitantes como as das aves quando ensaiam voo ao abandonar o ninho.